

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS:

UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

EUNICE MARIA DAS DORES NICOLAU

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS:

UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

EUNICE MARIA DAS DORES NICOLAU

ORIENTADOR: MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

- Belo Horizonte -

1984

Para  
Fábio Nicolau

Aos informantes, indispensáveis colaboradores.

*A língua, sendo expressão do homem,  
evolui com o homem, com os costumes  
e os ideais da coletividade que ela  
exprime.*

( PIERRE GUIRAUD)

## O meu agradecimento

A todos que, de alguma forma, colaboraram para a minha formação acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos a mim concedida.

À professora Ivana Versiani Galéry, que me abriu os primeiros caminhos para os estudos sociolinguísticos.

À professora Ângela Vaz Leão, pela confiança e pelo incentivo.

Aqueles que possibilitaram o contato com os informantes.

À Cláudia Machado Valente, que de maneira simpática se responsabilizou pela execução do Sistema VARBRUL 2.

Ao PLAMBEL, pelas valiosas informações fornecidas.

À professora Marlene Machado Zica Vianna, pelo esmerado trabalho de revisão

A Jorge Luiz de Oliveira Munhoz, pelo empenho no árduo trabalho de datilografia.

A Wagner Siqueira Bernardes, com quem aprendi a não ignorar os meus limites e a respeitar a força do tempo.

Aos professores,

colegas,

parentes,

e amigos

que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer especialmente ao mestre, orientador e amigo,  
MARCOANTÔNIO DE OLIVEIRA, que não permitiu a simples herança, mas,  
através da segurança e do respeito, soube estimular a conquista.

*Quem herda não ama  
como quem conquista.  
Quem apenas colhe os frutos  
não goza do sabor que caminha  
com o suor e o sangue do tempo.*

(ROODNEY MORAIS)

## S U M Á R I O

	Página
Capítulo 1 - <u>Introdução</u> .....	1
Capítulo 2 - <u>O Quadro Social da População Pesquisada</u> .....	9
1 - Considerações preliminares.....	10
2 - A área na qual foram coletados os dados....	14
3 - Os grupos de informantes.....	20
4 - Conclusão.....	26
Capítulo 3 - <u>Procedimentos Metodológicos</u> .....	30
1 - A coleta dos dados.....	31
2 - O levantamento dos dados.....	31
3 - A análise dos dados.....	32
3.1 - O modelo utilizado na análise.....	32
3.2 - O tratamento dos dados.....	36
3.3 - A interpretação dos valores obtidos.	33
Capítulo 4 - <u>A regra de concordância verbal em português</u> ....	41
1 - Apresentação do problema.....	42
2 - As diversas abordagens encontradas na lite- ratura.....	43
2.1 - Estudos fundamentados na língua <u>es-</u> <u>crita</u> .....	43
2.2 - Algumas abordagens fundamentadas na língua <u>oral</u> .....	44
2.2.1 - A ausência de concordância verbal: o resultado de simplifi- cação no sistema de flexões.	44
2.2.2 - A ausência de concordância verbal: o efeito de uma regra morfo-sintática <u>variável</u> ....	52

2.2.3 - A ausência de concordância verbal: um exemplo de interação entre processos variáveis, fonológicos e morfo-sintáticos.....	57
3 - Uma discussão em torno de algumas das diferentes posições.....	65
4 - Conclusão.....	72
Capítulo 5 - <u>As variáveis</u> .....	77
1 - A variável dependente.....	78
2 - As variáveis independentes.....	79
2.1 - A constituição morfológica da forma verbal.....	81
2.2 - O ambiente fonológico que sucede ao verbo.....	88
2.3 - A posição do SN sujeito em relação ao verbo.....	88
2.4 - A constituição do SN sujeito.....	92
2.5 - O estilo de fala.....	93
2.6 - As variáveis sociais.....	95
3 - Conclusão.....	96
Capítulo 6 - <u>A análise dos dados</u> .....	102
1 - A significância dos grupos de fatores inicialmente considerados na ausência de concordância verbal.....	103
2 - A análise estrutural.....	108
2.1 - A constituição morfológica da forma verbal.....	108

	página
2.1.1 - A relevância da diferença fônica que distingue singular/plural.....	108
2.1.2 - As formas verbais que favorecem a ausência de concordância.....	116
2.1.2.1 - A ausência de concordância como resultado da interação entre processos variáveis.....	117
2.1.2.2 - Os verbos nos quais a ausência de concordância resulta apenas a não-aplicação da Regra 1 .....	124
2.2 - O ambiente fonológico que sucede ao verbo.....	127
2.2.1 - Os primeiros resultados obtidos.....	127
2.2.2 - O ambiente fonológico que sucede ao verbo e a ausência de concordância nos verbos "regulares".....	129
2.2.3 - O ambiente fonológico que sucede ao verbo e a ausência de concordância nos verbos "não-regulares".....	131

	página
2.2.3.1 - A influência do ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância e a realização da concordância <u>não-padrão</u> nas formas de pretérito <u>perfeito</u> .....	132
2.2.4 - Conclusão.....	134
2.3 - A posição do SN sujeito em relação ao verbo.....	137
2.4 - A constituição do SN sujeito.....	139
3 - A análise não-estrutural.....	145
Capítulo 7 - Conclusão.....	158
Referências Bibliográficas.....	161
Anexos .....	167

## ÍNDICE DAS TABELAS

	página
TABELA 2-1 : As áreas nas quais foram coletados os dados....	18
TABELA 2-2 : Algumas distinções estabelecidas através da PPM para os habitantes das áreas pesquisadas.....	19
TABELA 2-3 : Algumas características dos informantes do grupo <u>B</u> (baixo padrão de vida).....	21
TABELA 2-4 : Algumas características dos informantes do grupo <u>O</u> (operários).....	22
TABELA 2-5 : Algumas características dos informantes do grupo <u>M</u> (médio padrão de vida).....	23
TABELA 2-6 : Algumas características dos informantes do grupo <u>A</u> (alto padrão de vida).....	24
TABELA 2-7 : O grau máximo de escolaridade esperado, em relação à idade.....	25
TABELA 2-8 : Os níveis de educação apresentados pelos quatro grupos de informantes observados.....	26
TABELA 3-1 : Valores de <u>Qui-Quadrado</u> .....	35
TABELA 4-1 : Sumário das transformações propostas por GUY para as vogais átonas finais portuguesas.....	61
TABELA 5-1 : Categorizações NEO-CODE e NEAMAL, utilizadas por LEMLE e NARO(1977).....	83
TABELA 5-2 : Categorização dos fatores incluídos na variável <u>constituição morfológica da forma verbal</u> .....	87
TABELA 5-3 : Categorização dos fatores incluídos na variável <u>posição do SN sujeito</u> .....	91
TABELA 5-4 : Categorização dos fatores incluídos na variável <u>constituição do SN sujeito</u> .....	93
TABELA 5-5 : Codificação das variáveis e dos fatores considerados na análise da concordância verbal.....	97
TABELA 6-1 : Número de casos, número e porcentagens de ausência de concordância verbal nos oito grupos de fatores.....	103

TABELA 6-2 : Número de casos, número e porcentagens de ausência de concordância verbal no grupo <u>constituição morfológica da forma verbal</u> .....	104
TABELA 6-3 : Primeiros resultados obtidos através do PRV para a ausência de concordância verbal (rodada A).....	105
TABELA 6-4 : Significância de cada grupo de fatores na ausência de concordância verbal.....	107
TABELA 6-5 : Resultados obtidos em diversos trabalhos segundo os quais os verbos " <u>regulares</u> " se comportam diferentemente das outras formas verbais, em relação à ausência de concordância verbal.....	109
TABELA 6-6 : Significância dos fatores do grupo <u>constituição morfológica da forma verbal</u> na ausência de concordância.....	110
TABELA 6-7 : Diferenças na influência dos fatores <u>estruturais</u> na ausência de concordância verbal, em relação aos verbos " <u>regulares</u> " e aos verbos " <u>não-regulares</u> ".....	112
TABELA 6-8 : Probabilidades de ausência de concordância verbal, considerando apenas três níveis de saliência fônica no grupo <u>constituição morfológica da forma verbal</u> .....	113
TABELA 6-9 : Número de casos, número e porcentagens de ausência de concordância, número e porcentagens de casos com concordância.....	118
TABELA 6-10: Ausência de concordância verbal entre as formas de pretérito perfeito do indicativo.....	120
TABELA 6-11: O comportamento das diferentes formas de pretérito perfeito em relação à ausência de concordância e à realização da concordância <u>padrão</u> .....	121

	página
TABELA 6-12: O comportamento das diferentes formas de <u>pré- térito perfeito</u> em relação à realização da concordância <u>não-padrão</u> .....	121
TABELA 6-13: Porcentagens e probabilidades de não-aplica- ção da Regra 1 nas formas de <u>pré- térito perfeito</u> do indicativo e nos verbos cujas termina- ções são tônicas, numa rodada em que foram <u>in- cluídos</u> os verbos " <u>regulares</u> ".....	125
TABELA 6-14: A não-aplicação da Regra 1 nos verbos " <u>não-re- gulares</u> " distribuídos em dois subgrupos, P e A.	126
TABELA 6-15: O comportamento dos fatores inicialmente con- siderados no grupo <u>ambiente fonológico que su- cede ao verbo</u> , em relação à ausência de <u>concor- dância verbal</u> .....	128
TABELA 6-16: A influência do <u>ambiente fonológico que sucede ao verbo</u> sobre a ausência de concordância, nos verbos " <u>regulares</u> ".....	130
TABELA 6-17: A influência do <u>ambiente fonológico que sucede ao verbo</u> sobre a ausência de concordância, nos verbos " <u>não-regulares</u> ".....	131
TABELA 6-18: A influência do <u>ambiente fonológico que sucede ao verbo</u> sobre a ausência de concordância e so- bre a realização da concordância <u>não-padrão</u> , nas formas de <u>pré- térito perfeito</u> do indicativo.....	133
TABELA 6-19: A influência da <u>posição do SN sujeito em rela- ção ao verbo</u> sobre a ausência de concordância.	137
TABELA 6-20: A influência da <u>constituição do SN sujeito so- bre ausência de concordância</u> .....	140
TABELA 6-21: A influência da <u>constituição do SN sujeito so- bre ausência de concordância</u> , nos verbos " <u>re- gulares</u> ".....	142

TABELA 6-22: A influência da <u>constituição do SN sujeito</u> sobre a ausência de concordância, nos verbos " <u>não-regulares</u> ".....	143
TABELA 6-23: Porcentagens de ausência de concordância, considerando-se, simultaneamente, a <u>posição do SN sujeito em relação ao verbo</u> e a <u>constituição do SN sujeito</u> .....	144
TABELA 6-24: A influência dos fatores <u>não-estruturais</u> sobre a ausência de concordância verbal.....	146

## ÍNDICE DAS FIGURAS

	página
FIGURA 6-a:A distribuição social da ausência de concordância verbal.....	147
FIGURA 6-b:A ausência de concordância verbal, segundo o <u>grupo social</u> e a <u>idade</u> .....	148
FIGURA 6-c:A ausência de concordância verbal, segundo o <u>grupo social</u> e o <u>estilo de fala</u> .....	149
FIGURA 6-d:A ausência de concordância verbal no contexto FORMAL, segundo o <u>grupo social</u> e a <u>idade</u> .	150
FIGURA 6-e:A ausência de concordância verbal no contexto INFORMAL, segundo o <u>grupo social</u> e a <u>idade</u> .....	151
FIGURA 6-f:A ausência de concordância verbal no contexto FORMAL, segundo o <u>grupo social</u> e o <u>sexo</u> ....	153
FIGURA 6-g:A ausência de concordância verbal no contexto INFORMAL, segundo o <u>grupo social</u> e o <u>sexo</u> ....	153

## RELAÇÃO DOS ANEXOS

Anexo I - Planta Polivisual de Belo Horizonte.

Anexo II - Planta da cidade de Belo Horizonte dividida em SETORES PPM.

ANEXO III- Fragmento da planta do SETOR 23N (Área 1).

Anexo IV - Fragmento da planta do SETOR 44N (Área 2).

Anexo V - Fragmento da planta dos SETORES 3N e 9N (Área 3).

Anexo VI - Fragmento da planta do SETOR 13N (Área 4).

Anexo VII- Roteiro de Entrevista.

Anexo VIII- Codificação usada para identificação dos dados analisados.

## R E S U M O

Nesta dissertação, foi analisado o problema da concordância entre o verbo e o SN sujeito de terceira pessoa do plural, no português coloquial de Belo Horizonte, utilizando-se um *corpus* constituído de 1.913 dados obtidos através de 32 horas de entrevistas individuais, gravadas. Foram observados falantes de quatro grupos sociais diferentes, de ambos os sexos e distribuídos em dois grupos etários distintos. Os dados foram submetidos a duas análises complementares — uma qualitativa e outra quantitativa.

De acordo com os resultados encontrados, a ausência de concordância mostra-se sensível a condicionamentos estruturais e não-estruturais, pode ser caracterizada como uma variável estável e é, significativamente, mais freqüente nos verbos "regulares" (fala/falam, come/comem, faz/fazem etc.) do que nos verbos "não-regulares" (as formas de pretérito perfeito do indicativo e os verbos que apresentam terminação acentuada).

A explicação para esse último resultado são as evidências de que a ausência de concordância, nos verbos "não-regulares", deve-se, exclusivamente, à não-aplicação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal, enquanto, nos verbos "regulares", resulta da interação entre processos variáveis — uma regra morfo-sintática sincrônica e alguns processos fonológicos diacrônicos.

CAPÍTULO 1 : I N T R O D U Ç Ã O

No presente trabalho, eu me proponho a analisar, na modalidade falada do português de Belo Horizonte, o problema da concórdância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito plural, de terceira pessoa.

A minha proposta, em primeiro lugar, justifica-se a partir da constatação de divergência entre a variedade lingüística usada pelos falantes dessa comunidade e a variedade "padrão", que a escola tenta lhes transmitir. Estou convencida de que o conhecimento da diversidade lingüística é fundamental na busca de solução para a maior parte dos problemas encontrados por nós, professores, no ensino da língua portuguesa. Tal ponto de vista, longe de constituir uma inovação, apóia-se em inúmeras e sérias considerações sobre o assunto. Entre essas considerações destaca-se a de CUNHA (1976:46), que afirma:

*Uma perfeita visão das formas da língua falada, sabemos todos, é indispensável para que possamos ter uma idéia mais concreta da deriva do idioma, do que nele vive e do que foi superado dos pontos suscetíveis de rutura, é para que, sobre essa realidade, venhamos a estabelecer normas executáveis e não continuemos a entorpecer o ensino com aquilo que, hoje está morto e frio.*

Também MOTTA (1979:7), após questionar o papel da nossa escola quanto à transmissão do padrão "culto" oral, conclui que a tentativa de ensinar a variedade de prestígio acaba por eliminar os antigos hábitos lingüísticos trazidos pelo aluno, que adquire a preocupação de falar diferente da sua comunidade. Essa necessidade de ocultar as origens dialetais, segundo a autora, leva a hipercorreções que, por sua vez, acarretam o crescimento de barreiras que separam, dos grupos de *status* mais elevado, o indivíduo das camadas socialmente mais baixas. E, para que isso não ocorra, o ensino deve partir da realidade lingüística do aluno, o que só é possível se se to-

mar como base o conhecimento da diversidade lingüística.

Em segundo lugar, a minha proposta leva em conta os estudos lingüísticos mais recentes, que têm enfatizado as relações entre língua, cultura e sociedade, insistindo no caráter instável da língua, reconhecidamente tomada como um dos elementos mais importantes de uma cultura. Quanto a isso, diz MELO (1981:20):

*Realmente os lingüistas do século XX, em análises profundíssimas e seguríssimas, têm salientado exatamente o que há nas línguas de indeterminado, de imprevisível, de humano, enfim. A língua tem sido considerada como fenômeno de cultura, portanto sujeita às leis de subsistência e sucessão das culturas.*

MELO lembra, ainda, que :

*(...) Bally (...) desenvolve a tese de que a verdadeira língua é a língua viva, matizada das cores do sentimento, reflexo direto das palpitações da vida, individual e coletiva.*

Essas concepções lingüísticas mostram-se de pleno acordo com a teoria de SAUSSURE (1955:25), para quem a língua

*C'est à la fois un produit social de la faculté du langage et un ensemble des conventions nécessaires, adoptées par le corps social pour permettre l'exercice de cette faculté, chez les individus.*

Essa mesma direção é também tomada por MEILLET ( cf. WEINREICH, U., W. LABOV e M. HERZOG, 1968:176), para quem:

*Language is a institution with an autonomy of its own; one must therefore determine the general conditions of development from a purely linguistic point of view;...but since language is [also] a social institution, it follows that linguistics is a social science, and the only variable element to*

*which one may appeal in order to account for a linguistic change is a social change, of which language variations are but the consequences — sometimes immediate and direct, and more often mediated and indirect. (1906a: 17)*

Sendo assim, encarada como fato humano, a língua, antes concebida como um sistema bem determinado e uniforme, passa a ser vista, então, como um sistema heterogêneo, ao qual é inerente a variação. E para LABOV (1972:Cap.8), grande número de variações tidas como "casuais" podem ser explicadas como variações resultantes de determinados condicionamentos. Segundo ele, não existem regras opcionais e sim, regras variáveis; maneiras alternativas de se dizer uma mesma coisa, desde que não sejam previsíveis na fala das pessoas, constituem uma variável lingüística. LABOV insiste na necessidade de se verificarem as condições sob as quais se manifesta uma determinada variação, uma vez que há influência contínua e mensurável de fatores estruturais e sociais sobre a variação lingüística, que pode representar uma mudança em progresso ou constituir uma variável estável. No primeiro caso, a mudança apresenta maiores índices de realização nos grupos sociais centrais — padrão curvilíneo — e entre os falantes mais jovens, que utilizam mais a inovação do que as gerações anteriores — evidência do tempo aparente. A essas duas evidências associa-se a observação das transformações ocorridas ao longo do tempo — tempo real. No segundo caso, as freqüências de ocorrência ligam-se à noção de prestígio. Assim, a variável prestigiosa ocorre mais freqüentemente nas classes mais altas, e a variável não-prestigiosa, nas classes mais baixas — padrão não-curvilíneo. Além disso, não há qualquer relação entre a variável estável e o fator idade.

Enfim, ao contrário dos gerativistas que, voltados para a Competência, pretendem uma teoria lingüística fundamentada na existência de uma comunidade homogênea, de um falante ideal, LABOV,

mais interessado no Desempenho, propõe a incorporação dos dados da variação no conjunto de dados para se construir a gramática. Na sua concepção, portanto, de nada vale apenas constatar que uma regra ora se aplica, ora deixa de se aplicar; é preciso que se identifiquem os fatores que favorecem ou inibem a sua aplicação. E, já que a teoria parte dos dados fornecidos pelo falante, tais fatores, que podem tanto ser lingüísticos quanto sociais, devem ser estudados através de uma análise quantitativa de dados levantados na comunidade de fala, levando-se em conta a proporção de casos nos quais uma forma ocorre e o número de casos em que essa forma poderia ocorrer, na fala das pessoas.

Essas posições ressaltam, então, que o uso da língua está estreitamente relacionado com as condições sociais do falante. Assim, a variação lingüística não pode ser analisada isoladamente, sem se levar em conta o contexto social no qual ela se processa. Em outras palavras, o aspecto humano da língua não pode ser negligenciado pela Lingüística, e o falante não pode ser ignorado. Tais posições é que deverão orientar a análise desenvolvida no presente trabalho; ou seja, nesta dissertação, eu parto dos seguintes pressupostos teóricos:

- 1º) A língua, por ser um fato humano, é instável e heterogênea.
- 2º) A variação é inerente ao sistema lingüístico e, por isso, não pode ser ignorada na formulação da teoria lingüística, que deve partir dos dados fornecidos pelo Desempenho do falante.
- 3º) Essa variação, que pode representar uma mudança em progresso ou constituir uma variável estável, é condicionada por fatores lingüísticos e não-lingüísticos.

Finalmente, a escolha do problema a ser analisado neste trabalho foi motivada por alguns estudos anteriores, nos quais se faz presente a proposta de se identificarem os condicionamentos lingüísticos e sociais responsáveis pela freqüência de aplicação da regra de concordância verbal, no português coloquial do Brasil. Tais estudos, embora constituam valiosas contribuições para o conhecimento da nossa língua, apresentam alguns pontos que, na minha opinião, merecem ser reanalisados. A presente análise buscará, portanto, complementar esses estudos, partindo de algumas ponderações neles encontradas. Assim, de acordo com LEMLE e NARO (1977), o estudo da concordância verbal é de grande importância para o conhecimento dos fatores que determinam a mudança lingüística e das condições sob as quais uma mudança lingüística se origina e se propaga. E, na opinião de MOTTA (1979:49-65), embora não sendo a presença de flexão indispensável na ligação dos elementos da estrutura SV/SN sujeito, a falta de concordância verbal, além de ser um dos hábitos lingüísticos mais estigmatizados socialmente, é um dos que a escola mais se empenha em padronizar. Afirma a autora que a regra de concordância verbal, em português, é uma regra variável, cuja freqüência de aplicação encontra-se intimamente ligada ao nível sócio-econômico do falante. Acrescenta ainda MOTTA que se, por um lado, a sanção social contribui para a manutenção da aplicação dessa regra, por outro, muitos são os fatores que contribuem para que ela não se aplique. E diz:

*O estudo da regra de concordância em português oferece bastante interesse para a observação da variabilidade lingüística, pois as regras variáveis podem implicar em mudança lingüística: a redução progressiva de aplicação de uma regra categórica, durante gerações, pode condicionar a fixação de novas regras para um determinado fenômeno.*

Ao delimitar o problema que constitui o objeto da presente análise foi, então, considerado o seguinte:

- 19) A regra de concordância verbal, em português, é uma regra variável;
- 29) Essa regra não pode ser tratada como o faz a nossa norma pedagógica, que segue uma gramática inferrida da análise de uma variedade lingüística distante da utilizada, inclusive, pelos atuais escritores brasileiros;
- 39) Não basta admitir que a regra de concordância verbal, em português, aplica-se em determinados casos e, excepcionalmente, em outros, deixa de se aplicar por razões semânticas e estilísticas, mas é urgente a necessidade de se identificarem os fatores lingüísticos e não-lingüísticos que favorecem ou inibem a aplicação dessa regra.

O que eu pretendo através deste trabalho é, portanto, verificar que fatores interagem na determinação do uso das variantes lingüísticas, no que se refere à regra de concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito plural, de terceira pessoa, no dialeto de Belo Horizonte.

Com base nos trabalhos de LABOV (1972), NARO e LEMLE (1977), LEMLE E NARO (1977), MOTTA (1979), NARO (1980) e GUY (1981), parto, então, da hipótese de que a variação da regra morfo-sintática de concordância verbal, no português coloquial do Brasil, é condicionada pelos fatores estruturais — estrutura morfológica da forma verbal, ambiente fonológico que sucede ao verbo, constituição no SN sujeito e posição desse SN na frase — e pelos fatores não-estruturais: sexo, idade, grupo social e estilo de fala.

Para a realização do presente trabalho, observei falantes de quatro grupos sociais diferentes, tentando fazer com que tais

grupos fossem representativos dos diferentes estilos de vida verificados entre os habitantes de Belo Horizonte. Foram selecionados oito informantes de cada grupo, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Em cada um desses subgrupos, figuraram dois informantes jovens (com idade entre 14 e 18 anos), nascidos em Belo Horizonte, e dois informantes adultos (com idade superior a 35 anos), também belo-horizontinos ou residentes nesta capital há, pelo menos, doze anos. Foram gravadas 32 horas de entrevistas individuais, que constituem a amostra da pesquisa. Todas as estruturas contendo verbo e SN sujeito plural, de terceira pessoa, encontradas nessa amostra foram analisadas qualitativa e quantitativamente. A análise quantitativa foi feita com a utilização de testes e programas estatísticos que serão descritos no capítulo dedicado aos procedimentos metodológicos adotados nesta dissertação.

## CAPÍTULO 2 : O QUADRO SOCIAL DA POPULAÇÃO PESQUISADA

## 1. Considerações preliminares

A análise proposta na presente dissertação tomará como base dados coletados entre falantes da cidade de Belo Horizonte.

Fundada em 1897 e, desde o início, projetada para ser a capital do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte é hoje a terceira maior cidade brasileira, com cerca de três milhões de habitantes em sua área metropolitana, que reúne quatorze cidades vizinhas, transformadas em municípios-satélites (Anexo I).

De acordo com LABOV(1972), os estudos lingüísticos realizados nas áreas urbanas não podem se basear em dados fornecidos por informantes selecionados arbitrariamente; ou seja, deve-se, em primeiro lugar, efetuar a descrição da população pesquisada para, em seguida, selecionar um grupo representativo dessa população. Considerando tal orientação, iniciei o presente trabalho tentando descrever a organização social da população belo-horizontina, uma vez que não foi encontrado qualquer estudo sistemático sobre esse assunto. Constituiu dificuldade inicial dessa tarefa a grande confusão encontrada na literatura específica acerca do conceito de classe social. Quanto a isso diz FERNANDES(1977:173).

*O conceito de classe social tem sido empregado em diferentes sentidos. Alguns autores usaram (e continuam a usá-lo) para designar qualquer tipo de estrato social, hierarquizado ou não como equivalente do conceito mais amplo de "camada social". Há autores que o utilizam de maneira mais restrita, para designar estratos sociais que se caracterizam pela existência de uma comunidade de interesses, mais ou menos percebidos socialmente, e quase sempre associados a relações de dominação, de poder político e de superposição (também baseadas em diferenças de prestígio social e de estilo de vida). Por fim, existem autores que o aplicam com um máximo de especificidade histórica, para designar o arranjo societário inerente ao sistema de produção capitalista.*

O conceito de classe social depende, então, da perspectiva de análise na qual se fundamenta o autor. Assim, segundo MARX(1981:1.012):

*Os proprietários de mera força de trabalho, os de capital e os de terra, os que têm por fonte de receita, respectivamente, salário, lucro e renda fundiária, em suma, os assalariados, os capitalistas e os proprietários de terras, constituem as três grandes classes da sociedade moderna baseada no modelo capitalista de produção.*

Também para SANTOS (1983:41),

*Por classes sociais se entenderão os agregados básicos de indivíduos numa sociedade, os quais se opõem entre si pelo papel que desempenham no processo produtivo, do ponto de vista das relações que estabelecem entre si na organização do trabalho e quanto à propriedade.*

Entretanto, diz POULANTZAS (1977:97-9) que:

*Se nos fixamos nos modos de produção, unicamente, examinados de maneira "pura" e abstrata, cada modo de produção comporta duas classes: a classe exploradora, política e ideologicamente dominante, e a classe explorada, política e ideologicamente dominada: (...) burgueses e operários (modo de produção capitalista).*

*Mas uma sociedade concreta, uma formação social, comporta mais de duas classes, na medida mesmo em que está composta de vários momentos e formas de produção. (...) os critérios puramente econômicos não bastam para determinar e localizar as classes sociais numa formação social concreta. A referência dos critérios políticos e ideológicos é absolutamente indispensável.*

Diferentemente desses autores, TUMIN(1970) não emprega o termo classe social ao analisar o fenômeno das desigualdades sociais. O autor trata, então, da estratificação social, que, na sua acepção, corresponde à disposição de qualquer grupo ou sociedade segundo a distribuição de poder, propriedade, valorização social e satisfação psicológica. Afirma TUMIN(1970:28) que:

*Normalmente, a distribuição dessas coisas boas e valorizadas realiza-se através da atribuição de cotas às várias posições ou status que os adultos usualmente ocupam. Nas sociedades industriais modernas, o mais importante desses status é uma profissão. (...) Como status diferentes gozam de diferentes cotas de poder, propriedade e prestígio, é possível ordenar tais status de forma que aqueles que correspondam a quantidades equivalentes possam ser agrupados num estrato e, portanto, separados de outros estratos.*

*Vista dessa forma, uma sociedade consiste de vários estratos, dispostos em ordem hierárquica, e esta é baseada em quantidade de poder, propriedade, valorização e satisfação psicológica que geralmente os estratos recebem.*

Afirma, ainda, que dessa desigualdade decorrem duas conseqüências — as oportunidades de vida e os estilos de vida. Os estilos de vida incluem aspectos tais como: o tipo de bairro e casa em que a pessoa vive, os produtos culturais a que a pessoa tem acesso, as atividades de recreação etc.

Uma segunda dificuldade encontrada decorreu do fato de Belo Horizonte constituir um núcleo metropolitano cuja população reflete conseqüências de fenômenos recentes e de dimensões bastante amplas. Em primeiro lugar, a população belo-horizontina é o resultado de uma mudança que está se operando em todo o Brasil — a sociedade brasileira, assim como o restante da sociedade latino-americana, vive um contexto de transição, que consiste na passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade industrial. Assim, o Brasil está deixando de ser um país rural para ser um país urbano; transformação es-

sa que se tem processado sem uma preparação adequada. Dessa despreparação advêm, evidentemente, vários problemas. É assustador o crescimento populacional de um pequeno número de núcleos urbanos, como Belo Horizonte, para onde a população emigra, em busca de melhores condições de vida. Tais núcleos, não tendo sido estruturados para comportar todos os que neles passam a viver (ou, pelo menos, tentam) contam com muitos problemas, para os quais não se consegue a solução. Nessa corrida do campo e dos pequenos centros urbanos para os núcleos metropolitanos, a demanda de habitação, saúde, educação, trabalho e tantos outros serviços indispensáveis ao bem-estar social ultrapassa a eficácia das soluções apresentadas. Além disso, nos últimos anos, tem sido notório o empobrecimento da grande maioria dos habitantes desses aglomerados metropolitanos. Essa modificação deve-se, de um lado, às mudanças econômicas registradas no país, que aumentam a cada dia o número de desempregados e subempregados; de outro lado, à constante desvalorização do cruzeiro e à incontrolável inflação, que têm não só agravado ainda mais as precárias condições de vida do trabalhador urbano como também diminuído, em muito, o poder aquisitivo de outros tantos grupos da nossa sociedade.

Evidentemente, qualquer esforço de minha parte no sentido de realizar uma descrição científica da organização social da população de Belo Horizonte seria inútil. Essa tarefa é de grande complexidade e, por exigir conhecimentos e métodos apropriados, compete a cientistas sociais. Por esse motivo, limitei-me, apenas, a observar a distribuição desses habitantes considerando os seus diferentes estilos de vida, retratados, principalmente, por esses três aspectos: condições de habitação, profissões e níveis de educação.

## 2. A área na qual foram coletados os dados

Partindo de algumas observações empíricas verificadas nas diferentes condições de habitação dos moradores de Belo Horizonte, decidi delimitar quatro áreas, onde seriam coletados os dados a serem utilizados:

- Área 1 — Compreendendo a Vila Embaúbas e os bairros: Parque da Colina e Cabana do Pai Tomaz;
- Área 2 — Correspondendo ao bairro Vale do Jatobá;
- Área 3 — Compreendendo os bairros: Carlos Prates, Padre Eustáquio e Jardim Montanhês;
- Área 4 — Compreendendo os bairros: São Pedro, Cruzeiro, Santo Antônio, Carmo Sion e Cidade Jardim.

Nessa delimitação foram consideradas as seguintes observações:

Área 1 — Nessa área são poucas as ruas e, somente no bairro Cabana do Pai Tomaz, uma é asfaltada (Rua da Independência); na Vila Embaúbas, a rua principal é calçada; no Parque da Colina, as ruas não são pavimentadas. O acesso aos barracos realiza-se através de becos. Apenas alguns moradores contam com os serviços legalizados (padrões) de água e luz (os outros desfrutam clandestinamente de tais padrões) e, por não contar com redes de esgoto, utilizam o sistema de fossas. O espaço ocupado não é de propriedade do morador (geralmente pertence ao Estado), nem é distribuído de maneira regular (poucos utilizam área maior do que a construída). Os barracos são construídos sem nenhum planejamento: seus pisos e paredes nem sempre são revestidos e, quando o são, o material usado é o cimento; são pequenos (normalmen

te com dois ou três cômodos), baixos e escuros. Neles não existem, sequer, as condições básicas de higiene. A população dessa área é constituída, em grande parte, de soldados, auxiliares de serviços gerais, pedreiros, faxineiros, empregadas domésticas, lavadeiras e biscateiros, que trabalham em diversos bairros de melhores condições sócio-econômicas. Poucos moradores possuem aparelho de televisão. As crianças estudam em escolas estaduais, muitos adolescentes e alguns adultos também freqüentam cursos noturnos gratuitos — de Educação Integrada (que consiste nas quatro primeiras séries do I grau, oferecidas aos adultos através de um programa especial) e de I grau B (de 5a. à 8a. série).

Área 2 — O Vale do Jatobá é um bairro cortado por uma rua asfaltada (Rua Perimetral), na qual têm início várias outras ruas, mais estreitas e calçadas, que também se ramificam. Todos os moradores contam com os serviços legalizados de água e luz, alguns desfrutam dos serviços de esgoto e telefone. As casas, construídas pela COHAB, são de propriedade dos moradores, que se responsabilizam por prestações no valor de aproximadamente cr\$ 1.000,00<sup>(1)</sup>. Todas essas casas possuem um pequeno quintal, e algumas delas foram beneficiadas com muros, ampliações dos cômodos, revestimentos das paredes e pisos etc. A população desse bairro é composta, na sua grande maioria, de industriários, que trabalham na Cidade Industrial de Contagem. A educação fica ao encargo de estabelecimentos gratuitos — Escola Estadual de I Grau Aurino de Moraes e Escola SESI de I grau Hamleto Magnavacca. Todos os moradores possuem aparelhos de rádio e televisão (um ou outro, a cores); alguns deles possuem automóveis.

Área 3 - Nos bairros Carlos Prates (incluindo o Conjunto Santos Dumont), Padre Eustáquio e Jardim Montanhês, algumas ruas são calçadas, as outras são asfaltadas. A maioria da população mora em casas. Nos bairros Carlos Prates e Padre Eustáquio predominam construções mais antigas, recentemente reformadas. Há também vários prédios residenciais, cujos moradores são, de modo geral, mutuários do BNH. No bairro Jardim Montanhês, predominam construções mais novas. Nesses bairros, todos os moradores desfrutam de serviços de água, luz, esgoto, coleta de lixo; a maioria possui telefone. Além de ser a área servida por várias linhas de ônibus, grande número de sua população possui carro próprio. Quanto à educação, é bastante significativa a participação de estabelecimentos particulares<sup>(2)</sup>: Colégio Padre Eustáquio, Colégio Frei Orlando, Colégio Pedro II, Escola Técnica Vital Brasil, Colégio Monte Líbano e outros. Nessa área, encontram-se espalhados vários supermercados, algumas lojas de tecido e sapatarias, agências bancárias, muitos consultórios médicos e odontológicos e alguns hospitais. Os moradores dessa área exercem profissões que não gozam de muito prestígio; são, de modo geral, funcionários públicos, vendedores, bancários e pequenos comerciantes etc.

Área 4 - Nos bairros Santo Antônio, Carmo Sion, São Pedro, Cruzeiro e Cidade Jardim, encontram-se apenas umas poucas ruas calçadas; as outras são todas asfaltadas. As construções apresentam, geralmente, arquitetura moderna. Tanto as casas quanto os apartamentos são amplos e luxuosos. Os moradores das casas desfrutam de área além da construída; para os que moram em condomínios há, sempre, áreas de lazer construídas para uso exclusivo dos condôminos. Todos os moradores desses bairros contam com serviços de água, esgoto, luz, coleta de lixo, telefone. Grande parte dessa população possui outros imóveis, além do utilizado como residência. É grande o número de moradores que possuem mais de um automóvel. Quanto à educação, as crianças e adolescentes freqüentam escolas que gozam de prestígio e cobram altas anuidades<sup>(3)</sup>;

essas escolas oferecem elevado nível de conforto e, de modo geral, orientam os alunos tendo em vista a universidade. Além disso, é comum entre essa população a frequência a cursos de línguas, de dança, de música etc. Esses moradores desempenham funções altamente valorizadas pela sociedade: são médicos, engenheiros, industriais, professores universitários, grandes comerciantes, funcionários graduados etc.

Essas observações foram corroboradas pelos dados mais recentes encontrados. Tais dados, fornecidos pelo PLAMBEL, foram obtidos por esse órgão em 1977 através de uma pesquisa denominada "Processos de Morar", que teve como objetivo investigar os processos de apropriação do espaço para o efeito de planejamento urbano. De acordo com tal pesquisa, tomando como base os distritos censitários do IBGE, o Aglomerado Metropolitano de Belo Horizonte foi dividido em 49 unidades espaciais, ou setores PPM (Anexo II) <sup>(4)</sup>. Segundo o relatório da referida pesquisa, (p. 17), na definição desses setores foram considerados os seguintes interesses:

- *qualificar as parcelas do espaço em função da composição sócio-econômica da população;*
- *identificar níveis de conforto domiciliar e ambiental, segundo sua distribuição espacial;*
- *identificar formas de comportamento quanto ao desempenho de atividade habitacional em função das diferenciações espaciais;*
- *verificar os atributos de cada área (acessibilidade a empregos, bens e serviços urbanos, legislação existente, custo da terra, condições naturais), buscando detectar sua influência na distribuição e estratificação da população e as tendências de evolução de cada área.*

Através desses dados extraídos da "Pesquisa Processos de Morar", foram, então, sistematizadas algumas características das

populações das quatro áreas delimitadas. É evidente que as diferenças traduzidas por esses dados obtidos em 1977 não coincidem, exatamente, com as que se verificam hoje. No entanto, acredito que tal fato não invalida, de todo, essas sistematizações, propostas com o objetivo único de confirmar as observações anteriores. A utilização desses dados foi feita, então, através dos seguintes procedimentos:

a) identifiquei os SETORES PPM, correspondentes às áreas delimitadas, conforme a TABELA 2-1:

ÁREAS	B A I R R O S	S E T O R E S P P M <sup>(5)</sup>
1	Vila Embaúbas, Parque da Colina, Cabana do Pai Tomaz	23N ( Anexo III )
2	Vale do Jatobá	44N ( Anexo IV )
3	Carlos Prates, Padre Eustáquio, Jardim Montanhês, Conjunto Habitacional Santos Dumont	3N e 9N ( Anexo V )
4	Carmo Sion, São Pedro, Santo Antônio, Cruzeiro	13N ( Anexo VI )

TABELA 2-1: As áreas nas quais foram coletados os dados.

b) selecionei alguns dos parâmetros incluídos na PPM e organizei os resultados obtidos, transcrevendo uns e adaptando outros <sup>(6)</sup>.

Algumas distinções estabelecidas entre as populações observadas podem ser vistas através da TABELA 2-2 a seguir :

Área pes- quisa- da	Pop. total (Núm. Absol- to)	Pop. por sexo %		Pop. por fa- ixa etária		Pop. estu- dantil %	Pop. em ida- de economi- camente ati- va %	Pop. ocu- pada	Tamanho médio da família	Renda fá- miliar média
		Mas.	Fem.	-20a.	+20a.					
1	47.316	48,5	51,5	51,5	48,5	29,0	59,1	21,0	5,46pes.	4,7 sal.
2	63.619	47,2	52,8	48,1	51,0	30,0	62,9	27,0	5,28pes.	5,28 sal.
3	89.641	46,5	53,5	41,1	58,9	39,4	65,1	28,4	4,94pes.	9,5 sal.
4	46.207	42,2	57,8	36,5	63,5	43,3	72,3	28,7	4,84pes.	18 sal.

TABELA 2-2: Algumas distinções estabelecidas através da PPM para os habitantes das áreas pesquisadas.

### 3 - Os grupos de informantes

Entre os habitantes de cada uma das quatro áreas delimitadas na secção anterior, selecionei oito informantes, ou seja, foram observados 32 informantes, distribuídos nestes quatro grupos:

Grupo B - habitantes da Área 1, entre os quais se verifica um baixíssimo padrão de vida;

Grupo O - habitantes da Área 2, que também vivem em condições precárias, mas melhores do que as do grupo anterior, uma vez que contam, geralmente, com um salário definido - são operários (ou filhos de operários);

Grupo M - habitantes da Área 3, que, embora menos carentes, desempenham (ou são filhos de pais que desempenham) funções pouco valorizadas socialmente;

Grupo A - habitantes da Área 4, que possuem alto poder aquisitivo e desfrutam de prestígio por desempenharem (ou serem filhos de pais que desempenham) funções de alta valorização social.

Na seleção desses grupos de informantes, foram, ainda, consideradas duas das variáveis incluídas na análise proposta — o sexo e a idade. Em cada um dos grupos (B, O, M e A), foram entrevistados quatro jovens e quatro adultos, sendo cada subgrupo constituído de dois informantes do sexo masculino e dois do sexo feminino. Alguns dados dos 32 informantes que constituíram a amostra utilizada no presente trabalho podem ser vistos através das tabelas seguintes:

Nº	SIGLA	IDADE	SEXO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE (8)	PROFISSÃO DO RES- PONSÁVEL OU MARIDO (9)
01	MAP	17 anos	Fem.	Empregada doméstica	4a.série/I Grau	LAVADEIRA
02	SAN	17 anos	Fem.	Estudante	5a.série/I Grau	FAXINEIRA
03	RJC	16 anos	Masc	Vigilante	4a.série/I Grau	LAVADEIRA
04	JCF	18 anos	Masc	Biscateiro	4a.série/I Grau	LAVADEIRA
05	MLS	45 anos	Fem.	Dona-de-casa.	Analfabeta	BISCATEIRO
06	IRE	43 anos	Fem.	Salgadeira	Alfabetizada	*
07	OCI	56 anos	Masc	Porteiro aposentado	Alfabetizado	*
08	JOA	44 anos	Masc	Auxiliar de serviços ge- rais	Alfabetizado	*

TABELA 2-3: Algumas características dos informantes do grupo B (baixo padrão de vida).

Nº	SIGLA	IDADE	SEXO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO DO RES-PONSÁVEL OU MARIDO
01	AGG	15 anos	Fem.	Estudante	5a.série/ I Grau	INDUSTRIÁRIO
02	AAS	15 anos	Fem.	Estudante	7a.série/ I Grau	INDUSTRIÁRIO
03	LCS	15 anos	Masc.	Estudante	7a.série/ I Grau	INDUSTRIÁRIO
04	REF	15 anos	Masc.	Estudante	7a.série/ I Grau	INDUSTRIÁRIO
05	EAR	58 anos	Fem.	Dona-de-casa	3a.série/Primário	INDUSTRIÁRIO
06	FPF	54 anos	Fem.	Dona-de-casa	3a.série/Primário	INDUSTRIÁRIO
07	VFM	51 anos	Masc.	Faxineiro	3a.série/Primário	*
08	FNE.	62 anos	Masc.	Auxiliar de serviços	3a.série/Primário	*

TABELA 2-4: Algumas características dos informantes do grupo O (Operários).

Nº	SIGLA	IDADE	SEXO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO DO RESPON- SÁVEL OU MARIDO
01	NVA	14 anos	Fem.	Estudante	6a.série / I Grau	FUNCIONÁRIO PÚBLICO
02	CMR	15 anos	Fem.	Estudante	6a.série// I Grau	FUNCIONÁRIO PÚBLICO
03	WGG	14 anos	Masc.	Estudante	6a.série / I Grau	FUNCIONÁRIO PÚBLICO
04	JCP	14 anos	Masc.	Estudante	6a.série / I Grau	ADVOGADO
05	ESC	42 anos	Fem.	Manicura	4a.série / Primário	REPRESENTANTE COMERCIAL
06	NNR	42 anos	Fem.	Dona-de-casa	4a.série / Primário	COMERCIANTE APOSENTADO
07	JCB	48 anos	Masc.	Funcionário público	3a.série / Primário	*
08	RBC	55 anos	Masc.	Vendedor interno	3a.série / Primário	*

TABELA 2-5: Algumas características dos informantes do grupo M(médio padrão de vida).

Nº	SIGLA	IDADE	SEXO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO DO RES- PONSÁVEL OU MARIDO
01	MPF	15 anos	Fem.	Estudante	8a.série/I Grau	ENGENHEIRO
02	FRF	14 anos	Fem.	Estudante	8a.série/I Grau	ENGENHEIRO
03	RGP	15 anos	Masc.	Estudante	8a.série/I Grau	ADVOGADO
04	RRE	14 anos	Masc.	Estudante	8a.série/I Grau	ENGENHEIRO
05	LAA	39 anos	Fem.	Secretária	III Grau	MÉDICO
06	MAR	42 anos	Fem.	Professora	II Grau	ENGENHEIRO
07	LRS	47 anos	Masc.	Advogado e Professor	III Grau	*
08	HJL	37 anos	Masc.	Farmacêutico e Professor	III Grau	*

**TABELA 2-6:** Algumas características dos informantes do grupo A (alto padrão de vida).

Como não foi controlado o grau de escolaridade dos informantes, foi possível, partindo dos dados obtidos, caracterizar os quatro grupos observados através de mais um aspecto, que consiste nos diferentes níveis de educação. Isso foi feito da seguinte maneira:

1º) Foram atribuídos determinados valores aos diferentes níveis de educação, que correspondem ao grau máximo de escolaridade a ser atingido em determinada idade, conforme TABELA 2-7:

IDADE	GRAUS DE ESCOLARIDADE (10)	VALORES ATRIBUÍDOS
de 0 a 7 anos	analfabeto	1
8 anos	alfabetizado	
10 anos	I Grau A	2
14 anos	I Grau B	3
17 anos	II Grau	4
22 anos	III Grau	5

TABELA 2-7: O grau máximo de escolaridade esperado, em relação à idade.

2º) Foi calculado o Escore Ótimo (EO) de cada grupo, dividindo-se a soma dos pontos relativos aos níveis que os informantes poderiam alcançar até a idade que possuem pelo número de informantes do grupo<sup>(11)</sup>;

3º) Calculou-se, em seguida, o Escore Real (ER) de cada grupo, dividindo-se a soma dos pontos relativos aos níveis que os informantes realmente alcançaram pelo número de informantes do grupo<sup>(12)</sup>;

4º) Através da fórmula  $i = \frac{100 \cdot ER}{EO}$ , foram calculadas as porcentagens que refletem as diferenças encontradas entre os quatro grupos observados e que podem ser representadas através da TABELA 2-8 a seguir:

GRUPO SOCIAL	ESCORE ÓTIMO	ESCORE REAL	%
B	4,3	1,5	34,8
O	4,0	2,0	50,0
M	4,0	2,0	50,0
A	4,0	3,8	95,0

**TABELA 2-8:** Os níveis de educação apresentados pelos quatro grupos de informantes observados.

#### 4 - Conclusão

Com menos de um século de existência, Belo Horizonte é hoje uma das maiores cidades brasileiras. O seu crescimento, desordenado e rápido, é uma das justificativas para os problemas enfrentados por sua população, que é, em grande parte, constituída de pessoas nascidas no interior do Estado de Minas Gerais. Os moradores de Belo Horizonte podem ser distribuídos em quatro grupos, considerando os seus diferentes estilos de vida. Esses grupos mostram-se bastante distintos quanto às condições de habitação (propriedade, tipo de bairro e de casa, acessibilidade a bens e serviços urbanos etc.) e às profissões exercidas, das quais depende, de modo geral, a remuneração recebida. Verificam-se, também, nítidas diferenças entre os grupos centrais (O e M) e os dois grupos periféricos, no que se refere aos níveis de educação. Enfim, existe uma relação diretamente proporcional entre o nível de conforto ambiental, o grau de valorização social e o nível de educação dos moradores de Belo Horizonte.

NOTAS DO CAPÍTULO 2

<sup>1</sup> Atualmente, a maioria dos mutuários responsabiliza-se por uma prestação mensal de Cr\$ 250,00. Para aqueles que adquiriram o imóvel através de transferência de financiamento, o valor da prestação mensal varia entre Cr\$ 1.000,00 a Cr\$ 5.000,00.

<sup>2</sup> O valor médio da mensalidade paga por esses informantes em escolas particulares foi calculado através da média encontrada entre valores cobrados por dez escolas situadas na Área 3. Esse cálculo pode ser visto através desta TABELA:

E S C O L A S	MENSALIDADE COBRADA EM MARÇO/1984	
	I GRAU	II GRAU
1.Colégio Anchieta	30.820,00	32.490,00
2.Colégio Frei Orlando	26.870,00	31.800,00
3.Colégio Monte Líbano	16.342,00	17.342,00
4.Colégio Padre Eustáquio	23.000,00	30.420,00
5.Colégio Paulo VI	18.000,00	21.000,00
6.Colégio Pedro II	23.000,00	25.457,00
7.Colégio Pio XII	32.378,00	36.669,00
8.Colégio 19 de Maio	15.000,00	18.000,00
9.Colégio Wenceslau Brás	23.000,00	25.456,00
10.Escola Técnica Vital Brasil	23.000,00	25.456,00
<u>TOTAL</u> =	231.410,00	264.090,00
10	23.141,00	26.409,00

<sup>3</sup> O valor médio da mensalidade paga por esses informantes em escolas particulares foi calculado através da média encontrada entre valores cobrados por dez das escolas situadas na Área 4. Esse cálculo pode ser visto através da TABELA seguinte:

E S C O L A S	MENSALIDADE COMBRADA EM MARÇO/1984	
	I GRAU	II GRAU
1.Colégio Dom Silvério	45.119,00	54.496,00
2.Colégio Logosófico	51.450,00	62.700,00
3.Colégio Loyola	59.781,00	79.905,00
4.Colégio Pitágoras	51.430,00	50.526,00
5.Colégio Promove	41.500,00	46.000,00
6.Colégio Roma	48.895,00	54.258,00
7.Colégio Sagrado Coração de Maria	40.500,00	55.000,00
8.Colégio Santo Agostinho	44.324,00	74.235,00
9.Colégio Santo Antônio	38.660,00	59.100,00
10.Instituto Zilah Frota	49.400,00	64.500,00
<u>TOTAL</u> =	471.059,00	600.720,00
10	47.105,90	60.027,20

- 4 O mapa que constitui o anexo II foi fornecido pelo PLAMBEL.
- 5 Os mapas que constituem os anexos III, IV, V e VI foram fornecidos pela SECÇÃO DE CADASTRO e URBANISMO DO PRODABEL.
- 6 A adaptação fez-se necessária porque, em alguns casos, os dados aparecem na PPM em números absolutos e/ou conjugados com os de outros aspectos observados; assim, por exemplo, a população estudantil está dividida em dois grupos, de acordo com o local de estudo - "DENTRO" e "FORA" do setor.
- 7 O cálculo foi feito com base no salário mínimo regional da época (1977), que era de Cr\$ 1.104,40.
- 8 No item escolaridade foi considerada a série já concluída.
- 9 Essa informação foi incluída apenas nos dados referentes aos informantes jovens, que são menores de idade, e aos informantes adultos que não são os principais responsáveis pelas despesas da família.
- 10 Considerando a Lei 5.692 de 11/08/1971, foi estabelecida a seguinte correspondência, para os adultos:
- I Grau A = Curso Primário que, de acordo com a região, era constituído de três ou quatro séries.

I Grau B = Curso Ginasial ou Secundário

III Grau = Curso Médio (Científico, Contabilidade, Clássico e Normal).

11 O cálculo do Escore Ótimo de cada grupo pode ser visto através desta TABELA:

VALORES ESPERADOS GRUPOS	1	2	3	4	5	VALOR TOTAL	TOTAL ÷ NÚMERO INFORMANTES
B	—	—	1 inf.	3 inf.	4 inf.	35	$\frac{35}{8} = 4,3$
O	—	—	4 inf.	—	4 inf.	32	$\frac{32}{8} = 4,0$
M	—	—	4 inf.	—	4 inf.	32	$\frac{32}{8} = 4,0$
A	—	—	4 inf.	—	4 inf.	32	$\frac{32}{8} = 4,0$

12 O cálculo do Escore Real de cada grupo pode ser visto através desta TABELA:

VALORES ESPERADOS GRUPOS	1	2	3	4	5	VALOR TOTAL	TOTAL ÷ NÚMERO INFORMANTES
B	4 inf.	4 inf.	—	—	—	12	$\frac{12}{8} = 1,5$
O	—	8 inf.	—	—	—	16	$\frac{16}{8} = 2,0$
M	—	8 inf.	—	—	—	16	$\frac{16}{8} = 2,0$
A	—	—	4 inf.	1 inf.	3 inf.	31	$\frac{31}{8} = 3,8$

### CAPÍTULO 3 : PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

## 1 - A coleta dos dados

Os dados utilizados neste trabalho foram obtidos através de entrevistas individuais realizadas com os 32 informantes que foram selecionados. Foram feitos dois contatos com cada entrevistado. O primeiro contato buscou estabelecer uma relação amigável entre o entrevistador e o informante, a fim de se conseguir, posteriormente, uma entrevista que, pelo menos, se aproximasse da conversação espontânea. No segundo contato, realizou-se a entrevista gravada, com duração de sessenta minutos. Em princípio, foram selecionados alguns tópicos, e foi elaborado um roteiro para orientar as entrevistas (Anexo VII). Mas não houve preocupação em seguir esse roteiro, e em cada entrevista foram abordados os assuntos que pareceram de maior interesse do entrevistado, sendo exploradas as situações em que ele se mostrou emocionalmente envolvido.

## 2 - O levantamento dos dados

Inicialmente, as 32 entrevistas gravadas foram transcritas, na íntegra, utilizando-se a ortografia oficial<sup>(1)</sup>. Em seguida, foram fichadas as estruturas com sujeito de terceira pessoa do plural encontradas nas falas dos entrevistados. Nesses casos, incluíram-se apenas aquelas nas quais o sujeito plural é, do ponto de vista gramatical, perfeitamente identificável (simples ou composto, anteposto ou posposto ao verbo, expresso ou apagado). Não foram, portanto, consideradas as formas verbais:

a) referentes a sujeito indeterminado, como em (1):

(1) Dizem que a polícia sabe...

b) referentes a sujeito constituído de substantivo coletivo, como em (2):

(2) O pessoal...ficaram parados.

c) do verbo SER, como em (3) e (4):

(3) Eram cinco irmãos

(4) São dois bairros.

d) de infinitivo flexionado cuja análise apresenta problemas, como em (5):

(5) Os meninos pediram para fazer a festa.

Para maior clareza na citação dos dados utilizados como exemplos nesta dissertação, estabeleceu-se um código para identificação de cada uma das 1.913 estruturas fichadas. Isso foi feito atribuindo a cada informante um número de 1 a 32 e numerando também os dados retirados de cada entrevista (Anexo VIII). Assim, um exemplo codificado como (I.4,F.16) corresponde a uma estrutura que se encontra na ficha número 16, do informante número 4.

### 3 - A análise dos dados

Nesta dissertação, os dados foram submetidos a duas análises complementares — uma qualitativa e outra quantitativa.

#### 3.1 - O modelo utilizado na análise

A variação lingüística tem sido considerada como o resultado de aplicação de uma regra lingüística variável. E a variabilidade na aplicação de uma determinada regra lingüística vem, então, sendo associada a ambientes contextuais, que favorecem ou inibem essa aplicação. Para se calcular o efeito combinado de todos os ambientes contextuais na probabilidade de aplicação de uma dada regra lingüística, têm sido utilizados modelos probabilísticos, entre os quais se destaca o modelo "logístico". Nesse modelo, introduzido nos estudos lingüísticos por SANKOFF(1975), cada ambiente tomado como um possível condicionamento da aplicação da regra estudada é associado a um valor probabilístico, representado por um número de 0 a 1. A probabili-

dade (P) de aplicação de uma regra num dado contexto que inclui ambientes  $i, j, \dots$  pode ser representada pela equação:

$$\frac{P}{1-P} = \frac{P_0}{1-P_0} \times \frac{P_i}{1-P_i} \times \frac{P_j}{1-P_j} \times \dots$$

onde P é a probabilidade que está sendo calculada,  $P_0$  é um parâmetro constante de "input", e  $P_i, P_j, \dots$  são os efeitos dos ambientes  $i, j, \dots$ . Assim, se a  $P_i, P_j, \dots$  são associados valores maiores do que .50, significa que os ambientes considerados ( $i, j, \dots$ ) favorecem a aplicação da regra; se  $P_i, P_j, \dots$  apresentam valores inferiores a .50, significa que os ambientes considerados ( $i, j, \dots$ ) inibem a aplicação da regra; e se  $P_i, P_j, \dots$  apresentam valores muito próximos de .50, é porque os ambientes ( $i, j, \dots$ ) não exercem qualquer influência (positiva ou negativa) sobre a aplicação da regra.

O modelo "logístico" foi incluído no VARBRUL 2, que consiste num sistema de manipulação, tabulação de dados e cálculo de probabilidades. Esse sistema, criado por SANKOFF (1975), permite calcular, com segurança a precisão, a significância (ou insignificância) dos efeitos de determinados ambientes sobre a aplicação de uma determinada regra lingüística. Para isso, os referidos ambientes são descritos como uma série de fatores. Esses fatores são organizados em grupos de fatores, que passam a constituir as variáveis independentes. A reunião dessas variáveis representa, então, todos os contextos nos quais seria possível a aplicação da regra estudada, que consiste na variável dependente.

Através do VARBRUL 2, é possível criar arquivos de TOKENS, nos quais cada dado é registrado individualmente. Isso permite a fácil localização dos dados nas transcrições e/ou nas gravações, em caso de alguma dúvida. Além disso, esses arquivos possibilitam também novas categorizações dos fatores. Essas novas categorizações são utilizadas em novas análises, realizadas com o objetivo de se testar a signi-

ficância de fatores (ou grupos de fatores) ou de se combinar fatores (ou grupos de fatores), ou de se eliminar fatores (ou grupos de fatores). A significância de determinado fator ou grupo de fatores é testada através da comparação entre logaritmos. <sup>(2)</sup> Cada vez que se combinam ou se eliminam fatores obtém-se um Log-LIKELIHOOD (logaritmo que daqui para frente será tratado de Log-LKH) pior do que o obtido na rodada em que esses fatores, combinados ou eliminados, são incluídos. Nesse caso, perdem-se tantos graus de liberdade quantos forem os fatores que deixarem de ser considerados isoladamente. Para testar a significância dessa alteração na categorização dos fatores, calcula-se o dobro da diferença encontrada entre o Log-LKH obtido na rodada em que o número desses fatores foi simplificado e o Log-LKH obtido na rodada anterior a essa simplificação. O resultado dessas operações é um Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ), que é interpretado de acordo com a TABELA 3-1. A significância de um grupo inteiro de fatores como um todo é testada da mesma maneira, ou seja, através da comparação entre o Log-LKH de uma análise que inclui o grupo de fatores e o de uma análise na qual esse grupo de fatores não é levado em conta. Nesse caso, os graus de liberdade envolvidos correspondem ao número de fatores do grupo menos 1.

X \ Y	.05	.02	.01	.001
1	3.841	5.412	6.635	10.827
2	5.991	7.824	9.210	13.815
3	7.815	9.837	11.345	16.266
4	9.488	11.668	13.277	18.467
5	11.070	13.338	15.086	20.515
6	12.592	15.033	16.812	22.457
7	14.067	16.622	18.475	24.322
8	15.507	18.168	20.090	26.125
9	16.919	19.679	21.666	27.877

TABELA 3-1: Valores de Qui-Quadrado.

X = grau de liberdade

Y = nível de significância (= grau de certeza obtido):

.05 = 95,0%

.02 = 98,0%

.01 = 99,0%

.001 = 99,9%

Mas essas reanálises não são feitas aleatoriamente. A princípio, os fatores são estabelecidos com base em hipóteses que são levantadas a partir de observações empíricas, de conhecimentos teóricos e de estudos preliminares. No decorrer da análise, aqueles fatores (ou grupos de fatores) que, além de apresentarem probabilidades bastante próximas, constituem também uma classe, podem ser agrupados em um único fator (ou grupo de fatores), contanto que de tal procedimento não decorra qualquer alteração significativa de logaritmo (Log-Lkh): Enfim, a combinação e a eliminação de fatores ou de grupos

inteiros de fatores visam, ao mesmo tempo, a minimizar o número de fatores e a maximizar o ajustamento entre o modelo probabilístico e os dados observados.

No presente trabalho, a análise quantitativa dos dados observados foi realizada utilizando-se o sistema VARBRUL 2. O referido sistema foi adaptado pelo Centro de Computação da Universidade Federal de Minas Gerais (CECOM), para ser implantado no computador B - 6700. A execução dos programas ficou sob a responsabilidade de Cláudia Machado Valente (programadora do CECOM), com quem colaborei nas entradas dos dados requeridos por esses programas.

### 3.2 - O tratamento dos dados

Depois de efetuado o levantamento dos dados encontrados nas 32 entrevistas, foi feita a transcrição fonética<sup>(3)</sup> de cada uma das 1.913 formas verbais fichadas, como nos exemplos de (6) a (21):

- |   |               |
|---|---------------|
| (6) "Eles me <u>elogiam</u> e tal..." (I.10, F.15)          | [ 'eloʒiẽw̃ ] |
| (7) "Os outros <u>fala</u> que é..." (I.10, F.19)           | [ 'fale ]     |
| (8) "Todos <u>sofrem</u> de coração..." (I.21, F.49)        | [ 'sofrẽỹ ]  |
| (9) "Eles não <u>pode</u> mexer agora." (I.10, F.37)        | [ 'podʒi ]    |
| (10) "Quando eles <u>vieram</u> para cá." (I.10, F.48)      | [ viẽrẽỹ ]   |
| (11) "...por mim, vocês <u>faz</u> o que..." (I.10, F.16)   | [ 'faz ]      |
| (12) "Tem uns que não <u>tão</u> nem aí." (I.11, F.40)      | [ 'tãw̃ ]     |
| (13) "As meninas é que <u>vão</u> ." (I.11, F.29)           | [ 'vãw̃ ]     |
| (14) "Os homens <u>tã</u> destruindo..." (I.7, F.47)        | [ 'ta ]       |
| (15) "Mas já <u>vai</u> aparecendo outras..." (I.11, F. 11) | [ 'vay ]      |
| (16) "Não, todos <u>são</u> amigos." (I.11, F.13)           | [ 'sãw̃ ]     |

- (17) "Eles ê criado assim." (I.7, F. 6) [ 'ɛ ]
- (18) "Meus primos que já foram lá..." (I.19, F.23) [ 'forẽw ]
- (19) "Meus irmãos todos forum passando..." (I.25, F.3) [ 'forũ ]
- (20) "Eles foru ficar olhando..." (I.15, F.9) [ 'foru ]
- (21) "Eles foi pra Lavras..." (I.6, F.39) [ 'foy ]

Em seguida, cada forma verbal foi analisada considerando-se os fatores previamente estabelecidos e que podem ser vistos no capítulo 5, desta dissertação. Através dessa análise, cada caso recebeu, então, uma codificação alfanumérica, constituída de nove itens; ou seja, um número representando a variável dependente e oito letras simbolizando os fatores das variáveis independentes.

A variável dependente recebeu, inicialmente, a seguinte categorização:

- ∅ — formas sem concordância;
- 1 — formas com concordância-padrão;
- 2 — formas com concordância não-padrão, em cujas terminações se faz presente a nasalidade;
- 3 — formas com concordância não-padrão, em cujas terminações não se faz presente a nasalidade.

As duas últimas categorias foram utilizadas apenas para a codificação das formas do pretérito perfeito do indicativo, entre as quais o ditongo nasal átono final [ -ẽw ] realiza-se variavelmente como [ -ũ ] e [ -u ].

Enfim, cada um dos dados foi codificado conforme os exemplos de (22 a (27)<sup>4</sup>:

- (22) "Eles me elogiam e tal." (I.10, F.15)  
 [elóziẽw̃] = 1BVALFFJO
- (23) "Os outros fala que é..." (I.10, F.19)  
 [fale] = ØBKINFFJO
- (24) "Eles foi pra Lavras." (I.6, F.39)  
 [foy] = ØYKILIFAB
- (25) "Meus primos que já foram lá." (I.19, F.23)  
 [forẽw̃] = 1YKIRIMJM
- (26) "Meus irmãos todos foram passando..." (I.25, F.3)  
 [forũ] = 2YKISIFJA
- (27) "Eles foram ficar olhando..." (I.15, F.9)  
 [foru] = 3YKILIMAO

Finalmente, passou-se, à análise definitiva dos dados utilizando-se o Sistema VARBRUL 2. Para possibilitar maior liberdade na manipulação dos dados, as 1.913 formas verbais analisadas foram registradas individualmente. Para isso, foram criados 32 arquivos de TOKENS, um para cada informante. Em seguida, foi criado um superarquivo, também de TOKENS, incluindo esses 32 arquivos anteriores. Nesses arquivos, foi mantida a categorização proposta inicialmente para a variável dependente. Por outro lado, foi criado um outro superarquivo de TOKENS, no qual a variável dependente passou a ter apenas dois valores — Ø para as formas com concordância (padrão e não-padrão), e 1 para as formas sem concordância. Posteriormente, esse arquivo foi transformado num arquivo de células, que serviu de base para a criação de dezenas de outros arquivos utilizados no decorrer da análise.

### 3.3 - A interpretação dos valores obtidos

A variação linguística analisada nesta dissertação con

siste na presença e ausência de concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito, de terceira pessoa do plural. Através do sistema VARBRUL 2, foram, então, calculadas as probabilidades de ausência de marcas de pluralidade, nos 1.913 dados observados. Esse sistema foi ainda utilizado com o objetivo de se identificarem as possíveis condições sob as quais se verifica a referida ausência.

Sendo assim, os valores probabilísticos apresentados no capítulo 6, do presente trabalho, deverão ser interpretados da seguinte maneira: qualquer fator (ou grupo de fatores) com uma probabilidade superior a .50 favorece a ausência de concordância verbal em português, ao passo que tal fenômeno é desfavorecido por qualquer fator (ou grupo de fatores) ao qual for atribuído um valor probabilístico inferior a .50. Além disso, o fator (ou grupo de fatores) que apresentar uma probabilidade muito próxima de .50 será considerado neutro ; ou seja, um fator (ou grupo de fatores) que não exerce influência, positiva ou negativa, sobre a ausência de concordância verbal, em nossa língua.

A significância de cada fator (ou grupo de fatores) foi testada através dos procedimentos mencionados na seção anterior. Será, portanto, considerado significativo o fator (ou grupo de fatores) que, ao ser combinado ou eliminado, alterar o valor do Log-LKH a um nível igual ou menor que .05 (nesse caso, o grau de certeza é igual ou superior a 95%).

NOTAS DO CAPÍTULO 3

<sup>1</sup> Nesta etapa do trabalho já foram observadas as diferentes realizações das terminações das formas verbais a serem analisadas. E na transcrição foram, então, evidenciadas as diferenças observadas. Exemplos:

a) "eles não pode mexer agora..." (I.10, F.37)

b) "meus irmãos todos forum passando..." (I.25, F.3)

<sup>2</sup> De acordo com FERREIRA (1975:849):

*Logaritmo* [Do lat.mod. *logarithmu*] s.m. Mat.  
Expoente *a* que se deve elevar um número cons-  
tante para se obter outro número.

Assim, em  $a^x = y$ , sendo  $a$  um número real positivo e  $a \neq 1$ ,  $x$  é o logaritmo de  $y$  na base  $a$ ; ou seja,  $x = \log_a y$

Exemplificação:

$$2^x = 64$$

$$x = \log_2 64$$

$$x = 6 \text{ ————— porque } 2^6 = 64$$

<sup>3</sup> Os segmentos /r/ e /rr/ são representados, segundo o International Phonetic Alphabet (IPA), como [r̥] e [h̥], respectivamente. Por razões técnicas, no presente trabalho, a representação fonética desses dois segmentos será:

[r̥] correspondendo a /r/. Ex.: foram [ˈforɛw̥]

[h̥] correspondendo a /rr/. Ex.: partiu [pɛh̥tsiw̥]

<sup>4</sup> A codificação dos fatores das variáveis independentes pode ser vista através da TABELA 5-5, p. 97.

## CAPÍTULO 4 : A REGRA DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS

## 1. Apresentação do problema

No presente trabalho, será analisado o problema da concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito plural, de terceira pessoa, em português.

Segundo CUNHA (1975:339):

*A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.*

O autor estabelece algumas "regras gerais", distinguindo dois tipos de estruturas — as que apresentam sujeito simples e aquelas nas quais o sujeito é composto. No primeiro caso, o verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito a que se refere, esteja esse sujeito claro ou subentendido. No segundo caso, o verbo que se refere a mais de um sujeito de terceira pessoa deve permanecer na terceira pessoa do plural. Em seguida, CUNHA (1975:341-52) enumera os "casos particulares", que explicam a ausência de flexão no verbo que se refere a sujeito com marcas de pluralidade. Em relação às estruturas em que a forma verbal de terceira pessoa pode tanto ir para o plural quanto permanecer no singular, o autor inclui as que apresentam: sujeito constituído de expressão partitiva; sujeito constituído do pronome relativo que, antecedido das expressões um dos e uma das (mais substantivo); sujeitos sinônimos ou quase sinônimos; sujeitos constituídos de uma enumeração gradativa; sujeitos que encerram uma qualidade, uma atitude; sujeitos ligados por ou e por nem; sujeito constituído da locução um e outro; sujeitos ligados por com; sujeitos ligados por conjunção comparativa.

Dentro dessa perspectiva, portanto, a regra de concordância verbal consiste numa regra obrigatória, e a ausência de flexão

no verbo cujo sujeito é um sintagma nominal de terceira pessoa do plural constitui, no português, um desvio da Norma. Os casos em que se verifica a ausência de flexão são explicados como exceções, atribuídas a razões quase sempre semânticas. Essa posição em relação ao problema da concordância verbal, em português, é tomada pela maioria de nossos gramáticos<sup>(1)</sup> que, partindo de exemplos extraídos da língua literária, estabelecem uma regra geral obrigatória, seguida de páginas e páginas de casos nos quais essa regra deixa de se aplicar.

## 2. As diversas abordagens encontradas na literatura

### 2.1 - Estudos fundamentados na língua escrita

Outros estudos também fundamentados na língua escrita, no entanto, formulam teorias menos categóricas. Segundo MELO (1971:187-9), a concordância consiste no ajustamento das desinências entre termos subordinados e termos subordinantes e constitui uma consequência do flexionismo típico das línguas indo-européias. Porém, a omissão dessa harmonia não afeta a clareza, a inteligibilidade da frase e não passa de um reflexo da lei do menor esforço e da busca de simplificação. Por isso, a ausência de flexão nos verbos, em português, é apenas uma maneira de se dispensar um traço redundante. E afirma:

*(...) o flexionismo é simplesmente um recurso da língua, não uma imposição da lógica, recurso que, na verdade, se presta a belíssimos aproveitamentos estilísticos. (...) O estudo da concordância portuguesa pertence muito mais à Estilística do que à Gramática, tanto é verdade que a esta cabe apenas arrolar com honestidade os diversos tipos de realização que a língua comporta, ao passo que aquela compete procurar e pôr de manifesto as tonalidades semânticas ou afetivas que matizam tal e tal construção.*

Também para SAID ALI (1971:279), a repetição de gênero, número ou pessoa num termo determinante, quando esses traços já apa-

recem marcados no termo subordinado, não passa de redundância. E a esse fato o autor atribui o motivo de, em muitas línguas modernas, o sistema de sufixos de pessoa ter perdido o valor que possuía nas antigas línguas sintéticas, nas quais ele era bastante desenvolvido e caracterizava a concordância do verbo com o sujeito.

## 2.2 - Algumas abordagens fundamentadas na língua oral

Os estudos realizados com base na língua oral também não postulam uma única teoria para a regra de concordância verbal em português.

### 2.2.1 - A ausência de concordância verbal: o resultado de simplificação no sistema de flexões

Numa primeira linha, incluem-se aqueles estudos segundo os quais a regra se aplica, mas outros fenômenos acarretam a simplificação do sistema de concordância. AMARAL (1976:72) assegura que a segunda pessoa do singular, quando aparece, assimila-se às formas de terceira: Tú num cala essa bôca? Tú vai? Através de vários exemplos, mostra as modificações sofridas pelas formas de plural tanto da primeira quanto da terceira pessoa. No primeiro caso, dá-se a perda do [-s], como em bamo, fômo, fazêmo, e a ausência da desinência [-mus] quando as formas são proparoxítonas (haplologia): nóis ia, andava, andasse, andaria etc. No que se refere às formas de terceira pessoa, registra: quêrim, quirium, quizêrum, ândum, andávum, andárum etc.

NASCENTES (1953:32-97), descrevendo a fonética do linguajar carioca, registra a desnasalização da vogal átona final em órfã > orfa, ímã > íma, a monotongação e desnasalização em virgem > virge, na classe inculta e diz que:

O ditongo ão, final e atono, perde o primeiro elemento: orção-orção, orgão-orgo, sotão-soto, Estevão - Estevo, Cristovão-Cristovo, o que também se dá em Portugal (Leite de Vasconcelos, Esquisse, 110, Nunes, Gram. hist., 80, Gonçalves Viana, Ortografia, 137). Cfr. sarapão-sarampo, frangão-frango, Farão-Faro... Na palavra benção se reduz a a, por causa da flexão feminina (bença).

Grafado -am nos verbos, quando proveniente de -unt latino, dá um ou o, como no Entre-Douro-e-Minho, Sinfães e Resende, na Beira e no sul de Portugal: foram - forum ou foro (lat. fuertunt).

Ao tratar da morfologia verbal, NASCENTES diz que as desinências sofrem mutilações que acarretam a ausência de concordância entre o verbo e o seu sujeito. Assegura que se usam apenas as formas de terceira pessoa, que aparecem, inclusive, nas construções nas quais, por ênfase, é usado o pronome de segunda (Tu vai ver = tu vais ver) e que, à semelhança do francês, não existe diferença entre a segunda pessoa do singular e a terceira, tanto do singular quanto do plural, no presente e no imperfeito do indicativo: tu ama(s), ele ama, eles ama(m). Quanto às formas de terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo registra amaru, deveru, partiru, ressaltando que:

Houve uma forma arcaica -arom, lat. -arunt, que por analogia com a terminação do imperfeito teria dado -aram (Meyer - Lübke, Grammaire, II, §276), mas a forma popular -aro não representa a conservação do arcaísmo denasalado mas sim uma corruptela da forma correta -aram.

MARROQUIM (1934:42-69) refere-se às terminações átonas "em, ão e am", esta última das formas verbais de terceira pessoa do plural do indicativo. Segundo ele, a primeira dessas terminações soa [i] e as duas outras, [u], por efeito do desaparecimento da nasalidade: virge, ome, onte, corage, viage, image, vage e matáro, fizéro, quizéro, fôro, amáro, corréro etc. Tratando especificamente dessa modificação ocorrida nas formas verbais, diz:

*Não creio que a transformação do -am em -o seja uma forma mais recente nem uma reação culteranista da dialeção. Antes quer-me parecer a persistência de uma forma arcaica do português, petrificada na conjugação matuta, sendo assim, mais antiga que as outras flexões.*

Para justificar a sua posição, MARROQUIM vale-se de vários exemplos extraídos de documentos literários do século XIV ( in: Leite de Vasconcelos, Textos Archaicos, p. 117), nos quais se encontram formas como quiserom, pedirom, amarom, matarom e poderom, que, segundo o autor, transformaram-se, respectivamente, em quiseru, pediru, amaru, mataru e puderu:

*"...e que elrey dom Afonso de Portugal fazia, ouverom-lhe enveia e quiserom ser participantes..."*

*"...e pedirom por mercê a elrey que os nom mandasse matar..."*

*"...e o amarõ e prezarom myto..."*

*"...e matarom na estrada tantas campanhas de mouros..."*

*"...que os leedores d'est trautado algũas d'ellas per el poderom percalçar..."*

Afirma, ainda, MARROQUIM que o falar matuto se caracteriza pela simplificação, pela tendência à uniformidade e à abolição das flexões verbais, deixando ao pronome o encargo de indicar as pessoas gramaticais, como acontece no inglês. Quanto à presença de flexão na terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo, fato que contraria essa tendência para a unificação flexional do verbo, conclui ser o resultado da influência de duas causas: a tradição da forma arcaica e o exemplo das formas atuais ouvidas das pessoas que falam bem, ou seja: fizeram, pediram, quiseram etc.

NETO (1976:115-116), apoiando-se na concepção linguística de SAPIR, justifica sua explicação para a redução das flexões, o que constitui uma característica dos falares rurais brasileiros. Na sua opinião, essa redução da morfologia portuguesa é compatível com a

ação dos aloglotas, verdadeiros responsáveis pelo apressamento dos prazos evolutivos, nesses casos:

*Como se sabe desde há muito, há uma deriva indo-europeia que caminhava no sentido da simplificação das flexões. (...)*

*Na constituição do português brasileiro há desde o século XVI duas derivas:*

*a) uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve portanto mais lentamente e*

*b) uma deriva a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada.*

Ao tratar dos falares do português do Brasil, NETO (1976:134-167) afirma que:

*A grande maioria dos fatos que caracterizam os nossos falares regionais têm âmbito panbrasileiro. (...)*

*Está nesse caso o frisante fato que representa vestígio do crioulo colonial do desaparecimento da flexão numérica por meio de -s: os livro, as mesa.*

*O mesmo se dirá da extrema modificação das formas verbais, outra cicatriz do primitivo aprendido tosco da língua portuguesa.*

e conclui que as flexões verbais, na linguagem regional do Brasil, resumem-se a duas pessoas — a primeira em oposição às outras. Mas, no quadro estabelecido pelo autor, a referida oposição só ocorre entre as formas do presente do indicativo; no pretérito perfeito desse modo, há maior variedade de flexões e, em todas as outras formas registradas (pretérito imperfeito do indicativo; presente, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), não existe oposição; isto é, há apenas uma forma para todas as pessoas, tanto do singular como do plural. Ao tratar de alguns traços peculiares às pronúncias regionais, o autor chama a atenção para fatos que se referem às nasais e já muito conhecidos nos dialetos portugueses. Acrescenta que a perda da nasalidade final (as formas do tipo homem, virgem, foram e quiseram são pronunciadas como home, virge, foro e quisêro), comum na linguagem popular e

regional do Brasil, é encontrada nos dialetos portugueses, aos quais pertencem formas como: andaro, fugiro, biero, bendero, istibero, orfo, home, virge, ervage etc.

MENDONÇA (1973:67-68) estuda a influência que as línguas africanas tiveram no português falado do Brasil, assinalando que:

*Temos outrossim ouvido, no Distrito Federal<sup>(2)</sup>, a terminação -am da terceira pessoa do perfeito do indicativo soar -0 átono na pronúncia dos pretos, e gente de sua classe: amaram → amaro, fizeram → fizero, disseram → dissero.*

Por outro lado, MELO (1981:76-102) conclui que a simplificação e redução das flexões, no português do Brasil, resulta da ação da língua tupi e, principalmente, das línguas africanas:

*(...) a simplificação das flexões nominais e verbais constitui o elemento mais original e característico da nossa fala popular, e foi determinado, quanto a mim, pela influência conjugada afro-tupi.*

Afirma ele que, com o estabelecimento da população escrava, foram constituídas no Brasil duas "línguas gerais" dos negros — o "nagô" ou "iorubá", na Bahia, e o "quimbundo", nas outras regiões — línguas essas desprovidas de flexão. E a língua portuguesa, então adotada como "língua segunda", recebeu dos africanos as marcas de seus antigos hábitos lingüísticos, o que explica claramente a simplificação da morfologia portuguesa, através da redução de suas flexões. E acrescenta:

*(...)tenho que a influência mais profunda das línguas africanas no português brasileiro se fez sentir na morfologia. E a simplificação e redução das flexões. Realmente, em nossas linguagens populares rareiam as designações de plural, que tendem a se restringir ao primeiro determinante da frase. (...) Assim se ouvem frases como estas:*

*"Os homem tã i", "as prima jã chegaro" (ou "jã chegô"), "ele brigô c'os fiyo"; "esses minino são endiabrado" (ou "ē endiabrado"); "são uns diabo os negrinho da cumãdi Cândia" etc.*

(...) O verbo também sofre bastante as conseqüências desta atitude simplista. Muita vez sô há oposição de desinência entre a primeira e as demais pessoas, como se vê, por exemplo, do indicativo presente do verbo comprar: eu compro, tu compra (a 2a. pessoa de regra só ocorre na linguagem insultuosa), ele compra, nós compra, eis compra.

Porém, quanto à transformação  $[-\tilde{e}\tilde{w}] > [-\tilde{u}]$  nas formas de terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo — fize-ro, andaro e buscaro, no lugar de fizeram, andaram e buscaram, respectivamente - o autor rejeita a explicação de MENDONÇA(1973:67-68). Alegando que esse fato figura nos dialetos portugueses, MELO(1981:83) propõe a evolução : -unt > -om > -o - amarunt > amarom > amaro. E, para corroborar o seu ponto de vista, apóia-se numa afirmação de Leite de Vasconcelos (1928:527), segundo a qual:

(...) redução de -unt nos verbos a -ũ ou -o aparece mais ou menos por toda a província internamnense.

Ao estudar os fatos dialetais comuns a todo o território brasileiro, MELO(1981:112-117) faz o que ele chama de um "breve cotejo" entre o denominador comum da língua popular brasileira e o dialeto interamnense de Portugal, mostrando que muitas formas e fenômenos presentes no português do Brasil figuram também nesse dialeto lusitano. E, discutindo a existência de uma "língua brasileira", MELO(1981:39) afirma que:

Um exame consciencioso das divergências atuais entre o português do Brasil e o de Portugal nos patenteará, em primeiro lugar, que a maior parte dos fatos sintáticos brasileiros são apenas arcaísmos conservados(...) em segundo lugar, que, ainda hoje, muitos fatos linguísticos à primeira vista próprios do português do Brasil se encontram também em dialetos de além-mar. É o caso, por exemplo, dos plebeísmos andaro, fizero, buscaro, por andaram, fizeram, buscaram(...)

De acordo com sua proposta, portanto, a desnasalização da vogal final nos nomes e verbos, que aparece comumente tanto no português do Brasil como no de Portugal, é fenômeno antigo da língua. E a terminação [-u], que figura nas formas verbais de terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, explica-se como sendo o resultado dessa desnasalização e alçamento, processados na forma arcaica [-õ].

PONTES (1972:68-9), ao descrever o sistema flexional do verbo português na língua coloquial de pessoas cultas do Rio de Janeiro, conclui que tal sistema, bastante simplificado no que se refere à categoria de pessoa, consta de apenas quatro formas que se opõem duas a duas — de um lado, as que incluem a pessoa do falante; de outro, aquelas nas quais o falante deixa de ser incluído:

- P<sub>1</sub> - inclui o falante (referência a uma só pessoa).
- P<sub>3</sub> - inclui o falante (referência a mais de uma pessoa).
- P<sub>2</sub> - exclui o falante (referência a uma só pessoa).
- P<sub>4</sub> - exclui o falante (referência a mais de uma pessoa).

Segundo a autora, a simplificação desse sistema é ainda maior nos verbos em que são homôfonas as formas de primeira e terceira pessoas do singular (P<sub>1</sub> e P<sub>2</sub>, respectivamente) em construções nas quais "nós" é substituído por "a gente".

RODRIGUES (1974:68) mostra que, no dialeto caipira da região de Piracicaba (SP), há uma grande simplificação do sistema de concordância, com transformações morfofonológicas e morfo-sintáticas tanto no sintagma nominal sujeito como no sintagma verbal. Essa simplificação decorre da redução dos elementos redundantes de concordância, na estrutura superficial. O sistema verbal apresenta, então, duas formas no presente, em que a primeira pessoa do singular se opõe a todas as

outras, e três formas no perfeito: primeira pessoa do singular, terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural.

ASSIS VEADO (1980:59-61), descrevendo e analisando parcialmente a gramática dos falantes não-escolarizados da micro-região Sanfranciscana de Januária (MG), inclui a concordância entre os aspectos gramaticais "morfo-sintáticos" de ocorrência baixa ou nula. E, tratando especificamente da concordância verbal, diz:

*Se considerarmos a CV, entretanto, como a regra responsável pela atribuição de uma flexão "X" em razão de seu(s) respectivo(s) sujeito(s), independentemente da implicação de oposição singular e plural, pode-se dizer que esteja se processando na língua portuguesa uma mudança não para um sistema de não-concordância, propriamente dito, mas uma mudança em direção a um sistema de concordância (sistema flexional) mais simplificado e mais abrangente.*

Dessa maneira, o dialeto rural conta com apenas duas flexões verbais em relação às suas pessoas — uma flexão que inclui apenas a pessoa do falante exclusivo e outra que exclui apenas a pessoa do falante exclusivo, ou seja, refere-se à(s) pessoa(s) não falante(s) e à pessoa do falante em conjunto com outra(s) não-falante(s) — flexões essas que não implicam em oposição singular-plural. Quanto a essas flexões, acrescenta a autora:

*Comparando-as aos traços de número e pessoa, tradicionalmente estabelecidos para o sistema do português 'padrão', temos no dialeto rural apenas as flexões de 1a. pessoa do singular (P1) e de 3a. pessoa do singular (P2), inexistindo, portanto, formas do plural ou seja, a oposição entre singular e plural. Sob este ponto de vista, isto é, oposição singular-plural, aí sim, pode-se dizer que não há concordância.*

Enfim, nos casos em que o sujeito contém traço de plural, é atribuída ao verbo uma determinada flexão que, embora não-marcada quanto ao número, é escolhida em razão desse sujeito, ou seja, em oposição à forma flexional P1: "nois pranta mio", "eles pede carona",

"meus colega me chama" (exemplos 184, 186 e 187 de ASSIS VEADO, p.61).

### 2.2.2 - A ausência de concordância verbal: o efeito de uma regra morfo-sintática variável

Para muitos autores, a regra de concordância verbal em português não consiste numa regra obrigatória, e sim, numa regra que ora se aplica, ora deixa de se aplicar; em outras palavras, é uma regra variável.

Assim, SOUZA DA SILVEIRA (1972:210), estudando a concordância verbal portuguesa nos casos em que há mais de um sujeito, diz que a língua corrente prefere o plural quando os sujeitos de terceira pessoa antecedem o verbo; ao passo que, nos casos de sujeitos pospostos, o verbo pode ir tanto para o plural como para o número do sujeito mais próximo. O autor ressalta a freqüente falta de concordância entre o verbo e o sujeito no português arcaico e assegura que vestígios dessa antiga arbitrariedade são ainda revelados pela língua moderna, sobretudo na sua modalidade popular, principalmente quando o sujeito se pospõe ao predicado.

Também MELO (1981:79) observa que, no português do Brasil, existe uma relação entre o emprego da flexão, isto é, da aplicação da regra de concordância, a distribuição social dos falantes e o estilo de fala, pois afirma ser a ausência de flexão um traço comum na fala das pessoas de camada social mais baixa, mas passível de aparecimento nas camadas acima da média apenas no falar descuidado. Cita, ainda, como traço comum na linguagem coloquial, a discordância entre o verbo e o sujeito plural, quando posposto, e defende a tese de que a ausência de flexão nas formas verbais tende a não mais ocorrer, em consequência, principalmente, da ascensão social, econômica e cultural das classes inferiores.

Para NARO e LEMLE (1977), a regra de concordância verbal no português do Brasil ainda é categórica nas classes médias e

alta, enquanto nas classes de nível sócio-econômico mais baixo, estaria em pleno processo de mudança. Buscando evidenciar os fatores que concorrem para a aplicação ou não-aplicação da referida regra, esses autores estudam a fala de três informantes de nível sócio-econômico baixo e propõem duas variáveis estruturais — classe morfológica da forma verbal e posição de superfície do sujeito — e uma variável não-estrutural — grau de formalidade da situação em que atua o falante. Os resultados obtidos nesse trabalho mostram evidente um princípio de saliência nos três casos. Quanto à variável classe morfológica da forma verbal, funciona um princípio de saliência fônica, ou seja, a ausência de concordância ocorre mais freqüentemente nas formas em que o singular difere pouco, foneticamente, do plural. Na segunda variável estrutural proposta, isto é, posição de superfície do sujeito, a ausência de concordância é mais freqüente nos casos em que é menos notável (sujeito posposto) e ocorre menos nos casos em que é mais facilmente percebida (sujeito distante ou apagado). Finalmente, em relação à variável não-estrutural, a concordância mostrou-se menos freqüente nas situações em que é menor o grau de atenção prestada à fala.

LEMLE e NARO (1977), dando continuidade ao estudo sobre a variação da regra de concordância verbal em português, trabalham com um *corpus* constituído da fala de vinte alunos do MOBREAL. Nesse estudo, quatro variáveis são propostas: a morfológica, a semântica, a posicional e a estilística. Esses autores partem das seguintes hipóteses:

a) a freqüência de aplicação da regra de concordância verbal em português estaria diretamente relacionada ao grau da diferença fônica encontrada entre a forma verbal de singular e a de plural;

b) a aplicação da referida regra seria condicionada pela definição, ou não, do sujeito da oração;

c) a posição do sujeito em relação ao verbo seria outro fator responsável pela presença ou ausência da concordância verbal, em português;

d) a regra em estudo poderia ser favorecida, ou não, pelo grau de formalidade prestada à fala.

De acordo com os resultados encontrados, o grupo de fatores que se mostrou mais relevante em relação à frequência da aplicação, ou não, da regra analisada foi o morfológico. LEMLE e NARO (1977, 49), concluem, então, que:

*...dada uma certa forma verbal num certo contexto, a realização ou a ausência de concordância não é um fenómeno aleatório. Pelo contrário, a possibilidade desta ocorrência concordar é determinada por um princípio básico: quanto menos saliente for a diferença entre singular e plural, mais provável será a falta de concordância.*

E acrescentam:

*...a actuação da mudança em direção a um sistema sem concordância verbal foi fundamentalmente fonológica, enquanto que a sua implementação se deu através de uma difusão no eixo da saliência, sendo a principal coordenada a morfológica.*

NARO (1980), partindo dos resultados obtidos nos trabalhos anteriores e utilizando o mesmo corpus constituído da fala de vinte alunos do MOBREAL, reanalisa a variação da regra de concordância verbal em português. Nesse estudo, o autor trabalha com duas variáveis estruturais — a morfológica e a posicional — e três variáveis sociais — sexo, idade e procedência geográfica. NARO conclui que, em relação à mudança lingüística, dois aspectos devem ser distinguidos — a origem, ou seja, o ponto de partida ou primeiro contexto, e a difusão, isto é, a propagação subsequente da mudança para outros ambientes. No caso da mudança em direção a um sistema sem concordância verbal, em português, a origem está ligada à atuação de uma regra fonológica variável de desnasalização. Assim, operando sobre as formas

verbais de terceira pessoa do plural, do tipo "comem", produz formas que coincidem exatamente com as do singular, correspondentes. Em consequência disso, elimina-se, na superfície de uma certa parte da língua, a oposição singular/plural. A difusão do sistema sem concordância verbal através da língua procede, então, de acordo com o princípio de saliência ao longo de dimensões distintas, estendendo-se mais fortemente em contextos nos quais a mudança na forma superficial é menos sentida.

MOTTA (1979), buscando verificar se a escola exerce alguma influência sobre a linguagem oral, analisa a variação da regra de concordância verbal na fala de adolescentes de nível sócio-econômico baixo, residentes em bairros populares de Salvador (BA). Nesse trabalho, foram propostas quatro variáveis lingüísticas — morfológica, estilística, posicional e constituição do sintagma nominal sujeito — e duas variáveis sociais — sexo e idade. A autora utiliza um *corpus* constituído de dois grupos de informantes, sendo o Grupo A formado de adolescentes semi-analfabetos, e o Grupo B, de adolescentes concluintes da oitava série do Primeiro Grau.

De acordo com os resultados obtidos por MOTTA, a ocorrência de estruturas em que se faz ausente a flexão das formas verbais referentes a sintagma nominal sujeito plural é mais freqüente no Grupo A do que no Grupo B. Na opinião da autora, os adolescentes que constituem o *corpus* da sua pesquisa, embora todos de um mesmo nível sócio-econômico, não apresentam a mesma freqüência de aplicação da regra de concordância, em decorrência da escolaridade e de outros fatores.

Quanto à variável morfológica, os resultados demonstram certa diferença no comportamento dos dois grupos observados, tendo em vista a distribuição das formas verbais segundo o grau de saliência fônica entre singular e plural. Entretanto, no que se refere à aplicação da regra de concordância verbal, não fica confirmada a diferença de tendências no desempenho lingüístico dos informantes desses dois

grupos. Em relação à variável estilística, a influência do contexto para mudança de estilo mostra-se mais evidente no grupo B. Os dois grupos comportam-se de maneira semelhante quanto à aplicação da regra analisada, quando se considera a posição do sujeito na oração. E, dentre as quatro variáveis lingüísticas propostas, a que mostra, em ambos os grupos, maior frequência de aplicação da regra de concordância verbal é a variável constituição do sintagma nominal sujeito.

Numa tentativa de verificar possível influência das variáveis sociais, sexo e idade, na aplicação da regra em estudo, MOTTA redistribuiu as frequências encontradas com relação às variáveis estilística e morfológica. Conforme os resultados encontrados, as porcentagens de aplicação da regra são bem distintas nos dois grupos, levando-se em conta tanto a variação de contexto como a estrutura morfológica do verbo. Em relação à aplicação da regra, o grupo A demonstra maior diferença de porcentagens entre os informantes dos dois sexos e um melhor desempenho lingüístico entre os informantes do sexo masculino. Tais resultados, na opinião de MOTTA (1979:98), talvez possam ser relacionados com o fato de estes informantes terem mais oportunidade de comunicação que os do sexo feminino. Diz a autora:

*Eles têm mais condições de se deslocar, de manter contactos verbais mais diversificados, inclusive com falantes que usam com mais frequência a regra de concordância. (...) No grupo B, a permanência na escola pode ter sido um fator de uniformização do desempenho lingüístico dos informantes de sexo diferente, quanto à aplicação da regra de concordância.*

Quanto à variável social idade, observa-se que, no grupo B, os informantes mais velhos aplicam com maior frequência a regra de concordância.

Em sua conclusão, MOTTA (1979:106-7) diz haver uma di-

ferença sensível entre os dois grupos observados, no que se refere ao uso da regra de concordância verbal, mas que nada se pode afirmar quanto a um processo de mudança desse fenômeno. E acrescenta que o seu trabalho leva a constatar, apenas, que:

*(...) a escola exerce alguma influência na direção de uma maior aplicação da regra.*

### 2.2.3 - A ausência de concordância verbal: um exemplo de interação entre processos variáveis fonológicos e morfo-sintáticos

GUY (1981), analisando o problema do português coloquial do Rio de Janeiro, afirma que, embora previstas pelas gramáticas como obrigatórias, as regras de concordância (nominal e verbal) são altamente variáveis na fala dos brasileiros, dos quais se ouvem com frequência frases como: as casa branca e eles recebe<sup>(3)</sup>. Acrescenta, ainda, que muitas das informações fornecidas pelas regras de concordância são redundantes, uma vez que o efeito de tais regras consiste, simplesmente, em repetir informações já contidas nas sentenças. Assim, em estruturas do tipo as casa branca, a ausência de concordância não acarreta prejuízo para a informação semântica de pluralidade, que é perfeitamente mantida pela presença do marcador do plural, {-s}, apenas na primeira palavra dessa frase. Isso mostra que não há necessidade de se copiar a marca de plural em todas as palavras do sintagma nominal; ou seja, nesses casos, a concordância pode ser dispensada. Ao tratar da concordância verbal, GUY refere-se à simplificação no sistema de nossas flexões, ressaltando que o português coloquial do Brasil possui apenas duas pessoas no seu sistema verbal — a pessoa do falante e a pessoa do não-falante. Além disso, diz o autor que, em muitos tempos e modos, essa distinção existe apenas no plural. Sendo

assim, enquanto o presente, o pretérito perfeito e o futuro do presente do indicativo apresentam quatro formas distintas (1a. pessoa do singular/1a. pessoa do plural, 3a. pessoa do singular/ 3a. pessoa do plural), os outros tempos do indicativo, todos os tempos do subjuntivo e o infinitivo apresentam apenas três formas: uma para o singular (1a. ou 3a. pessoa) e duas para o plural (uma para a 1a. e outra para a 3a. pessoa). Isso pode ser visto através do seguinte exemplo:

	PRESENTE DO INDICATIVO	PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
1a. PS EU	falo	falava
3a. PS ELE	fala	falava
1a. PP NÓS	falamos	falávamos
3a. PP ELES	falam	falavam

O autor observa, também, que é bastante comum na fala dos brasileiros a ocorrência de sentenças com o sujeito no plural e o verbo no singular, acontecendo essa falta de concordância de número predominantemente nas formas de terceira pessoa. Guy afirma, ainda, que, no português-padrão, o principal marcador de pluralidade na terceira pessoa é a nasalização das vogais finais (representada ortograficamente por -m e morfo-foneticamente //N//); nasalização essa comumente acompanhada da ditongação, resultante do alongamento do núcleo vocálico, o que constitui um processo bastante difundido nos dialetos portugueses. É essa a explicação dada por GUY para a presença do ditongo [-ẽỹ] nas formas verbais do tipo sabem [sabẽỹ]. Quanto ao ditongo [-ẽw], das formas verbais de terceira pessoa do plural, o autor acredita ser o resultado da fusão dos finais -AN e -ON do português arcaico que, ainda no século XIV,

passaram a -ão, transformação que GUY formaliza através da seguinte regra (regra 29 de GUY, p. 118).

$$\left. \begin{array}{c} \text{õ} \\ \text{ã} \end{array} \right\} \longrightarrow [\tilde{a}\tilde{w}] \text{ ——— } \neq \neq$$

Resumindo, segundo GUY, no português-padrão, a maioria das formas verbais de terceira pessoa do singular se opõem às formas de terceira pessoa do plural através da presença de uma vogal oral átona final, nas primeiras, e de um ditongo nasal átono final,  $[-\tilde{e}\tilde{y}]$  ou  $[-\tilde{e}\tilde{w}]$ , nas últimas. Os verbos em que se registra tal oposição são tratados por GUY como "regulares": fala/falam, come/comem etc. Nos outros verbos portugueses, além do morfofonema //N//, outros marcadores estabelecem a oposição singular/plural entre as formas de terceira pessoa: fez/fizeram, falou/falaram, é/são etc.

Contudo, no português coloquial do Brasil, GUY observa o seguinte:

A) A terminação -em /EN/ algumas vezes se realiza como  $[\tilde{i}]$ , e a terminação -am é freqüentemente realizada como  $[\tilde{u}]$  ou  $[\tilde{u}]$ .

B) A falta de concordância verbal é mais freqüente em dois grupos de formas verbais. O primeiro desses grupos é constituído dos verbos "regulares", nos quais a simples ausência do morfofonema //N// faz com que as formas de terceira pessoa do plural coincidam com as formas de terceira pessoa do singular (fala/falam, come/comem etc). O segundo grupo compreende as formas verbais cuja oposição entre singular e plural pode ser representada por:  $\emptyset / [-\tilde{e}\tilde{y}]$ . Nesses casos, a ausência do morfofonema //N// gera formas terminadas na vogal temática -e,  $[\tilde{e}]$ , que é atingida por um processo fonológico registrado ainda na fase inicial do português — o cancelamento dos finais átonos /e/ e /i/ antecédidos de /l, r, n, z/. Essas duas transformações levam tais formas de terceira pessoa do plural a coin-

cidirem com as formas de terceira pessoa do singular: no presente do indicativo (faz/fazem, quer/querem, diz/dizem, produz/produzem etc), no futuro do subjuntivo (fizer/fizerem, quiser/quiserem, disser/disserem, produzir/produzirem etc.) e no infinitivo flexionado (fazer / fazerem, querer/quererem, dizer/dizerem etc.).

Para explicar a variação mencionada em A, o autor remonta à história das vogais átonas finais portuguesas e propõe que as nossas terminações verbais sejam o resultado das seguintes transformações:

1a.) Nasalização (resultado da supressão do /m/ final).

2a.) Ditongação

a) através de alongamento do núcleo vocálico;

b) através de fusão das vogais (regra 29 de GUY):

$$\left\{ \begin{array}{c} -\bar{o} \\ -\bar{a} \end{array} \right\} \longrightarrow [\bar{a}\bar{w}] / \text{---} \# \#$$

3a.) Redução do ditongo (regra 31 de GUY):

$$[+\text{silábico}] \longrightarrow \langle \emptyset \rangle / \text{---} \text{[-consonanta]} \#$$

-acento

4a.) Conversão do glide em  $[+\text{silábico}]$ , conseqüência acarretada pela regra 31.

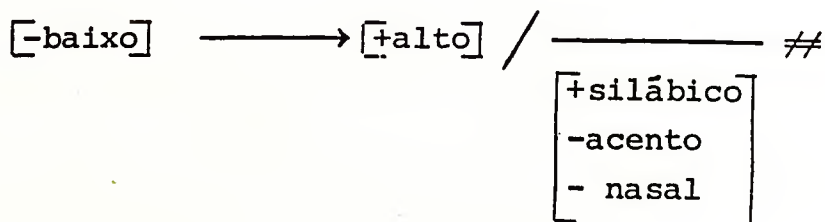
5a.) Desnasalização (regra 32 de GUY):

$$[+\text{silábico}] \longrightarrow \langle -\text{nasal} \rangle / \text{---} \#$$

\langle -acento \rangle

Ao lado desses processos, ordenados, registra-se tam-

bem a atuação de um outro, o alçamento, responsável pela modificação de /e/ em /i/ (regra 30 de GUY)



Assim, nos dialetos populares do Brasil, GUY distingue variantes não-nasalizadas e variantes desnasalizadas de certas vogais ; as primeiras, derivadas de formas nas quais aparece o morfofonema //N//. A fim de que as transformações propostas por GUY para as vogais átonas finais portuguesas sejam melhor compreendidas, passo a sumariá-las através da TABELA 4-1:

FORMAS DO PORTUGUÊS ARCAICO TRANSFORMAÇÃO FONOLÓGICA	/E/	/EN/	/AN/	/ON/
	1. Nasalização vocálica	—	ẽ	ẽ
2. Ditongação				
a) através de alongamento do núcleo vocálico	—	ẽỹ	—	—
b) através da fusão de nasais	—	—	ẽw	
3. Redução do ditongo (consequente conversão do glide em [+silábico])	—	ĩ	ũ	
4. Desnasalização (variável)	—	ĩ ~ i	ũ ~ u	
5. Alçamento	i	—	—	
Formas do português coloquial do Brasil —	[i]	[ẽỹ ~ ĩ ~ i]	[ẽw ~ ũ ~ u]	

TABELA 4-1: Sumário das transformações propostas por GUY para as vogais átonas finais portuguesas.

Sendo assim, no paradigma das formas verbais de 3a.pessoa o [u] é uma forma desnasalizada, o [i] pode ser uma forma tanto desnasalizada quanto não-nasalizada e o [ɛ] é uma forma não-nasalizada, cuja forma originária é /a # # /.

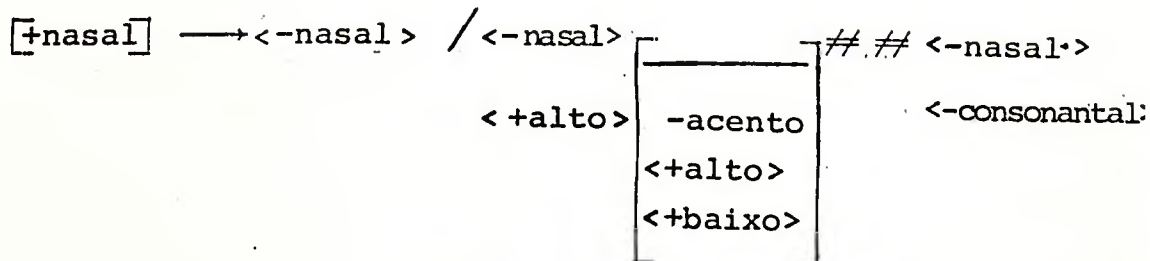
Quanto à observação registrada em B, GUY conclui que ela se explica pelo fato de, ao lado de uma regra sintática variável de concordância verbal, existir uma regra fonológica variável de desnasalização atuando sobre as formas verbais portuguesas, o que acarreta, no português coloquial do Brasil, a derivação de sentenças com verbos superficialmente no singular, para os quais o dialeto padrão exigiria formas no plural. GUY acredita que a ausência de concordância, nos verbos que ele chama de "regulares" (fala, falam, come/comem etc.) e nas formas verbais do tipo faz/fazem, quer/querem, fazer/fazem etc., resulta de dois processos:

- 1º) a não-aplicação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal;
- 2º) a atuação de uma regra fonológica variável de desnasalização.

O autor analisa essas duas regras, examinando, em seguida, a correlação que há entre as duas. Na análise da regra de concordância verbal, GUY propõe quatro variáveis estruturais — posição de superfície do sujeito, tipo de sujeito, constituição morfológica da forma verbal e contexto fonológico (precedente e seguinte) — e três variáveis sociais: sexo, idade e estilo de fala. De acordo com os resultados, o sujeito imediatamente anterior ao verbo mostra-se como um fator que favorece a aplicação da regra em estudo, enquanto o sujeito posposto ao verbo parece desfavorecê-la. A falta de concordância mostra-se também bastante freqüente nas sentenças em que o sujeito é constituído de palavras no singular. Além disso, os valores probabilísticos de apli-

cação da regra de concordância atribuídos aos verbos "regulares" e às formas verbais do tipo faz/fazem mostram-se bastante baixos. Esse resultado, segundo GUY, deve-se ao fato de, nesses verbos, ser possível as formas de plural passarem a coincidir com as de singular através do efeito da regra fonológica de desnasalização, o que não ocorre entre os outros verbos, nos quais as formas de terceira pessoa do plural apresentam: ou uma terminação tônica que não é atingida pela desnasalização (dá/dão, está/estão, falará/falarão, vai/vão etc.), ou uma terminação que, mesmo modificada por essa regra fonológica, ainda conserva a marca de pluraridade; isto é, continua distinguindo as formas de singular e plural (falou/falaram, sumiu/sumiram, fez/fizeram etc.). Quanto às variáveis não-estruturais, os resultados encontrados não evidenciam influência de qualquer dos fatores tomados como possíveis condicionadores da aplicação da regra de concordância verbal, em português. Em relação à regra de desnasalização, GUY acredita ser ela uma regra sincrônica, que segue a mesma direção tomada pela desnasalização operada sobre as vogais que passaram a nasais com o cancelamento do /n/ intervocálico, ainda no português arcaico. E, para o autor, o que essa regra apresenta de novo é apenas o fato de ela se aplicar às formas verbais de terceira pessoa do plural, nas quais a nasalidade não se origina da supressão do /n/ intervocálico, mas do final latino -nt. Essa desnasalização sincrônica atinge, portanto, os monotongos átonos finais (inclusive os que resultam da redução de ditongos), mas não se aplica aos ditongos nem às sílabas tônicas. O autor busca identificar os fatores que condicionam a aplicação, ou não, dessa desnasalização e propõe que tal processo fonológico seja representado através da seguinte regra (re-

gra 1 de GUY, p. 226)



GUY conclui, então, que no português coloquial do Brasil a ausência de concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito plural, de terceira pessoa, é o resultado da ação de dois processos variáveis — concordância verbal e desnasalização. Em outras palavras, as sentenças com o sujeito no plural e o verbo no singular, em português, resultam em parte da não-aplicação da regra variável de concordância verbal. Em muitos casos, porém, essa regra se aplica, e o seu efeito é cancelado pela ação de uma regra sincrônica variável de desnasalização, sobre as formas verbais já dotadas de flexão. Tal fato comprova a relação de dependência e a interação entre processos fonológicos e morfo-sintáticos.

### 3 - Uma discussão em torno de algumas das diferentes posições

Para NARO e LEMLE (1977), a concordância verbal em português é uma regra sintática variável, cuja frequência de aplicação, nas formas de terceira pessoa do plural, é diretamente proporcional ao grau da saliência fônica que estabelece a oposição entre essas formas e as de terceira pessoa do singular, correspondentes. Através desse princípio de saliência fônica, do qual voltarei a falar mais adiante, os autores explicam a maior frequência de concordância nas formas do tipo disse/disseram, fez/fizeram, é/são etc. do que em casos como fala/falam, falava/falavam, come/comem etc.

Já na opinião de GUY(1981), a neutralização entre o singular e o plural em determinadas formas verbais de terceira pessoa (fala/falam, come/comem, faz/fazem, etc.) ocorre com mais frequência porque o efeito de uma regra fonológica sincrônica variável de desnasalização desfaz, nesses verbos, a ação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal. As sentenças do tipo eles fala seriam, portanto, mais frequentes por serem geradas através de duas derivações:

	3.pessoa do singular	3a. pessoa do plural
1.não-aplicação da regra variável de concordância verbal	Ele <u>fala</u>	Eles <u>fala</u>
2.a) aplicação da regra de concordância verbal b) atuação da regra variável de desnasalização sobre as formas já dotadas de flexão	Ele <u>fala</u>  —————	Eles <u>falam</u> ↓ Eles <u>fala</u>

A segunda proposta que, à primeira vista, parece a mais convincente, apresenta um ponto bastante vulnerável, pois GUY sustenta que, quando atingida pela regra de desnasalização, a terminação verbal átona -am realiza-se variavelmente como  $[-\tilde{u} \sim -u \sim -\bar{u}]$  nos verbos "regulares" e como  $[-u \sim -\bar{u}]$  nas formas do pretérito perfeito. Em relação a essa proposta, podem ser colocadas as seguintes objeções:

1a.) Se, como admite GUY(1981:118-120), o ditongo nasal átono final  $[-\tilde{e}\tilde{w}]$  das formas verbais portuguesas resulta da fusão de  $[-\tilde{a}]$  e  $[-\tilde{o}]$ , não se justifica o fato de esse ditongo, através da desnasalização, resultar em diferentes realizações, Se, com o efeito

da desnasalização, verifica-se a transformação falam > fala, era de se esperar que, por exemplo, falaram se transformasse em \*falara. En fim, GUY não explica porque ocorrem sentenças do tipo eles fala no lugar de eles falam, e não ocorre eles \*falara no lugar de eles falaram (pretérito perfeito), sendo que em ambas as formas — falam [ˈfalẽw̃] e falaram [feˈlarẽw̃] — verifica-se, segundo ele, a presença de um mesmo ditongo nasal átono final.

2a.) O autor considera presente a marca de pluralidade nas formas do pretérito perfeito em que a terminação se realiza como [-ũ] ou [-ū], mas não faz o mesmo em relação aos verbos "regulares". Falando mais claramente, se as formas como 'falarũ' [fɛlarũ] ~ 'falarū' [fɛlarū] continuam sendo de plural por se distinguirem da forma singular falou [feˈlow̃], a pluralidade deveria ser considerada presente também nas formas como 'falũ' [ˈfalũ] ~ 'falū' [ˈfalū] — admitidas por GUY — que se distinguiriam da forma singular fala [ˈfalɛ].

3a.) O autor sustenta a variação [-ũ ~ -ū] nos verbos "regulares". De um lado, se essa variação realmente ocorre, a evolução das vogais átonas finais proposta por GUY é plausível, mas vem reafirmar a primeira objeção aqui mencionada; ou melhor, não há justificativa para diferentes derivações do ditongo [-ẽw̃], ante o efeito da regra de desnasalização. De outro lado, no *corpus* utilizado para a presente análise, a variação [-ẽw̃ ~ -ũ ~ -ū] aparece apenas nas formas de pretérito perfeito — falaram [feˈlarẽw̃] ~ 'falarũ' [fɛlarũ] ~ 'falarū' [fɛlarū]; nos outros tempos, a terminação -am, realiza-se como [-ẽw̃ ~ -ɛ] — falam [ˈfalẽw̃ ~ ˈfalɛ]. Nesse caso, então, a evolução das vogais proposta por GUY é absolutamente inaceitável. Se o ditongo nasal átono final [-ẽw̃] está em variação ora com [-ɛ], ora com [-ũ] e [-ū] — e são essas as variações encontradas nos dados por mim utilizados — parece evidente que tal ditongo seja o resultado de transformações ocorridas em formas originárias diferentes. Dessa maneira, a origem desse ditongo não deve ser atribuída à fusão das terminações [-ã] e [-õ], confor-

me admite GUY.

Quanto à evolução das terminações verbais, OLIVEIRA (1983), partindo da hipótese de que a regra sincrônica de desnasalização postulada por GUY não existe, propõe que as vogais nasais átonas finais do português arcaico, [ẽ] (< — (b) ant), [ẽ] (< — ent) e [õ] (< — unt), passaram pelos seguintes processos de transformação:

19) Desnasalização (regra (15) de Oliveira)

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ silábico} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right] \rightarrow \left\langle - \text{ nasal} \right\rangle / \text{ — } \left[ - \text{ acento} \right] \# \#$$

29) Ditongação (regra (17) de Oliveira)

$$\emptyset \rightarrow \left[ \begin{array}{l} + \text{ silábico} \\ - \text{ consonantal} \\ + \text{ alto} \\ \alpha \text{ arredondado} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right] / \left[ \begin{array}{l} + \text{ silábico} \\ + \text{ nasal} \\ - \text{ arredondado} \\ - \text{ acento} \\ - \alpha \text{ anterior} \end{array} \right] \# \#$$

39) Alçamento das vogais médias pós-tônicas regra (18) de Oliveira)

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{ silábico} \\ - \text{ alto} \\ - \text{ baixo} \end{array} \right] \rightarrow \left[ + \text{ alto} \right] / \text{ — } \left[ - \text{ acento} \right] \# \#$$

Desses processos, ordenados, ocorridos provavelmente antes do século XV (quando formas em -am no lugar de -om começam a ser registradas), teria resultado a evolução que passa a ser representada pelo seguinte quadro:

1º ESTÁGIO	2º ESTÁGIO	3º ESTÁGIO	4º ESTÁGIO
[-ɐ̃]	[-ɐ̃] ~ [-ɐ̃]	[-ɛ̃w̃] ~ [-ɐ̃]	[-ɛ̃w̃] ~ [-ɐ̃]
[-ễ]	[-ễ] ~ [-e]	[-ễỹ] ~ [-e]	[-ễỹ] ~ [-i]
[-ỗ]	[-ỗ] ~ [-o]	[-ỗ] ~ [-o]	[-ũ] ~ [-u]
TRANSFORMAÇÕES	DESNASALIZAÇÃO	DITONGAÇÃO	ALÇAMENTO

Referindo-se à variação [-ɛ̃w̃] ~ [-ũ] ~ [-u], registrada nas formas de terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo do português do Brasil, OLIVEIRA conclui que ela se deve somente a processos ocorridos no português arcaico, ou seja:

a) a transformação da vogal nasal átona final do português antigo, [-ỗ] (<-unt), que passa a [-ũ] ~ [-u] através da desnascificação e do alçamento;

b) a criação analógica do ditongo nasal átono final [-ɛ̃w̃], baseada nas formas de terceira pessoa do plural do presente e do imperfeito do indicativo.

Para OLIVEIRA, as variações representadas no quarto estágio estão presentes na língua há vários séculos. Sendo assim, a variação entre [-ɛ̃w̃] e [-ɐ̃] e a variação entre [-ễỹ] e [-i], que ocorrem atualmente nas formas verbais de 3a. pessoa do plural do presente e do imperfeito do indicativo, no português do Brasil, não resultam apenas da não-aplicação da regra váriável de concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito; elas são, também, um resíduo histórico refletido na variação sincrônica da nossa língua. Em outras palavras, a mais alta frequência de neutralização entre as formas de 3a. pessoa do singular cujo final é uma vogal oral átona, [-ɐ̃] ou [-i], e as formas de 3a pessoa do plural cujo final é um ditongo

nasal átono, ( [-ẽw̃] ou [-ẽỹ], respectivamente), deve-se a dois processos diferentes — a não-aplicação da regra variável de concórdia verbal e o efeito de transformações fonológicas ocorridas ainda no português arcaico.

Com essa análise, OLIVEIRA(1983:5) rejeita também o princípio de saliência fônica, proposto por NARO e LEMLE(1977), a respeito do qual afirma:

*Embora este princípio pareça funcionar, ele tem, em minha opinião, uma implicação algo estranha. Ele é altamente anti-funcional, e é difícil imaginar que as pessoas obliterem oposições exatamente nos casos em que aquilo que está sendo omitido é a única marca para a diferença entre formas do singular e formas do plural.*

No que se refere à evolução das terminações verbais portuguesas, a proposta de OLIVEIRA parece-me a mais plausível, uma vez que, além de não suscitar os problemas encontrados na análise de GUY, mostra-se em coerência com vários estudos anteriores, que considero indispensável retomar aqui:

Para LEITE DE VASCONCELOS(1901:102), a redução Lat. -unt port. ũ ou o, nos verbos, é fenômeno antigo e ainda presente em Portugal:

*Le lat. — VNT dans les verbes est représenté en portugais ancien par -om. Dans la langue de Guimarães au XVII<sup>e</sup> siècle, on trouve encore dans des mss.: vierom, despachārom, mandārom. Aujourd'hui l' -ō (= -om) se conserve dans une grande partie du Sud, où il alterne avec -ũ et avec -o' (-u'); en Entre-Douro-e-Minho, à Sinfães, et à Rêsende, on dit couramment -o' (-u'). Dans la Beira, de même qu'à Tras-os-Montes, on trouve -ũ et -ão. Exs.: forō, forũ, foro, forão, "foram" < l. \*furant <> fuerunt.*

Diz ainda LEITE DE VASCONCELOS(1926:32) que:

A vogal final dos verbos tornou-se ditongo:  
*erant* > *erã* > *erão* (escrito hoje -am).

Para BOURCIEZ e MEYER-LÜBKE (cf. NASCENTES, 1953:162), a terminação -am da terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo provém da analogia com a de igual pessoa do imperfeito do indicativo.

COUTINHO (1976:281-5), referindo-se à passagem das formas verbais latinas para o português, diz sobre o presente do indicativo:

*Na 3a. pessoa do plural da primeira conjugação, desenvolveu-se um -o- paragógico, que deu em resultado um ditongo -ão, grafado -am por ser átono.*

Quanto ao perfeito do indicativo, o autor afirma que:

*Na 3a. pessoa do plural, a terminação arcaica era -om: amarom, deverom, punirom.*

MELO (1981:83-117) propõe para a terminação verbal de terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo a evolução: -unt > -om > -o (amarunt > amarom > amaro). Sendo assim, da forma arcaica [-õ] é que teria resultado o [-u] das formas como: 'amaru', [e<sup>h</sup>maru], 'venderu', [vê<sup>h</sup>deru], 'partiru' [peht<sup>h</sup>širu] etc. Também MARROQUIM (1934:66) refere-se à realização de -am como -o [-u] no português atual como a persistência de uma forma arcaica da língua.

A análise de NARO e LEMLE (1977), na minha opinião, deve ser também considerada. De um lado, o princípio de saliência fônica, proposto pelos autores, parece, sem dúvida, um recurso antifuncional. Mas, de outro lado, uma possível relação entre as diferenças fônicas que distinguem o singular do plural, nas formas verbais de

terceira pessoa, e a aplicação da regra de concordância parece perfeitamente justificável, se se leva em conta a variada constituição morfológica dessas formas. Segundo CÂMARA (1972:94-100), no padrão geral dos verbos portugueses, o radical (R) é uma parte invariável, que encerra a significação lexical, permanente, do verbo. Esse radical é constituído de um morfema lexical, acrescido ou não, de um ou mais morfemas derivacionais. A indicação das noções gramaticais cabe ao sufixo flexional (SF), que se une ao tema (T) do verbo. Esse tema é formado pelo radical (R) mais a vogal temática (VT) da conjugação correspondente. O sufixo flexional, por sua vez, é formado de dois constituintes que se aglutinam intimamente e servem para indicar, de um lado, o tempo (a ocasião da ocorrência, visto do momento em que se faz a comunicação) e o modo (a expressão da apreciação do falante a respeito do que se diz), e de outro lado, a pessoa (falante, ouvinte ou outro ser a que o verbo se subordina na comunicação lingüística) e o número (uma pessoa, singular; mais de uma pessoa plural). Essas duas noções gramaticais, que a forma verbal indica em princípio, correspondem a duas desinências, ou sufixos flexionais, que podem ser chamados, respectivamente, sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número-pessoal (SNP). No entanto, qualquer dos constituintes que aparecem depois do radical - VT, SMT, SNP - pode faltar ou equivaler a zero. Existe também a possibilidade de alomorfia em todos esses elementos. Além disso, embora o padrão geral se fixe, essencialmente, num radical imutável, em muitos outros verbos da língua portuguesa, verifica-se um desvio desse padrão geral morfológico; nesses verbos, ditos "irregulares", a mudança no radical cria uma série de padrões morfológicos especiais.

Essa descrição de CÂMARA já evidencia a complexidade da constituição morfológica das formas verbais portuguesas. E, quanto às formas de terceira pessoa, cabe ainda ressaltar que:

a) As formas do singular apresentam estruturas segmentais diferentes das apresentadas pelas formas de plural. Exemplos:

- (1) singular : fala = /fal + a/  
plural : falam = /fal + a + m/
- (2) singular : faz = /faz/  
plural : fazem = /faz + e + m/

b) Em grande número de verbos, as formas do singular distinguem-se das do plural apenas pela presença do sufixo número -pessoal -m, nessas últimas. Essa diferença estrutural acarreta saliências fônicas não muito acentuadas, diferenciando singular e plural — [-e] / [-ēw̃], em formas como fala/falam, falava/falavam, venda/vendam, vendia/vendiam, vendera/venderam etc. é, [-i] / [-ēỹ], em casos como vende/vendem, fale/falem, falasse/falassem etc.;

c) Em muitos verbos, a oposição singular/plural se faz entre formas que apresentam estrutura segmental mais complexa e/ou divergências também quanto à estrutura supra-segmental. Nessas formas em que é maior a diferenciação estrutural, verificam-se, conseqüentemente, saliências fônicas de vários graus, e todas elas, mais acentuadas do que as registradas em (b). Incluem-se nesses casos: faz/fazem, quer/querem, foi/foram, deu/deram, pôs/puseram, teve/tiveram, amou/amaram, veio/vieram, quis/quiseram etc.

#### 4 - Conclusão

Conforme ficou demonstrado no presente capítulo, o problema da concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito plural, de terceira pessoa, na língua portuguesa, é abordado sob diferentes pontos de vista na literatura. De acordo com as gramáticas normativas, essa é uma regra obrigatória, o que leva a sua ausência a ser considerada um "erro" grave, próprio dos falantes incultos e de condi-

ção social desprestigiada. Entretanto, vários estudos mostram que a simplificação das flexões verbais constitui um traço marcante no português falado em toda a extensão do território brasileiro e, além disso, é um fenômeno já antigo na língua. Os trabalhos mais recentes, depois de constatarem a freqüente ocorrência de frases com o sujeito no plural e o verbo no singular, na fala dos brasileiros, mostram que a concordância verbal é uma regra que, no português coloquial do Brasil, ora se aplica, ora deixa de se aplicar, sendo tal variação dependente de vários condicionamentos. A relação encontrada por NARO e LEMLE entre a freqüência de aplicação da regra de concordância verbal e a saliência fônica que marca a oposição singular/plural, nas formas verbais portuguesas, deve ser levada em conta pois é possível que a variada constituição morfológica das nossas formas verbais, acarretando uma diversificada diferenciação fonética entre o singular e o plural, exerça alguma influência sobre a freqüência de aplicação da regra de concordância verbal, na nossa língua. A proposta de considerar a ausência de concordância verbal um caso de interação entre processos fonológicos e morfo-sintáticos variáveis é, na minha opinião, perfeitamente válida; no entanto, discordo de GUY no que se refere à regra sincrônica variável de desnasalização, uma vez que a evolução das terminações verbais átonas proposta por OLIVEIRA parece-me a mais convincente. Acredito, então, que de uma série de transformações fonológicas ocorridas ainda no português arcaico resultam as seguintes variações, registradas atualmente no português coloquial do Brasil:

a)  $[-\tilde{e}\tilde{w} \sim -\tilde{e}]$ , na terminação átona -am das formas de: pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito do indicativo de todas as conjugações; presente do indicativo da primeira conjugação; presente do subjuntivo da segunda e da terceira conjugações;

b)  $[-\tilde{e}\tilde{y} \sim -\tilde{i}]$ , na terminação átona -em das formas de :

pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado, de todas as conjugações; do presente do subjuntivo da primeira conjugação; do presente do indicativo da segunda e da terceira conjugações.

c) [-ẽw̃ ~ -ũ ~ -u], na terminação átona -am das formas de pretérito perfeito do indicativo de todas as conjugações.

Na variação [-ẽw̃ ~ -ũ ~ -u], a marca de pluralidade é preservada; ou seja, a realização dos monotongos não impede que se estabeleça, no pretérito perfeito do indicativo, a oposição entre as formas de terceira pessoa do singular e as de terceira pessoa do plural:

Ele falou/Eles falaram [fə'low] / [fə'larẽw̃ ~ fə'larũ ~ fə'laru]

Ele comeu/Eles comeram [kómew] / [kómerẽw̃ ~ kómerũ ~ kómeru]

Ele partiu/Eles partiram [pəhtšiw] / [pəhtširẽw̃ ~ pəhtširũ ~ pəhtširũ]

Mas, nas variações [-ẽw̃ ~ -e] e [-ẽỹ ~ -i], quando se verificam as realizações monotongadas, as formas de terceira pessoa do plural passam a coincidir com as formas de terceira pessoa do singular correspondentes:

Ele fala/Eles falam [fale] / [falẽw̃ ~ fale]

Ele falava/Eles falavam [fəlavə] / [fəlavẽw̃ ~ fəlave]

Ele comia/Eles comiam [kómie] / [kómiẽw̃ ~ kómie]

Ele come/Eles comem [komi] / [komẽỹ ~ komi]

Se ele falasse.../Se eles falassem... [fə'lasí] / [fə'lasẽỹ ~ fə'lasí]

Nessas últimas formas, a neutralização entre o singular e o plural explica-se, portanto, pela ação simultânea de dois processos:

1º) A variação na aplicação da regra de concordância verbal;

29) A variação na realização das terminações verbais átonas, gerada por modificações fonológicas ocorridas no passado.

Enfim, parto da hipótese de que a ausência de concordância verbal, em português, resulta da interação entre um processo morfo-sintático variável e de alguns processos fonológicos também variáveis, só que o primeiro é sincrônico, e os últimos, diacrônicos.

NOTAS DO CAPÍTULO 4

<sup>1</sup> Tal afirmação baseia-se na consulta às várias gramáticas que se encontram entre as Referências Bibliográficas:

- . ANDRÉ (1979:346-356)
- . BECHARA (1982:303-310)
- . CEGALLA (1978:294-305)
- . CUNHA (1975:339-352)
- . MELO (1970:342-356)
- . ROCHA LIMA (1974:353-384)
- . SAID ALI (1964:149-160)
- . TORRES (1966:144-165)

<sup>2</sup> O autor refere-se ao atual Estado da Guanabara.

<sup>3</sup> Esses exemplos são utilizados por GUY (1981):

- . eles recebe (exemplo (4), p. 84)
- . as casa branca (p. 103).

## CAPÍTULO 5 : A S V A R I Á V E I S



A concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito de terceira pessoa do plural, no português coloquial do Brasil, será, portanto, considerada no presente trabalho como uma variável lingüística, dependente de condicionamentos lingüísticos e não-lingüísticos, que serão propostos na secção seguinte. Como a minha preocupação é analisar a Regra (1) em termos da sua não-aplicação, serão tratados de (C-Ø) os casos em que ainda aparece, no verbo, a repetição das marcas de número e pessoa presentes no sujeito, que pode, ou não, estar expresso na oração; e de (C-1), os casos nos quais não se faz presente a concordância verbal.

Pelo fato de se considerar a ausência de concordância nos verbos "regulares" como o efeito de não-aplicação da Regra 1 somado a um reflexo sincrônico de processos fonológicos diacrônicos<sup>(1)</sup>, as formas do pretérito perfeito serão analisadas, isoladamente, com os seguintes objetivos:

- 1º) Verificar a frequência de realização das formas não-padrão nesse tempo verbal, nas quais a concordância é preservada;
- 2º) Identificar os possíveis fatores estruturais e não-estruturais que condicionam tal realização;
- 3º) Evidenciar, com base nos resultados encontrados através desses dois objetivos anteriores, a realização das terminações monotongadas também nos verbos "regulares", bem como os possíveis fatores que favorecem ou inibem essa realização.

## 2. As variáveis independentes

A seleção das variáveis a serem utilizadas como possíveis condicionadores da regra de concordância verbal em português será feita tomando como suporte alguns estudos anteriores e já mencionados nesta dissertação. Assim, de acordo com NARO e LEMLE (1977), a

constituição morfológica da forma verbal, a posição de superfície do sujeito e o grau de formalidade da situação exercem influência na frequência de aplicação da regra em estudo. A esses três condicionamentos LEMLE e NARO (1977) acrescentam, ainda, a influência da definição, ou não, do sujeito da oração. Em NARO (1980), os resultados obtidos indicam, também, a relação entre a frequência de aplicação da regra de concordância verbal e a idade dos informantes. Nesse trabalho, é ainda levada em conta a variável sexo. MOTTA (1979), investigando a possível influência da escolarização sobre a linguagem oral, estuda a concordância verbal em português, considerando todos esses condicionamentos acima enumerados. E GUY (1981) também analisa a referida regra, propondo que a frequência de sua aplicação seja condicionada pelas seguintes variáveis: posição de superfície do sujeito, tipo de sujeito, constituição morfológica do verbo, estilo de fala, sexo e idade do informante. Para alguns verbos, GUY inclui ainda o ambiente fonológico (precedente e seguinte) como um possível condicionamento da aplicação da regra de concordância.

Além desses estudos, o contato com algumas das pesquisas realizadas por LABOV leva-me a considerar também a variável grupo social. LABOV (1972), por exemplo, mostra que o uso do (r) em posição pós-vocálica, em palavras como car, card, four, fourth, na cidade de Nova Iorque, apresenta estratificação social. Segundo o autor, quanto mais baixo o nível sócio-econômico dos informantes, maior é a ausência do (r), que se realiza com mais frequência na fala dos jovens de nível social mais elevado. Para LABOV, isso se explica pelo fato de ser o (r) uma variável de prestígio que, desde a II Guerra Mundial, vem sendo introduzida naquela cidade pelas classes altas.

Enfim, parto da hipótese de que, no português coloquial do Brasil, a aplicação da regra variável de concordância verbal, nas formas de terceira pessoa do plural, possa ser sensível a condicionamentos estruturais (constituição morfológica da forma verbal, ambiente

fonológico que sucede ao verbo, posição do SN sujeito em relação ao verbo, constituição do SN sujeito) e não-estruturais (estilo de fala, sexo, idade e grupo social a que pertence o falante).

### 2.1 - A constituição morfológica da forma verbal

Na análise apresentada por NARO e LEMLE(1977), a observação de que a ausência de concordância é mais freqüente nas formas em que a oposição singular/plural é, foneticamente, menos nítida leva os autores a proporem uma escala com cinco graus para representar a gradação das diferenças fônicas entre as formas verbais de terceira pessoa do singular (3 PS) e as de terceira pessoa do plural (3 PP):

<u>Graus da Escala</u>	<u>diferença entre singular e plural</u>
R	acentuação no radical, nasalização da vogal átona final: <u>fala/falam</u> .
V	acentuação no radical, presença ou ausência da vogal nasal átona final: <u>faz/fazem</u> .
E	acentuação na terminação, desinências distintas: <u>falou/falaram</u> .
F	acentuação na terminação, desinências distintas e mais alguma irregularidade: <u>fez/fizeram</u> .
W	monossílabos, formas completamente distintas: <u>é/são</u> .

A essas subclasses morfológicas é acrescentada mais uma, que não estaria colocada em nenhum grau da escala:

L	formas monossilábicas (como em W) com nasalização da vogal final (como em R): <u>dã/dão</u> .
---	---

LEMLE e NARO(1977) utilizam inicialmente essa escala denominando-a de Categorização OLD, para a qual estabelecem a hipótese de que a hierarquização das probabilidades de concordância seria nesta ordem:

/ R V /

sem acento

/ L E F W /

com acento

A subclasse L passa a incluir as formas não-monossilábicas, está/estão, sendo definida, então, como "sobreposição de raiz e desinência, com acento."

Partindo da necessidade de encontrar pontos de discrepância verificados nessa primeira categorização, os autores utilizam mais duas categorizações - NEO-CODE e NEAMAL: a primeira delas é constituída de grande número de subclasses, e a segunda compreende apenas uma simplificação da primeira. Essas categorizações podem ser vistas através da TABELA 5-1, que se encontra na página seguinte:

Diferenças entre singular e plural	Categorização NEO-CODE	Categorização NEAMAL
Verbos regulares, nasalização da vogal átona final: <u>come/comem, vê/vêem</u>	B (polissílabos <u>come/comem</u> ) T (monossílabos <u>vê/vêem</u> )	B
Forma singular em <u>a</u> átono e plural em <u>am</u> (na representação ortográfica): <u>fala/falam</u>	N	N
O plural apresenta uma vogal nasal átona final que não aparece no singular: <u>faz/fazem, quer/querem</u>	V	V
"Sobreposição da raiz e desinênciã com acento": <u>dá/dão, está/estão</u> .	G ( <u>dá/dão, está/estão</u> etc.) H ( <u>vai/vão</u> )	G
Formas totalmente distintas para singular e plural: <u>é /são</u>	W	W
Pretéritos perfeitos regulares: <u>falou/falaram, partiu/partiram, comem/comeram</u>	J (2a. e 3a. conjugações) K (1a. conjugação)	K
Pretéritos perfeitos irregulares, com mudança de acento: <u>fez/fizeram, disse/disseram, teve/tiveram</u>	Y ( <u>disse/disseram</u> ) X ( <u>teve/tiveram</u> )	Y
Caso único: <u>foi/foram</u>	Z	Z
Caso único: <u>veio/vieram</u>	U	U
Caso único: <u>era/eram</u>	Q	Q

TABELA 5-1: Categorizações NEO-CODE e NEAMAL, utilizadas por LEMLE e NARÓ (1977).

Para a categorização NEAMAL os autores hipotetizam a hierarquização das probabilidades de concordância de acordo com a seguinte ordem:

<u>/ B N V /</u>	<u>/ G Z W /</u>	<u>/ K Y /</u>
diferença na desinência não-acentuada	diferença na <u>so</u> breposição da raiz e desinência com acento	diferença na desinência acentuada

NARO(1980) utiliza apenas uma categorização, na qual figuram dois níveis: o primeiro, compreendendo três classes de segmentos átonos que estabelecem a oposição singular/plural; o segundo, com cinco classes de segmentos acentuados pelo menos em um dos membros da oposição:

Nível 1 (segmentos átonos)

	<u>Exemplos</u>
Classes a. [i / -i]	come/comem
b. [e / -ü]	fala/falavam
c. ø / [-i]	faz/fazem

Nível 2 (segmentos tônicos)

Classes a. [ã / -ãw]	dã/dão
b. [ew/erü/iw/irü/oy/orü]	comeu/comeram
c. [ö / -ärü]	falou/falaram
d. caso único	é / são
e. ø / [erü], [ei/ erü]	disse/disseram

MOTTA(1979), partindo dessas categorizações propostas anteriormente, estabelece a seguinte escala de oposições:

- I - vogal oral átona final no singular X vogal nasal átona final no plural — fala/falam, come/comem, lavava/lavavam.
- II - forma do singular X forma do singular acrescida de uma vogal ou ditongo nasais átonos no plural — diz/dizem.
- III - formas que sobrepõem raiz e desinência tônicas — dã/dão, estã/estão, vai/vão.
- IV - pretéritos irregulares com deslocamento do acento do radical para a desinência e/ou alteração das vogais do radical, nas formas do plural — fez/fizeram, veio/vieram, disse/disseram.
- V - pretéritos regulares em que a oposição se faz entre desinências tônicas — falou/falaram, comeu/comeram, saiu/saíram.
- VI - formas completamente diferentes para singular e plural — é/são.

GUY(1981) inicia sua análise utilizando a seguinte categorização para a variável morfológica:

- 1 - verbos nos quais a oposição singular/plural é  $\emptyset / [\text{ẽy} \sim \text{ĩ}]$  — faz/fazem, quer/querem etc.
- 2 - verbos regulares que apresentam uma vogal oral tônica final nas formas do singular e um ditongo nasalônico final nas formas do plural- dã/dão etc.
- 3 - as formas verbais do pretérito perfeito, que apresentam a desinência -ram para a 3a. pessoa do plural.

- 4 - o presente do indicativo do verbo ser, no qual a oposição singular/plural se faz através de formas supletivas - ê/são.

Em seguida, o autor distingue quatro categorias para o pretérito perfeito, alterando a categorização acima, que passa a ser constituída de sete fatores:

- 1 - faz/fazem
- 2 - dá/dão
- 3 - foi/foram
- 4 - sumiu/sumiram (pretéritos regulares da 2a e 3a. conjugações)
- 5 - falou/falaram (pretéritos regulares da 1a. conjugação)
- 6 - pretéritos irregulares que apresentam deslocamento do acento
- 7 - ê/são

Finalmente, GUY inclui em sua análise os verbos por ele denominados "regulares", nos quais as formas de terceira pessoa se opõem apenas pela presença do morfofonema //N// (desinência número-pessoal -m) no plural: fala/falam, come/comem etc. Nesta última categorização, o autor combina alguns dos fatores incluídos na segunda:

- 1 - come/comem, fale/falem etc.
- 2 - fala/falam, ia/iam etc.
- 3 - faz/fazem. quer/querem etc.
- 4 - dá/dão, está/estão etc.
- 5 - sumiu/sumiram etc. (incluindo foi/foram)
- 6 - ê/são, falou/falaram, fez/fizeram etc.

Uma vez conhecendo todos esses trabalhos anteriores, eu estabeleço a categorização que será utilizada na presente análise, e que pode ser vista através da TABELA 5-2:

CODIFICAÇÃO	CONSTITUIÇÃO MORFOLÓGICA DA FORMA VERBAL		DIFERENÇAS FÔNICAS QUE MARCAM A OPOSIÇÃO SINGULAR/PLURAL	EXEMPLOS
	ESTRUTURA SEGMENTAL	ESTRUTURA SUPRA-SEGMENTAL		
B	3PS = R + (VT = /a/) ou R + VT + (SMT = /a/)	acento no R ou na VT	[-e / -ẽw]	falã, falavã falãm, falavam
C	3PP = [R + (VT = /a/) + SNP] ou [R + VT + (SMT = /a/) + SNP]	acento no R ou na VT		
	3PS = R + (VT ou SMT = /e/) + SNP	acento no R	[-i / -ẽy]	comẽ, fale comem, falem
D	3PP = R + (VT ou SMT = /e/) + SNP	acento no R		
	3PS = R ou (R + VT + /r/)	acento no R ou VT	ø / [-ẽy]	faz, fazer fazem, fazem
E	3PP = R + em ou [(R + VT + /r/) + em]	acento no R ou VT		
F	3PS = (R + VT) ou (R + VT + SMT)	acento na VT ou SMT	[-a / -ãw]	dã, estã, falarã dãõ, estãõ, falarãõ
G	3PP = [(R + VT) + SNP] ou [(R + VT + SMT) + SNP]	acento na VT ou SMT		
H	3PS = R + SNP	acento na TERMINAÇÃO	[-ay / -ãw]	vai vão
I	3PP = R + SNP	monossílabo tônico		
J	3PS = R + (VT=e ou i) + SNP	monossílabo tônico	[-w / rẽw]	morreu, partiu morreeram, partiram
K	3PP = R + (VT=g ou j) + SNP	acento na VT		
L	3PS = R + (VT=alomorfe o) + SNP	acento na VT	[-ow / 'arẽw]	falou falaram
M	3PP = R + (VT=a) + SNP	acento na VT		
N	3PS = R + VT	acento na R	[-i / -'rẽw]	soubẽ, disse souberam, disseram
O	3PP = R + VT + SNP	acento na VT		
P	3PS = R ou (R + VT)	acento no R	[V C-V C trẽw média / alta [acentado] [-acentado]]	fez, pôs, teve fizeram, puseram, tiveram
Q	3PP = R' + SNP ou [(R' + VT) + SNP]	acento na VT		
R	3PS = R + SNP	monossílabo tônico	[-y / -rẽw]	foi foram
S	3PP = R + SNP	acento no R		
T	3PS = R	acento no R	[-'ã / -'ãrẽw]	quis quiseram
U	3PP = R + VT + SNP	acento na VT		
V	Formas supletivas	monossílabos tônicos	formas distintas	3PS = ẽ 3PP = sãõ

TABELA 5-2: Categorização dos fatores incluídos na variável constituição morfológica da forma verbal.

## 2.2 - O ambiente fonológico que sucede ao verbo

Ao incluir em sua análise o grupo de fatores ambiente seguinte, GUY(1981:264) utiliza a seguinte categorização:

- # # V (vogal [-nasal])
- # # K (consoante [-nasal])
- # # Ø (pausa)
- # # Ṽ (vogal [+nasal])
- # # N (consoante [+nasal])

De acordo com os resultados obtidos, entre os verbos do tipo fala/falam, come/comem, faz/fazem etc., a concordância é mais frequente quando a forma verbal aparece seguida de pausa, sendo desfavorecida quando depois do verbo figura uma vogal oral.

Baseando-me nessa conclusão de GUY, proponho-me a examinar esses ambientes que se mostraram relevantes em relação à frequência de aplicação da regra de concordância verbal. Como a oposição entre esses ambientes pode ser traduzida apenas em termos de presença ou ausência de segmento, a nasalidade (tanto das vogais como das consoantes), considerada por GUY, não será levada em conta na presente análise. Dessa forma, serão incluídos na variável ambiente fonológico que sucede ao verbo somente três fatores, ou seja:

- # # V (vogal)
- # # K (consoante)
- # # Ø (pausa)

## 2.3 - A posição do SN sujeito em relação ao verbo

Em NARO e LEMLE(1977), foram considerados os seguintes casos de posição do sujeito na oração:

- A - sujeito anteposto ao verbo
- D - sujeito posposto ao verbo
- O - sujeito apagado ou distante do verbo

A concordância mostra-se menos freqüente nas estruturas com sujeito posposto (D), ao passo que nas estruturas com sujeito apagado ou distante do verbo (O) a freqüência de concordância é maior. Segundo os autores, isso se explica pelo fato de, mais uma vez, prevalecer um princípio de saliência; ou seja, a concordância não pode ser dispensada nos casos em que a sua ausência é mais facilmente percebida.

De acordo com LEMLE e NARO(1977), o princípio de saliência anteriormente estabelecido é confirmado; isto é, a falta de concordância é menos óbvia na categoria menos saliente (sujeito posposto), e as formas verbais referentes ao sujeito anteposto (que é a categoria considerada pelos autores como a mais saliente), bem como as que se referem a sujeitos subentendidos apresentam as mais altas probabilidades de concordância.

Nesse trabalho, foram considerados os seguintes casos de posição de superfície do sujeito:

- sujeito subentendido;
- sujeito imediatamente anteposto ao verbo;
- sujeito anteposto separado do verbo por mais de quatro palavras átonas ou por um conjunto de palavras contendo acento;
- sujeito posposto ao verbo.

MOTTA(1979:74) utiliza a seguinte categorização para a variável posicional:

- 1 - sujeito subentendido;
- 2 - sujeito separado do verbo por oração intercalada;

- 3 - sujeito antecedendo pronome relativo;
- 4 - sujeito anteposto ao verbo;
- 5 - sujeito posposto ao verbo.

Os resultados obtidos por MOTTA para a freqüência de aplicação da regra de concordância, em relação a essa variável, confirmam os resultados encontrados por NARO e LEMLE (1977) e LEMLE e NARO (1977); ou seja, entre os falantes semi-analfabetos (Grupo A), o sujeito subentendido mostra-se como o fator ao qual se atribui a maior porcentagem de aplicação da referida regra, e, entre os falantes concluintes da oitava série do Primeiro Grau (Grupo B), a concordância verbal mostra-se mais freqüente nas estruturas com sujeito pré-verbal. Quanto ao sujeito posposto, em ambos os grupos, não foi, como se esperava, o fator a que se atribuíram as menores porcentagens de aplicação da regra em estudo. <sup>(2)</sup> A autora conclui que a posição do SN sujeito exerce influência sobre a freqüência de aplicação da regra de concordância verbal em português. E acrescenta que, em relação a essa variável, os dois grupos observados se comportam semelhantemente, embora, entre as estruturas que apresentam o sujeito antecedendo pronome relativo, a concordância seja bem mais freqüente no Grupo B que no Grupo A.

GUY (1981:244) distingue, inicialmente, dois tipos de sujeito — o que aparece expresso e o que não aparece expresso na sentença analisada. No primeiro tipo, incluem-se: o sujeito precedente e distante do verbo, o sujeito imediatamente anteposto ao verbo e o sujeito pós-verbal. No segundo tipo, o sujeito pode ou estar expresso apenas na pergunta dirigida ao entrevistado <sup>(3)</sup>, ou aparecer em orações anteriores, ou referir-se a um ser não-especificado (indeterminado), ou simplesmente não ocorrer na sentença (inexistente). A essas duas subcategorias, o autor acrescenta um oitavo fator constituído do sujeito das orações nas quais o verbo SER concorda com o complemento. <sup>(4)</sup> GUY conclui que o sujeito imediatamente anterior ao verbo favorece a aplicação da regra de concordância, que é desfavorecida pelo sujeito pós-verbal; todos os outros fatores acima mencionados mostram-se neutros em relação à aplicação da referida regra. <sup>(5)</sup>

Apoiada nos resultados obtidos através desses trabalhos e nas categorizações neles utilizadas, eu proponho que, para a presente análise, sejam incluídos na variável posição do SN sujeito os fatores da TABELA 5-3:

CODIFICAÇÃO	F A T O R E S	E X E M P L O S
I	sujeito imediatamente anteposto ao verbo na oração	a) " <u>Eles</u> conseguiram, mas..." (I.48, F.1) b) " <u>Os meus irmão</u> é advogado." (I.8, F.43)
A	sujeito anteposto e distante do verbo na oração	a) " <u>Eles</u> já deviam vir sabendo..." (I.48, F.4) b) "... <u>esses colégios</u> também não estão pensando..." (I.48, F.17)
E	sujeito expresso em oração anterior	a) "(Se <u>eles</u> quisessem,) não teriam condição." (I.48, F.28) b) "...não iriam mudar..." (I.48, F.29)
O	sujeito posposto ao verbo na oração	a) "...na sala de aula, <u>tava os menino</u> na porta." (I.8, F. 1) b) "Mas já vai aparecendo <u>outras</u> ." (I. 16, F.11)

TABELA 5-3: Categorização dos fatores incluídos na variável posição do SN sujeito.

## 2.4 - A constituição do SN sujeito

A constituição do SN sujeito foi examinada nos estudos de LEMLE e NARO (1977), de MOTTA (1979) e de GUY (1981). No primeiro trabalho, essa variável não se mostra significativa em relação à frequência de aplicação da regra de concordância. Já no estudo realizado por MOTTA, o SN sujeito constituído de pronome pessoal comporta-se como um fator que favorece a aplicação da regra analisada<sup>(6)</sup>. A autora leva em conta, também, estes fatores: SN contendo apenas um núcleo (substantivo), SN constituído de dois núcleos (substantivo ou pronome), SN cujo núcleo é um pronome indefinido, SN constituído de outros pronomes (demonstrativos e interrogativos), SN no qual figura um numeral. E GUY inclui em sua análise quatro tipos de sujeito: SN constituído de palavras no singular, SN em que todas as palavras aparecem no plural, SN em que aparece alguma palavra no plural e SN cuja pluralidade é indicada pelo contexto. O primeiro desses fatores desfavorece a aplicação da regra de concordância, enquanto o último a favorece. Os outros dois fatores distinguidos pelo autor apresentam comportamentos também distintos — o SN com todas as palavras no plural favorece a concordância, que é desfavorecida nos casos em que apenas algumas palavras do SN aparecem no plural<sup>(7)</sup>.

Será incluída, então, entre as variáveis estruturais propostas nesta dissertação a constituição do SN sujeito, considerando-se a categorização expressa através da TABELA 5-4.

CODIFI CAÇÃO	F A T O R E S	
S	SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no <u>plural</u> , ou dois ou mais substantivos no <u>singular</u>	a) " <u>As mãe</u> não deixa as <u>me nina...</u> " (I.4, F. 56) b) " <u>E minha mãe com meu pai</u> me obrigou a vir..." (I.16, F.1).
L	SN constituído de pronome pessoal da terceira pessoa do plural (Eles/Elas)	a) " <u>Eles</u> pede." (I.4, F.80) b) "...agora que <u>eles</u> começou pedi carterinha..." (I.4, F.66)
N	SN constituído ou de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral	a) " <u>Os outro</u> fala que é assim..." (I.14, F.19) b) "... <u>os meus</u> são de lá..." (I.5, F.28) c) "... <u>os três</u> passava por cima da mesa..." (I.22, F.31)
R	SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural	a) "Tem umas menina <u>que</u> tá andano com..." (I.4, F.58) b) "Tem uns <u>que</u> nem lembra, nê?" (I.4, F.69)

**TABELA 5-4:** Categorização dos fatores incluídos na variável constituição do SN sujeito.

## 2.5 - O Estilo de fala

De acordo com LABOV (1972 - Cap. 7), o estilo de fala pode ser definido em termos do grau de atenção prestada à fala. Segundo o autor, numa situação de entrevista predomina o estilo cuidado,

próprio do contexto em que o falante se mostra preocupado com o seu desempenho lingüístico. É possível, no entanto, obter-se a fala espontânea e a fala casual. O primeiro desses estilos ocorre nos momentos em que, envolvido emocionalmente, o falante se esquece da sua condição de entrevistado e volta sua atenção para os fatos narrados. O outro estilo — fala casual — só ocorre em situações informais, quando o informante se encontra numa situação de maior relaxamento e, por isso, não se preocupa com a sua produção lingüística. O autor lembra que, embora existam recursos para quebrar a formalidade da entrevista, a fala obtida nessa situação apenas se aproxima do vernáculo, que é o estilo usado no dia-a-dia, com a família e/ou com os amigos.

A variável estilística já foi incluída em diversos estudos sobre a concordância verbal, em português. De acordo com os resultados obtidos por NARO e LEMLE (1977), as situações em que é menor o grau de atenção prestada à fala favorecem a ausência de concordância. No entanto, esses resultados não puderam ser confirmados através do trabalho realizado por LEMLE e NARO (1977). Na análise de MOTTA (1979: 82), foram considerados os contextos menos formais e os contextos mais formais. Entre os primeiros, distinguiram-se as respostas breves e a conversação espontânea. Os outros consistiram nas histórias (reproduzidas ou criadas). Nos dois grupos de informantes observados, as maiores porcentagens de aplicação da regra de concordância foram atribuídas aos contextos mais formais <sup>(8)</sup>. Essa relação entre o estilo de fala e a freqüência de aplicação da regra de concordância verbal não foi confirmada nos resultados obtidos por GUY (1981:269); isto é, os índices probabilísticos atribuídos aos fatores considerados pelo autor, na variável estilística, não evidenciaram qualquer influência (positiva ou negativa) sobre a aplicação da regra analisada.

Apesar desses diferentes resultados, acho válido verificar se o estilo de fala favorece, ou não, a ausência de concordância verbal no português. Serão, então, considerados dois contextos. O pri-

meiro contexto, que será tratado como Formal, compreende a fala usada pelo informante no início da entrevista, nas respostas dadas às questões propostas pelo entrevistador e nas narrativas e/ou colocações em que o entrevistado se mostra mais tenso (levanta a cabeça, olha para o gravador com desconfiança, procura uma melhor posição na cadeira, cruza os braços, fica em silêncio por alguns instantes como se pensando no que vai dizer, baixa o tom de voz repentinamente ou fala em tom pomposo como quem tem à sua frente uma platéia). O segundo contexto será denominado de Informal, e nele serão incluídas as estruturas produzidas pelo informante já descontraído, mostrando-se mais à vontade, envolvido emocionalmente com as narrativas. Tal contexto foi definido pelo tratamento familiar dado ao entrevistador (o informante deixa de falar a senhora e passa a usar você, ocê, cê e /ou o nome do entrevistador), pelo vocabulário usado, que chega, às vezes, a incluir palavrões, pela ocorrência de riso ou choro, pela intimidade da conversa (muitos informantes abordam assuntos bem pessoais) e pela postura do entrevistado que, a certa altura da entrevista, nem se lembra do gravador e continua falando mesmo depois de rodado todo o lado da fita.

## 2.6. - As variáveis sociais

Ao lado da variável não-estrutural estilo de fala, que é uma variável lingüística, serão incluídas nesta análise outras três variáveis que, além de não-estruturais, são também não-lingüísticas, ou sociais — sexo, idade e grupo social a que pertence o informante. Essa proposta baseia-se, essencialmente, em LABOV (1972), que mostra a correlação entre a variação lingüística e a variação social nos casos de centralização de (ay) a (aw) na ilha de Martha's Vineyard e da realização fonética das variáveis (r), (eh), (oh), (th), (dh), (ing), (-t) e (-d) na cidade de Nova Iorque. A esses estudos acrescenta-se a relação entre a variação da regra de concordância verbal em português e algumas variações sociais, encontrada através dos trabalhos de NARO

(1980)<sup>(9)</sup>; que mostra a influência da variável idade na aplicação dessa regra, e de MOTTA(1979), no qual a aplicação da regra de concordância é sensível às variáveis sexo e idade.<sup>(10)</sup>

Os fatores da variável idade serão categorizados considerando-se o seguinte: segundo LABOV(1972), a mudança lingüística origina-se num subgrupo da comunidade de fala; em seguida, espalha-se para os outros membros desse subgrupo, sendo levada adiante por gerações sucessivas, nas quais é incorporada pelos jovens, que passam a utilizar a regra além do modelo dos pais. Dessa forma, no presente trabalho, serão observados falantes de duas gerações diferentes — um grupo com idade entre 14 e 18 anos, e outro grupo com idade superior a 35 anos. Esses grupos serão codificados como J(jovens) e A(adultos), respectivamente.

A categorização dos fatores incluídos na variável grupo social levará em conta o quadro social da população de Belo Horizonte, esboçado no capítulo 2, desta dissertação. Serão, então, considerados quatro grupos sócio-econômicos. Esses grupos serão codificados, respectivamente, como B, O, M e A.

#### 4 - Conclusão

Nesta análise da regra de concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito de terceira pessoa do plural, no português coloquial do Brasil, serão, portanto, consideradas nove variáveis — uma, dependente e as outras, independentes. A codificação dessas variáveis e dos fatores incluídos em cada uma delas pode ser vista através da TABELA 5-5.

Variável dependente	Ø	com concordância (padrão ou não-padrão)
	1	sem concordância
Constituição morfológica da forma verbal	B	[-e /-ēw] átono:fala/falam, falava/falavam etc.
	C	[-i /-ēy] átono:fale/falem, come/comem etc.
	D	∅ /[-ēy] átono:faz/fazem, fazer/fazerem etc.
	G	[-a /-āw] tônico:dã/dão, falarã/falarão etc.
	H	caso único: vai/vão
	J	perfeitos reg. 2a. e 3a. conjugações:morreu/morreram, partiu/partiram etc.
	M	perfeitos reg. 1a. conjugação: falou/falaram, andou/andaram etc.
	T	perf.c/dif.seg. fora do R: soube/souberam, disse/disseram
	X	perf.c/diferenças no R e fora do R: fez/fizeram, pôs/puseram etc.
	Y	caso único: foi/foram
	W	caso único: quis/quiseram
	Z	caso único: é/são
	Ambiente fonológico que sucede ao verbo	V
K		consoante
P		pausa
Posição do SN sujeito em relação ao verbo	I	imediatamente anterior ao verbo
	A	anterior e distante do verbo
	E	expresso em oração anterior
	O	posposto ao verbo
Constituição do SN sujeito	S	substantivo(s) no plural ou substantivos no singular
	L	pronome pessoal
	N	ou pronome indefinido, ou pronome possessivo, ou numeral
	R	pronome relativo com antecedente plural
Estilo de fala	F	formal
	I	informal
Sexo	M	masculino
	F	feminino
Idade	J	jovem
	A	adulto
Grupo social	B	baixo padrão de vida
	O	operários
	M	médio padrão de vida
	A	alto padrão de vida

**TABELA 5-5:** Codificação das variáveis e dos fatores considerados na análise da concordância verbal.

NOTAS DO CAPÍTULO 5

<sup>1</sup> Esses processos fonológicos diacrônicos podem ser vistos à p. 67, item 3 do Capítulo 4, desta dissertação.

<sup>2</sup> Os resultados obtidos por NARO e LEMLE (1977:9), LEMLE e NARO (1977:44), e MOTTA (1979:89) para a aplicação da regra de concordância verbal, segundo a posição do sujeito em relação ao verbo, podem ser vistos através da tabela abaixo. Os resultados encontrados por NARO e LEMLE (1977) foram adaptados por mim:

POSIÇÃO DE SUJEITO	NARO e	LEMLE e	MOTA (1979)	
	LEMLE (1977)	NARO (1977)	GRUPO A	GRUPO B
	%	Prob.		
1. sujeito pré-verbal	31,3	.70	43,0	76,8
2. sujeito subentendi do	42,1	.65	48,8	63,5
3. sujeito posposto	6,0	.22	20,2	46,1
4. sujeito separado do verbo por oração in tercalada	—	.44	0,0	26,7
5. sujeito antecedendo pronomes relativos	—	—	16,4	55,4

<sup>3</sup> GUY (1981:242) utiliza os seguintes exemplos:

Q (questão): Eles gostaram?

R (respostas) afirmativa: Gostaram.

negativa: Não, gostaram não.

- 4 GUY (1981:246-7) acredita que é possível identificar, na estrutura subjacente, o sujeito das sentenças nas quais o verbo SER concorda com o complemento. Exemplos 10 e 11 de GUY:

10. (As horas) eram seis horas.

11. (Eles) são cinco irmãos.

- 5 Resultados encontrados por GUY(1981:248) para a variável posicional:

POSIÇÃO DO SUJEITO	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA
1. sujeito imediatamente anteposto ao verbo	.67
2. Sujeito posposto	.32
3. todos os outros casos considerados	.51

- 6 Resultados encontrados por MOTTA(1979:89) para a variável: constituição do SN Sujeito.

CONSTITUIÇÃO DO SN SUJEITO	% DE APLICAÇÃO DA REGRA	
	GRUPO A	GRUPO B
1. SN contendo apenas um núcleo (substantivo)	22,7	52,5
2. SN constituído de dois núcleos (substantivos e pronome)	0,0	60,0
3. SN constituído de um pronome pessoal	65,7	90,1
4. SN cujo núcleo é um pronome indefinido	15,4	79,5
5. SN constituído de outros pronomes	60,0	53,8
6. SN no qual figura um numeral	25,8	50,6

- 7 Resultados encontrados por GUY(1981:253) para a aplicação da regra de concordância, segundo a constituição do SN sujeito:

TIPOS DE SUJEITO	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA
1. SN constituído de palavras no singular	.24
2. SN em que aparece alguma palavra no plural	.34
3. SN com todas as palavras no plural	.67
4. SN cuja pluralidade é indicada pelo contexto	.75

- 8 Porcentagens de aplicação da regra de concordância verbal, segundo o estilo de fala, obtidas por MOTTA(1979:82):

CONTEXTOS	GRUPO A %	GRUPO B %
1.menos formais: respostas breves conversação espontânea	40,0	58,6
	33,4	60,8
2.mais formais: histórias	50,0	88,0

<sup>9</sup> A relação entre a frequência de aplicação da regra de concordância verbal e a variável idade encontrada por NARO(1980:32) pode ser vista através destes resultados:

FATORES INCLUÍDOS NA VARIÁVEL IDADE	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA
1. informantes mais novos	.42
2. informantes mais velhos	.58

<sup>10</sup> Os resultados encontrados por MOTTA(1979:93-103) para a frequência de aplicação da regra de concordância verbal no contexto "conversação espontânea", segundo a variável sexo no grupo A e segundo a variável idade no grupo B, podem ser vistos através desta tabela:

VARIÁVEIS	FATORES	% DE APLICAÇÃO DA REGRA
SEXO	1. masculino	34,5
	2. feminino	30,0
IDADE	1. informantes mais novos	69,1
	2. informantes mais velhos	53,4

## CAPÍTULO 6 : A ANÁLISE DOS DADOS

1. A significância dos grupos de fatores inicialmente considerados na ausência de concordância verbal

Em primeiro lugar, foram calculadas as porcentagens de ausência de concordância nas 1.913 formas verbais referentes a SN sujeito de terceira pessoa do plural, então distribuídas em oito grupos constituídos de 33 fatores (cf. TABELA 5-5, p. 97). Os resultados obtidos encontram-se na TABELA 6-1:

GRUPO	FATORES	NÚMERO DE CASOS	NÚMERO DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
1. Constituição morfológica da forma verbal	B - fala/falam etc.	790	500	63
	C - come/comem etc.	145	92	63
	D - faz/fazem etc.	130	77	59
	G - dá/dão etc.	173	34	20
	H - vai/vão	95	25	26
	J - morreu/morreram etc	75	18	24
	M - falou/falaram etc.	231	39	17
	T - disse/disseram etc.	1	0	0
	X - fez/fizeram etc.	59	6	10
	Y - foi/foram	35	11	31
	W - quis/quiseram	4	0	0
Z - é/são	175	34	19	
2. Ambiente fonológico seguinte	V - vogal	525	250	48
	K - consoante	1.020	429	42
	P - pausa	368	157	43
3. Posição do SN sujeito	I - imediatamente anteposto ao verbo	1.012	387	38
	A - anteposto e distante do verbo	364	150	41
	E - expresso em oração anterior	484	259	54
	O - posposto ao verbo	53	40	75
4. Constituição do SN sujeito	S - SN cujo núcleo é substantivo(s)	535	251	47
	L - SN constituído de pronome pessoal	1.039	408	39
	W - SN constituído de outros pronomes ou numeral	145	70	48
	R - SN constituído de pronome relativo	194	107	55
5. Estilo de fala	F - formal	456	209	46
	I - informal	1.457	627	43
6. Sexo	M - masculino	978	494	51
	F - feminino	935	342	37
7. Idade	J - jovem	833	360	43
	A - adulto	1.080	476	44
8. Grupo social	B - baixo padrão de vida	410	278	68
	O - operários	364	184	51
	M - médio padrão de vida	581	231	40
	A - alto padrão de vida	558	143	26

**TABELA 6-1:** Número de casos, nº e porcentagens de ausência de concordância verbal nos oito grupos de fatores.  
 Total de casos: 1.913  
 Total de ausência de C.V.: 836  
 % de ausência de C.V.: 44.

Através desses resultados verificou-se que em dois dos fatores incluídos no grupo constituição morfológica da forma verbal — T e W — o número de dados era bastante reduzido e, além disso, esses fatores representavam casos nos quais se faz presente a marca de pluralidade.

Em seguida, os fatores T e W foram, então, incorporados ao fator X. As porcentagens de ausência de concordância foram novamente calculadas. Alguns resultados encontrados anteriormente para os fatores do primeiro grupo sofreram alterações que podem ser vistas através da TABELA 6-2.

F A T O R E S	NÚMERO DE CASOS	NÚMERO DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
B - fala/falam etc	790	500	63
C - come/comem etc.	145	92	63
D - faz/fazem etc.	130	77	59
G - dá/dão etc.	173	34	20
H - vai/vão	95	25	26
J - morreu/morreram etc.	75	18	24
M - falou/falaram etc.	231	39	17
X - fez/fizeram, disse/disseram etc.	64	6	9
Y - foi/foram	35	11	31
Z - é/são	175	34	19
T O T A L	1.913	836	44

TABELA 6-2: Número de casos, número e porcentagens de ausência de concordância verbal no grupo constituição morfológica da forma verbal.

Total de casos: 1.913

Total de ausência: 836

% de ausência: 44

O segundo passo foi calcular as probabilidades de ausência de concordância verbal nos 31 fatores dos oito grupos considerados. O Programa de Regras Variáveis (PRV) foi utilizado numa rodada que se designou rodada A. Os resultados dessa primeira rodada podem ser vistos através da TABELA 6-3;

GRUPOS	FATORES	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
1. Constituição morfológica da forma verbal	B - fala/falam etc.	.88
	C - come/comem etc.	.89
	D - faz/fazem etc.	.85
	G - dá/dão etc.	.39
	H - vai/vão	.49
	J - come/comeram etc.	.33
	M - falou/falaram etc.	.19
	X - fez/fizeram, pôs/puseram etc.	.10
	Y - foi/foram	.51
Z - é/são	.28	
2. Ambiente fonológico seguinte	V - vogal	.55
	K - consoante	.49
	P - pausa	.45
3. Posição do SN sujeito	I - imediatamente anteposto ao verbo	.27
	A - anteposto e distante do verbo	.28
	E - expresso em oração anterior	.54
	O - posposto ao verbo	.85
4. Constituição do SN sujeito	S - SN cujo núcleo é substantivo(s)	.49
	L - SN constituído de pronome pessoal	.37
	N - SN constituído de outros pronomes ou de numeral	.49
	R - SN constituído de pronome relativo	.65
5. Estilo de fala	F - formal	.44
	I - informal	.56
6. Sexo	M - masculino	.64
	F - feminino	.36
7. Idade	J - jovem	.40
	A - adulto	.60
8. Grupo social	B - baixo padrão de vida	.85
	O - operários	.67
	M - médio padrão de vida	.31
	A - alto padrão de vida	.17

**TABELA 6-3:** Primeiros resultados obtidos através do PRV para a ausência de concordância verbal (rodada A).  
 Total de casos = 1.913  
 INPUT = .44  
 Log-Likelihood = -851.774

Em seguida, foi testada a significância de cada um dos oito grupos de fatores, partindo da seguinte hipótese nula: não há qualquer relação entre a ausência de concordância verbal em português e os grupos de fatores considerados.

Para esse teste, foi utilizado o PRV na realização de oito novas rodadas, em cada uma das quais foi excluído um dos oito grupos de fatores. Em cada nova rodada, houve perda de graus de liberdade e, conseqüentemente, obteve-se um Log-Lkh menor do que o obtido na rodada A, que foi de -851.774. Os resultados, que podem ser vistos através da TABELA 6-4, na página seguinte, mostram que em todas essas novas rodadas a perda de Log-Lkh é significativa. Dessa forma, a hipótese nula deve ser rejeitada; isto é, todos os grupos de fatores inicialmente considerados contribuem para a ausência de concordância entre o verbo e o SN sujeito, de terceira pessoa do plural, em português ( todos os resultados são significativos ao nível  $\leq .01 \implies$  grau de certeza  $\geq 99\%$ ).

Uma vez constatada a significância de todos os grupos de fatores considerados inicialmente, os dados foram analisados com o objetivo de se verificar a relevância de cada um dos fatores de cada grupo. Essa análise quantitativa foi feita em duas etapas — a primeira, concentrando-se nos quatro grupos de fatores estruturais; a segunda, voltada para os outros quatro grupos, constituídos de fatores não-estruturais.

GRUPOS DE RODADAS	GRUPOS DE								LOG- -LIKELIHOOD <sup>2</sup>	X <sup>2</sup> (QUI-QUADRADO)	GRAUS DE LI- BERDA- DE	PERDA SIG- NIFICATI- VA DE LOG- -LIKE- LIHOOD <sup>2</sup> ?	NÍVEL DE SIGNIFI- CÂNCIA
	1	2	3	4	5	6	7	8					
A	+	+	+	+	+	+	+	+	-851.774	—	—	—	—
B	-	+	+	+	+	+	+	+	-1119.629	535.710	9	SIM	.001
C	+	-	+	+	+	+	+	+	-856.439	9.310	2	SIM	.01
D	+	+	-	+	+	+	+	+	-904.423	105.298	3	SIM	.001
E	+	+	+	-	+	+	+	+	-866.904	30.260	3	SIM	.001
F	+	+	+	+	-	+	+	+	-856.680	9.812	1	SIM	.01
G	+	+	+	+	+	-	+	+	-897.786	92.024	1	SIM	.001
H	+	+	+	+	+	+	-	+	-872.510	41.472	1	SIM	.001
I	+	+	+	+	+	+	+	-	-1042.328	381.108	3	SIM	.001

TABELA 6-4: Significância de cada grupo de fatores na ausência de concordância verbal.

## 2 - A análise estrutural

### 2.1 - A constituição morfológica da forma verbal

#### 2.1.1 - A relevância da diferença fônica que distingue singular/plural.

Os índices probabilísticos de ausência de concordância atribuídos aos fatores do grupo constituição morfológica da forma verbal, através da rodada A, mostram que os verbos codificados como B, C e D comportam-se de maneira bastante diferente dos demais. Dentre os dez fatores considerados nesse grupo, apenas esses três favorecem a ausência de concordância. Do ponto de vista estrutural, essas formas verbais formam uma classe, pois tanto em B (fala/falam etc.), como em C (come/comem etc.) e em D (faz/fazem etc.), a oposição singular/plural ocorre apenas nas terminações, que são átonas. Tais verbos foram tratados por GUY como "regulares". De um lado, o peculiar comportamento desses verbos "regulares" mostra-se também evidente nos resultados obtidos por LEMLE e NARO (1977:41), NARO (1980:20), MOTTA (1979:87) e GUY (1981:260)<sup>1</sup>, o que pode ser visto através da TABELA 6-5. De outro lado, esses primeiros resultados obtidos para os fatores do grupo constituição morfológica da forma verbal não confirmam o princípio de saliência fônica, estabelecido por LEMLE e NARO (1977), para explicar a ausência de concordância verbal no português coloquial do Brasil. Se a ausência de concordância refletisse, simplesmente, a não-aplicação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal, sendo a frequência de aplicação dessa regra diretamente proporcional ao grau da diferença fônica encontrada entre as formas de singular e as de plural — como pretendem esses autores — então, os índices probabilísticos atribuídos aos fatores desse primeiro grupo deveriam aparecer em ordem decrescente. E o que se verifica em relação a tais índices é o seguinte: B = .88 < C = .89 > D = .85 > G = .39 < H = .49 > J = .33 > M = .19 > X = .10 < Y = .51 > Z = .28.

PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA			% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	
RODADA A (Cf. TABELA 6-3)	LEMLE e NARO (1977)	NARO (1980)	GUY (1981)	MOTTA (1979)
B- fala/falam .88	B- come/comem .94	1- come/comem .89	1- come/comem .85	I- fala/falam 61,0
C- come/comem .89	N- fala/falam .83	2- fala/falam .74	2- fala/falam .72	come/comem
D- faz/fazem .85	V- faz/fazem .73	3- faz/fazem .65	3- faz/fazem .71	II- diz/dizem 56,3
G- dá/dão .39	G- dá/dão .42	1. dá/dão .32	4. dá/dão .31	III- dá/dão 44,2
H- vai/vão .49	Z- foi/foram .31	2. comeu/comeram.22	5. sumiu/sumiram..24 (foi/foram)	IV- fez/fizeram 33,0
J- comeu/comeram .33	W- é/são .19	3. falou/falaram.15	6.falou/falaram .16 fez/fizeram é/são	V- falou/falaram 26,3
M- falou/falaram .19	K- pret. regulares .20			VI - é/são 28,3
X- fez/fizeram .10	Y- pret.irregulares.17			
Y- foi/foram .51				
Z- é/são .28				

TABELA 6-5: Resultados obtidos em diversos trabalhos, segundo os quais os verbos "regulares" se comportam diferentemente das outras formas verbais, em relação à ausência de concordância verbal.

Ante tal fato, busquei, então, estabelecer uma nova categorização desses fatores, na qual figuraria um número mais reduzido de graus de saliência fônica. Para isso, juntei aqueles fatores que, além de apresentarem índices probabilísticos bastante próximos, são estruturalmente muito semelhantes. O PRV foi utilizado. Numa primeira rodada, os fatores B, C e D foram juntados num único fator B. A perda de Log-Lkh não foi significativa (Log-Lkh da rodada A = -851.774, Log-Lkh da nova rodada = -852.377;  $\chi^2 = 1.226/\text{gl.2}$ ). O valor probabilístico atribuído ao novo fator B foi .93. Em seguida, tomando como base essa última codificação, agrupei os fatores J e M (as formas regulares de pretérito perfeito do indicativo) em J. Aplicou-se outra vez o PRV, e o novo Log-Lkh = -854.075 mostrou que esses dois fatores podiam permanecer juntos; ou seja, a perda de Log-Lkh não foi significativa (Log-Lkh da rodada anterior = -852.387, o  $\chi^2 = 3.376/\text{gl.1}$ ). O índice probabilístico atribuído ao novo fator J passou a .49. Através de uma terceira rodada tentei, então, juntar os fatores J, M e X em X, a fim de simplificar ainda mais a escala. Mas os resultados obtidos mostraram perda significativa de Log-Lkh (Log-Lkh da primeira rodada = -852.387, Log-Lkh da terceira rodada = -855.692;  $\chi^2 = 6.610/\text{gl.2}$ ; nível de significância = .05). Assim, o número de fatores do grupo constituição morfológica da forma verbal foi reduzido, conforme se pode ver através da TABELA 6.6:

F A T O R E S	PROBABILIDADES
B - fala/falam, come/comem, faz/fazem etc.	.92
G - dá/dão etc.	.52
H - vai/vão	.62
J - comeu/comeram, partiu/partiram, falou/falaram etc.	.49
X - fez/fizeram etc.	.10
Y - foi/foram	.52
Z - é/são	.30

TABELA 6-6: Significância dos fatores do grupo constituição morfológica da forma verbal, na ausência de concordância.

Esses resultados também não se ajustam ao que se esperava em termos do princípio de saliência fônica, anteriormente mencionado. Como eu já conhecia o trabalho de GUY(1981)<sup>2</sup>, decidi tratar esse primeiro grupo de fatores sob uma outra perspectiva. Comecei essa nova etapa recodificando, de um lado, os fatores B, C e D como R ("regulares"), e, de outro lado, os sete fatores restantes (G, H, J, M, X, Y e Z) como N("não-regulares"). Foi utilizado o PRV. O novo Log-Lkh obtido piorou sensivelmente em relação ao que se obteve na rodada A (novo Log-Lkh = -871.141, Log-Lkh da rodada A = -851.774,  $\chi^2 = 38.734/g1 = 8$ , nível de significância = .001). Aos fatores R e N foram atribuídos os seguintes índices de probabilidades, respectivamente: .80 e .20. Essa sensível diferença encontrada levou-me, então, a verificar se os outros sete grupos de fatores se comportavam, também, de modo muito diferente em relação aos subgrupos R e N. O PRV foi utilizado em duas novas rodadas. Na primeira, os verbos "não-regulares" foram excluídos, e o grupo constituição morfológica da forma verbal passou a compreender apenas os fatores B, C e D; na segunda, os verbos "regulares" foram excluídos, e no primeiro grupo passaram a figurar sete fatores: G, H, J, M, Y e Z. Os resultados obtidos mostraram diferença sensível entre o efeito do ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância nos verbos "regulares" e a influência desse grupo de fatores sobre a ausência de concordância nos verbos "não-regulares". Tal diferença pode ser vista através da TABELA 6-7, que pode ser vista na página seguinte.

GRUPO DE FATORES	FATORES	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA NOS VERBOS "REGULARES"	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA NOS VERBOS "NÃO-REGULARES"
Ambiente fonológico que sucede ao verbo	V- vogal	.58	.49
	K- consoante	.47	.54
	P- pausa	.45	.47
Posição do SN sujeito em relação ao verbo	I-imediatamente anteposto	.30	.31
	A-anteposto e distante	.32	.29
	E-expresso em oração anterior	.69	.41
	O-posposto	.69	.88
Constituição do SN sujeito	S-SN constituído de substantivos	.52	.47
	L-SN constituído de pronome pessoal	.38	.35
	N-SN constituído de outros pronomes ou de numeral	.48	.46
	R-SN constituído de pronome relativo	.62	.71

TABELA 6-7:Diferenças na influência dos fatores estruturais na ausência de concordância verbal, em relação aos verbos "regulares" e aos verbos "não-regulares".

Ante esses resultados, decidi estabelecer uma categorização um pouco mais refinada. Recodifiquei os dados. Considerei, de um lado, o comportamento específico das formas codificadas inicialmente como B, C e D (essas formas continuaram a constituir o fator R), e, de outro lado, a posição do acento das outras sete formas verbais. Assim, as formas antes codificadas como J, M, X e Y passaram a constituir o fator P (pretêritos perfeitos, em que a 3PP apresenta terminação âtona), e as formas codificadas como G, H e Z passaram a constituir o fator A (formas em que a 3PP apresenta terminação acentuada). O PRV foi utilizado, e os resultados encontrados podem ser vistos através da TABELA 6-8:

GRUPO	F A T O R E S	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
1. Constituição morfológica da forma verbal	R - "regulares"	.87
	P - pretéritos perfeitos	.22
	A - formas com terminação acentuada	.35
2. Ambiente fonológico seguinte	V - vogal	.50
	K - consoante	.54
	P - pausa	.46
3. Posição do SN sujeito	I - imediatamente anteposto ao verbo	.26
	A - anteposto e distante	.30
	E - expresso em oração anterior	.54
	O - posposto	.86
4. Constituição do SN sujeito	S - SN cujo núcleo é substantivo	.49
	L - SN constituído de pronome pessoal	.39
	N - SN constituído de outros pronomes ou numeral	.48
	R - SN constituído de pronome relativo	.65
5. Estilo de fala	F - formal	.45
	I - informal	.55
6. Sexo	M - masculino	.64
	F - feminino	.36
7. Idade	J - jovem	.39
	A - adulto	.61
8. Grupo social	B - baixo padrão de vida	.85
	O - operários	.67
	M - médio padrão de vida	.31
	A - alto padrão de vida	.17

**TABELA 6-8:** Probabilidades de ausência de concordância verbal, considerando apenas três níveis de saliência fônica no grupo constituição morfológica da forma verbal.  
 Total de casos = 1.913  
 INPUT = .44  
 Log-Lkh = -862.983

De acordo com a TABELA 6-8, parece não existir diferença de comportamento entre os verbos codificados como P e os codificados como A — ambos os fatores desfavorecem sensivelmente a ausência de concordância, que é bastante favorecida pelo fator R. Mesmo assim, achei conveniente testar, mais uma vez, essa semelhança observada em relação aos fatores P e A. Para isso, o PRV foi utilizado numa rodada que calculou as probabilidades de ausência de concordância apenas nesses dois subgrupos. Houve uma grande alteração no INPUT (que antes era .44 e passou a .24) e também nas probabilidades atribuídas aos dois fatores considerados: P = .43 e A = .57. O resultado foi, portanto, modificado; ou seja, o subgrupo P desfavorece a ausência de concordância, que é favorecida pelo subgrupo A. A esse resultado acrescenta-se, ainda, o fato de, em P, as formas marcadas quanto ao número se realizarem variavelmente como  $[-\tilde{e}\tilde{w} \sim \tilde{u} \sim \tilde{u}]$ , variação essa que não se registra entre as formas codificadas como A. Sendo assim, decidi manter separados esses dois subgrupos de verbos. O primeiro grupo de fatores ficou, por enquanto, constituído de três subgrupos: R ("regulares"), P (pretéritos perfeitos) e A (formas de terminação acentuada). A partir daí foi, então, testada a relevância da diferença fônica em dois desses subgrupos de formas verbais, separadamente. Em primeiro lugar, o teste foi realizado com os verbos do subgrupo R. Os resultados comprovaram os que foram obtidos em rodadas anteriores; isto é, as diferenças fônicas registradas entre as formas inicialmente codificadas como B (fala/falam etc), C (come/comem etc.) e D (faz/fazem etc.) não exercem qualquer influência sobre a ausência de concordância verbal, em português.

Em seguida, foi testada a relevância da saliência fônica nos verbos do subgrupo P (pretéritos perfeitos). Numa primeira rodada, foram juntados os pretéritos perfeitos regulares — J (comeu/comeiram, partiu/partiram etc.) e M (falou/falaram etc.). O resultado obtido confirmou a irrelevância da diferença fônica observada entre essas formas verbais,

uma vez que a perda de Log-Lkh não foi significativa (Log-Lkh da rodada em que o subgrupo P compreendia os fatores J, M, X e Y = 134.029, Log-Lkh dessa última rodada = 135.008;  $\chi^2 = 1,958/1 = 1$ ). Através de uma segunda rodada, tentei juntar o fator X (fez/fizeram, pôs/puseram etc.) e o fator Y (foi/foram) num único fator X, que passaria a codificar todos os pretéritos perfeitos irregulares. Entretanto, isso não foi possível pois a perda de Log-Lkh foi significativa (Log-Lkh da rodada em que o subgrupo P compreendia os fatores J, M, X e Y = -134.029, Log-Lkh da última rodada = -139.603;  $\chi^2 = 11.148/1 = 1$ , nível de significância = .001). Esses resultados mostraram, então, que a diferença fônica registrada entre as formas verbais de pretérito perfeito é relevante para a não-aplicação da regra morfo-sintática de concordância verbal, em português (Regra 1). Apesar disso, não fica confirmada, nesse subgrupo, a existência do princípio de saliência fônica, estabelecido por LEMLE e NARO (1977), pois aos fatores M (=J e M), X e Y foram atribuídos os seguintes índices probabilísticos de não-aplicação da Regra 1, respectivamente: .47, .26 e .76. De acordo com o referido princípio, as probabilidades de ausência de concordância atribuídas a esses fatores deveriam confirmar a seguinte relação:  $M > X > Y$  (porque, em M, a diferença fônica é menos sentida que em X, e, em X, é menos sentida que em Y); no entanto, o que se verifica é:  $M > X < Y$  (é importante observar também que, nesses verbos, o fator Y, que representa as formas mais diferenciadas foneticamente, é o que apresenta um elevado índice probabilístico de não-aplicação da Regra 1).

Esse procedimento não pôde ser adotado em relação aos fatores incluídos no subgrupo A (verbos de terminação acentuada) porque, além dessa semelhança estrutural, não se verificou entre os fatores G (dá/dão etc), H (vai/vão) e Z (ê/são) qualquer outra que permitisse a junção de dois desses fatores.

Desse modo, a melhor categorização dos fatores encontrada

para o grupo constituição morfológica da forma verbal continuou sendo a que pôde ser vista através da TABELA 6-6 (p. 110).

Os resultados observados até aqui permitem que sejam feitas duas afirmações quanto ao procedimento do primeiro grupo de fatores estruturais em relação à ausência de concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito, de terceira pessoa do plural, em português:

1a.) Não há qualquer evidência de uma relação proporcional entre a falta de concordância e o grau de diferença fônica que distingue a forma de singular da forma de plural. Enfim, o princípio de saliência fônica, proposto por LEMLE e NARO (1977:43), não foi, como se esperava, confirmado.

2a.) Há relação entre a falta de concordância verbal e a estrutura morfológica do verbo; alguns fatores favorecem a ausência de concordância ( $B = .92$ ,  $H = .62$ ,  $G = .52$  e  $Y = .52$ ), enquanto outros fatores a desfavorecem ( $X = .10$  e  $Z = .30$ ). O fator  $J (= .49)$  não exerce qualquer influência, positiva ou negativa, na ausência de concordância verbal.

### 2.1.2 - As formas verbais que favorecem a ausência de concordância

Uma vez confirmada a relevância de alguns fatores desse primeiro grupo na ausência de concordância, faz-se necessário verificar se entre esses fatores relevantes existe, ou não, alguma semelhança que os distingue dos outros.

Considerando-se a posição do acento tônico, as formas verbais portuguesas, de terceira pessoa do plural, podem ser distribuídas em dois grupos:

1º) Um grupo constituído de formas cujas terminações são

âtonas: falam, comem, falaram, partiram, quiseram, foram etc.

29) Um grupo constituído de formas que apresentam terminações tônicas: dão, estão, falarão, partirão, vão, são etc.

2.1.2.1 - A ausência de concordância como resultado da interação entre processos variáveis

O grupo constituído das formas verbais cujas terminações são âtonas compreende dois subgrupos que já vêm sendo tratados como R(verbos "regulares") e P(formas de pretérito perfeito). No subgrupo R, a presença de concordância implica a presença de um ditongo nasal âtono final —  $[-\tilde{e}\tilde{w}]$  ou  $[-\tilde{e}\tilde{y}]$ . Mas, no subgrupo P, a presença das marcas de pluralidade leva as terminações a se realizarem variavelmente como  $[-\tilde{e}\tilde{w} \sim -\tilde{u} \sim -u]$ . No primeiro caso, verifica-se a ocorrência apenas da concordância padrão, que, no segundo caso, ocorre ao lado da concordância não-padrão. Essa variação registrada entre as formas de pretérito perfeito evidencia efeitos de processos fonológicos nessas formas. Surgem, então, duas questões:

a) Por que não se verifica, entre as formas do subgrupo R, a mesma variação  $[-\tilde{e}\tilde{w} \sim -\tilde{u} \sim -u]$ , registrada entre as formas do subgrupo P?

b) Os processos fonológicos responsáveis pelas transformações ocorridas nas formas do subgrupo P não atingiram também as terminações das formas que constituem o subgrupo R?

Antes, porém, de responder a tais questões, é indispensável que se observem os resultados contidos na TABELA 6-9.

F A T O R E S	NÚMERO TO- TAL DE CA- SOS	Nº TOTAL DE CASOS SEM CON- CORDÂNCIA	% DE AU- SÊNCIA DE CON- CORDÂNCIA CIA VER- BAL	Nº TOTAL DE CASOS COM CON- CORDÂNCIA CIA VER- BAL	% DE PRE- SENÇAS DE CON- CORDÂNCIA VERBAL	Nº TOTAL DE CASOS COM CON- CORDÂNCIA CIA VER- BAL PA- DRÃO	% DE CON- CORDÂNCIA PADRÃO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE CASOS	Nº DE CA- SOS COM CONCOR- DÂNCIA NÃO-PA- DRÃO	% DE CON- CORDÂNCIA NÃO-PADRÃO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE CASOS
SUBGRUPO R (VERBOS "REGULA- RES")	1.065	669	63	396	37	396	37	—	—
SUBGRUPO A (FORMAS DE TER- MINAÇÃO ACEN- TUADA)	443	93	21	350	79	350	79	—	—
SUBGRUPO P (FORMAS DE PRE- TÉRITO PERFEITO)	405	74	18	331	82	55	14	276	68

TABELA 6-9: Número de casos, número e porcentagens de ausência de concordância, número e porcentagens de casos com concordância (padrão e não-padrão).

Através desses resultados, pode-se observar o seguinte:

1) Em relação ao total de casos com concordância, existe uma diferença considerável entre o comportamento do subgrupo R (verbos "regulares") e o subgrupo P (formas do pretérito perfeito). Em R, apenas 37% dos casos observados apresentam concordância. Em P, as marcas de pluralidade estão presentes em 82% dos casos analisados.

2) Em relação ao total de casos com concordância padrão, observa-se uma inversão no comportamento dos dois subgrupos em questão. Assim, no subgrupo R, os 37% correspondem a casos em que se verifica a presença de ditongo nasal átono final, [-ẽw̃] ou [-ẽỹ], enquanto no subgrupo P, dos 331 casos com concordância, apenas 55 apresentam o ditongo nasal átono final [-ẽw̃]; os outros 276 casos têm a terminação realizada como [-ũ] ou [-u]. Resumindo, nos casos analisados, a concordância padrão ocorre em 37% dos verbos "regulares", e em apenas 14% das formas de pretérito perfeito.

Entre os verbos "regulares", ocorrem, portanto, 37% de casos com concordância padrão e 63% de formas sem concordância. A ausência de concordância, nesses verbos, é bastante favorecida por todos os fatores considerados inicialmente, conforme pôde ser visto através da TABELA 6-3 (p. 105):

B - fala/falam etc. = .88

C - come/comem etc. = .89

D - faz/fazem etc. = .85

Já entre as formas de pretérito perfeito, ocorrem 14% de casos com concordância padrão, 68% de casos com concordância não-padrão e 18% de casos sem concordância. De acordo com a TABELA 6-3, nesses verbos, três dos quatro fatores inicialmente considerados desfavorecem a ausência de concordância, em relação à qual o outro fator mostra-se neutro:

J- comeu/comeram etc.	= .33
M- falou/falaram etc.	= .19
X- fez/fizeram etc.	= .10
Y- foi/foram.	= .51

A freqüência da ausência de concordância nesses fatores pode ser vista através da TABELA 6-10:

F A T O R E S	TOTAL DE CASOS ANALISADOS	Nº DE CASOS COM CONCORD.	% DE CASOS COM CONCORD.	Nº DE CASOS SEM CONCORD.	% DE CASOS SEM CONCORD. DÂNCIA
J - comeu/comeram etc.	75	57	76	18	24
M - falou/falaram etc.	231	192	83	39	17
X - fez/fizeram etc.	64	58	91	6	9
Y - foi/foram	35	24	69	11	31
T O T A L =	405	331	82	74	18

TABELA 6-10: Ausência de concordância verbal entre as formas de pretérito perfeito do indicativo.

No entanto, quando se observa a ausência de concordância nesses verbos, levando-se em conta apenas a realização das formas padrão, as freqüências encontradas traduzem comportamento bastante diferente por parte desses mesmos fatores, como mostra a TABELA 6-11. Como se pôde ver, as porcentagens de ausência de concordância que aparecem na TABELA 6-10 são todas muito inferiores a 50%, enquanto as apresentadas na TABELA 6-11 estão todas acima desse índice.

Além disso, todos esses verbos apresentam altas freqüências de realização da concordância não-padrão, que é favorecida pelos fatores J e X e desfavorecida por M e Y, conforme se pode ver através da TABELA 6-12:

F A T O R E S	TOTAL DE CA SOS, EXCLUIN DO AS REALI ZAÇÕES NÃO- PADRÃO	Nº DE CA SOS COM CONCORDÂNCIA PADRÃO	% DE CA- SOS COM CONCOR- DÂNCIA PADRÃO	Nº DE CA SOS SEM CONCORDÂNCIA	% DE CA- SOS SEM CONCORDÂNCIA
J - comeu/co- meram etc.	24	6	25	18	75
M - falou/fa- laram etc.	75	36	48	39	52
X - fez/fize- ram etc.	11	5	46	6	54
Y - foi/foram	19	8	42	11	58
T O T A L	129	55	43	74	57

**TABELA 6-11:** O comportamento das diferentes formas de pretérito perfeito em relação à ausência de concordância e à realização da concordância padrão.

F A T O R E S	TOTAL DE CASOS	Nº DE CASOS SEM CONCOR DÂNCIA	Nº DE CASOS COM CONCOR DÂNCIA	Nº DE CASOS COM CONCOR DÂNCIA PADRÃO	% DE CASOS COM CONCOR DÂNCIA PADRÃO	PROBABI LIDADES DE CON- CORDÂNCIA PADRÃO	Nº DE CASOS COM CONCOR DÂNCIA NÃO-PA- DRÃO	% DE CA SOS COM CONCOR- DÂNCIA NÃO-PA- DRÃO	PROBABI LIDADES DE CONCORDÂNCIA NÃO- PADRÃO
J - comeu/come- ram etc.	75	18	57	6	11	.40	51	89	.60
M - falou/fala- ram etc.	231	39	192	36	19	.58	156	81	.42
X - fez/fizeram etc.	64	6	58	5	9	.29	53	91	.71
Y - foi/foram	35	11	24	8	33	.73	16	67	.27
T O T A L	405	74	331	55	17	—	276	83	—

**TABELA 6-12 :** O comportamento das diferentes formas de pretérito perfeito em relação à realização da concordância não-padrão.

A partir desses resultados, pode-se afirmar que:

a) A ausência de concordância é altamente favorecida pelos verbos "regulares" (fala/falam, come/comem, faz/fazem, etc.);

b) Entre as formas de pretérito perfeito, a ausência de concordância é muito pouco freqüente;

c) Nessas formas, os índices de realização da concordância padrão são bastante baixos, e as altas freqüências de casos com concordância devem-se à realização das formas não-padrão.

A esses fatos acrescentam-se, ainda, as seguintes considerações:

1a.) Em relação à posição do acento tônico, verifica-se, entre as formas de terceira pessoa do plural dos verbos "regulares" e as formas de terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, uma semelhança: em ambos os casos, as terminações são átonas;

2a.) Nos verbos "regulares", os casos que apresentam os traços de pluralidade compreendem dois grupos de formas — um grupo em que as terminações se realizam com [-ẽw̃], e outro grupo em que as terminações se realizam como [-ẽỹ] — sendo essas duas realizações consideradas como padrão;

3a.) As formas de pretérito perfeito que apresentam marcas de pluralidade têm suas terminações realizadas variavelmente como [-ẽw̃ ~ -ũ ~ -u] — a primeira dessas realizações é considerada padrão, e as outras duas, não-padrão;

4a.) Essas formas tidas como não-padrão resultam de transformações fonológicas ocorridas sobre as suas terminações.

Dessa maneira, ficou, portanto, comprovado que, entre as formas de pretérito perfeito, a não-aplicação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal (Regra 1) ocorre com pouca freqüência e que as transformações fonológicas, verificadas na maioria dessas

formas, não impedem que seja percebido nelas o efeito da aplicação da referida regra. Daí, parece-me evidente que, entre os verbos "regulares", a frequência de não-aplicação da Regra 1 é também baixa; na maioria dessas formas, verificam-se também transformações fonológicas, só que, nesse caso, os efeitos dos processos fonológicos impedem que seja percebido o efeito da aplicação da Regra 1. A explicação para tal fato encontra-se na evolução das terminações verbais portuguesas, proposta por OLIVEIRA (1983):

a) nos verbos "regulares"

Port. arc.  $\left\{ \begin{array}{l} \rightarrow [-\tilde{e}] > [-\tilde{e} \sim -e] > [-\tilde{e}\tilde{w} \sim -e] \\ \rightarrow [-\tilde{e}] > [-\tilde{e} \sim -\tilde{e}] > [-\tilde{e}\tilde{y} \sim -e] > [-\tilde{e}\tilde{y} \sim -i] \end{array} \right.$

b) nas formas de pretérito perfeito

Port. arc.  $\left\{ \begin{array}{l} \rightarrow [-\tilde{o}] > [-\tilde{o} \sim -o] > [-\tilde{u} \sim -u] \\ \rightarrow \text{criação analógica do } [-\tilde{e}\tilde{w}] \text{ , com base nas} \\ \text{formas de 3PP do presente e do imperfeito} \\ \text{do indicativo.} \end{array} \right.$

Sendo assim, ficam, de um lado, respondidas as questões anteriormente propostas nesta secção; ou seja, os verbos "regulares" apresentam variações diferentes das apresentadas pelas formas de pretérito perfeito porque os processos fonológicos ocorridos nos primeiros não foram os mesmos que atuaram sobre as últimas.

De outro lado, explica-se também o alto favorecimento da ausência de concordância pelos verbos "regulares", isto é, nesses verbos, os casos sem concordância representam a soma das formas em que a Regra 1 deixou de se aplicar e aquelas em que, apesar de tal regra ter se aplicado, as marcas de pluralidade foram eliminadas por processos fonológicos, ocorridos no passado. Enfim, fica confirmada a

hipótese inicial de que a maior frequência de neutralização entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural, verificada entre os verbos "regulares", resulta da interação entre processos variáveis — uma regra morfo-sintática sincrônica e alguns processos fonológicos diacrônicos.

2.1.2.2. Os verbos nos quais a ausência de concordância resulta apenas da não-aplicação da Regra 1.

Nas formas de pretérito perfeito do indicativo e nos verbos que apresentam terminações tônicas (formas que vêm sendo tratadas, respectivamente, como subgrupo P e subgrupo A), a ausência de concordância reflete exclusivamente a não-aplicação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal (Regra 1). A influência dos fatores incluídos nesses dois subgrupos sobre a não-aplicação da referida regra, numa rodada em que foram também considerados os verbos "regulares", pode ser vista através dos resultados contidos na TABELA 6-13, que se encontra na página seguinte.

F A T O R E S	Nº TOTAL DE CASOS	Nº DE CA S O S COM CONCOR- DÂNCIA	Nº DE CA S O S SEM CONCOR- DÂNCIA	% DE NÃO- APLICACÃO DA REGRA 1	PROBABI DADES DE NÃO-APLI CAÇÃO DA REGRA 1
G - dá/dão, está/estão etc.	173	139	34	20	.52
H - vai/vão	95	70	25	26	.62
J - comeu/comeram, falou/falaram etc.	306	269	57	19	.49
X - fez/fizeram, pôs/puseram etc.	64	58	6	9	.10
Y - foi/foram	35	24	11	31	.52
Z - é/são	175	141	34	19	.30
T O T A L	848	681	167	20	—

**TABELA 6-13:** Porcentagens e probabilidades de não-aplicação da Regra 1 nas formas de pretérito perfeito do indicativo e nos verbos cujas terminações são tônicas, numa rodada em que foram incluídos os verbos "regulares".

De acordo com esses resultados, o princípio de saliência fônica estabelecido por NARO e LEMLE(1977), mais uma vez, não pôde ser confirmado; ou seja, as probabilidades de não-aplicação da Regra 1 atribuídas a esses fatores não evidenciam relação diretamente proporcional entre o fenômeno observado e o grau de saliência fônica que distingue singular e plural, nas formas verbais: o fator J (comeu/comeram, falou/falaram etc.) parece não exercer qualquer influência, positiva ou negativa, sobre a ausência de concordância, que é sensivelmente favorecida pelo fator H (vai/vão), ligeiramente favorecida pelos fatores G (dá/dão, está/estão etc.) e Y (foi/foram) e desfavorecida pelos fatores X (fez/fizeram, pôs/puseram etc.) e Z (é/são).

Foi feita uma outra rodada dos dados, excluindo-se os verbos "regulares" e mantendo-se separados os fatores J(comeu/comeram, partiu/partiram etc.) e M(falou/falaram etc.). Os valores probabilísticos de não-aplicação da Regra 1 atribuídos aos fatores considerados foram: G = .58, H = .68, J = .53, M = .38, X = .19, Y = .74 e Z = .44. Em seguida, observei a ausência de concordância nesses verbos reconsiderando a sua distribuição em dois subgrupos: P (formas do pretérito perfeito) e A (verbos que apresentam terminação tônica). Os resultados encontrados podem ser vistos através da TABELA 6-14:

	F A T O R E S	PROBABILIDADES DE NÃO-APLICAÇÃO DA REGRA 1
SUBGRUPO P	J- comeu/comeram etc.	.57
	M- falou/falaram etc.	.43
	X- fez/fizeram etc.	.25
	Y- foi/foram	.75
SUBGRUPO A	G- dá/dão etc.	.49
	H- vai/vão	.64
	Z- é/são	.37

TABELA 6-14: A não-aplicação da Regra 1 nos verbos "não-regulares" distribuídos em dois subgrupos, P e A.

Para que a existência do princípio de saliência fônica estabelecido por NARO e LEMLE fosse confirmada pelo menos nesses subgrupos, deveria haver, entre os valores probabilísticos atribuídos aos fatores do subgrupo P, a relação que seria formalizada como  $J > M > X > Y$  e, entre os valores probabilísticos atribuídos aos fatores do subgrupo A, a relação que seria formalizada como  $G > H > Z$ . No entanto, as relações encontradas nesses subgrupos foram: subgrupo P =  $Y > J > M > X$ ; subgrupo A =  $H > G > Z$ .

A partir desses resultados e das diferenças estruturais registradas entre as formas de terceira pessoa do singular (3PS) e as formas de terceira pessoa do plural (3PP) dos verbos em questão, é possível afirmar apenas o seguinte: as formas de 3PP que apresentam radicais segmentalmente e/ou supra-segmentalmente diferentes dos radicais apresentados pelas formas de 3PS correspondentes desfavorecem a não-aplicação da Regra 1: ê/são, soube/souberam, fez/fizeram etc.

## 2.2. O ambiente fonológico que sucede ao verbo

### 2.2.1. Os primeiros resultados obtidos

O comportamento dos fatores considerados no grupo ambiente fonológico que sucede ao verbo, na rodada em que ficou definida a categorização dos fatores incluídos no grupo constituição morfológica da forma verbal, pode ser visto através dos resultados contidos na TABELA 6-15:

FATORES	Nº TOTAL DE CASOS	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA	Nº DE CASOS SEM CONCORDÂNCIA	% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	PROBABILIDADE DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
V - vogal	525	275	250	48	.55
K - consoante	1.020	591	429	42	.50
P - pausa	368	211	157	43	.45
T O T A L	1.913	1.077	836	44	—

**TABELA 6-15:** O comportamento dos fatores inicialmente considerados no grupo ambiente fonológico que sucede ao verbo, em relação à ausência de concordância verbal.  
 Nº de casos = 1.913  
 INPUT = .44  
 LOG-LKH = -854.075

Como os valores probabilísticos atribuídos a esses fatores mostraram-se muito próximos, decidi juntar V(vogal) e K(consoante); ou seja, considerar apenas dois ambientes — presença de segmento e ausência de segmento. O PRV foi utilizado. A perda de Log-Lkh mostrou-se significativa (Log-Lkh da rodada anterior = -854.075, Log-Lkh da nova rodada = -856.665;  $\chi^2 = 5.180$ ; gl = 1; nível de significância = .05) e por isso os referidos fatores foram mantidos separados. Em seguida, tentei juntar os fatores K(consoante) e P(pausa). Não houve perda de Log-Lkh (= -852.846). Assim, o segundo grupo passou a ser constituído de apenas dois fatores, aos quais foram atribuídas estas probabilidades de ausência de concordância: V(vogal) = .54 e R(codificando consoante e pausa) = .46. De acordo com tal resultado, a ausência de concordância entre o verbo e o SN sujeito, de terceira pessoa do plural, no português coloquial do Brasil, é, portanto, favorecida se depois do verbo, ocorre um fonema vocálico (como nos exemplos de (28) a (30)) e, desfavorecida, se a forma verbal é seguida ou de uma consoante ou de pausa (como nos exemplos de (31) a (36)):

- (28) "Eles falava assim..."(I. 8, F. 2)
- (29) "(eles...)de vez em quando dá umas bobeira..."(I. 27, F. 13)
- (30) "Tem uma que é aborrecida..."(I. 3, F. 47)
- (31) "...e as máquina vai prolongando a morte".(I. 8, F.24)
- (32) "Eles tava querendo me levar." (I. 12, F. 2)
- (33) "Lá as menina é muito presa."(I. 3, F. 55)
- (34) "...todas elas dançava."(I. 8, F. 19)
- (35) "Eles mudou." (I. 3, F. 51)
- (36) "...porque eles não quer."(I. 3, F. 4)

2.2.2 - O ambiente fonológico que sucede ao verbo e a ausência de concordância nos verbos "regulares"

Na rodada em que foram considerados somente os verbos "regulares" (B - fala/falam etc., C - come/comem etc., D - faz/fazem etc. ) a influência do ambiente fonológico que sucede ao verbo, sobre a ausência de concordância, mostrou-se de perfeito acordo com o resultado anteriormente obtido, conforme se pode ver através da TABELA 6-16:

F A T O R E S	Nº TO- TAL DE CASOS	CASOS COM CONCORDÂ- NCIA	CASOS SEM CONCORDÂ- NCIA	% DE AU- SÊNCIA DE CONCORDÂ- NCIA	PROBABILIDA- DES DE AUSEN- CIA DE CONCOR- DÂNCIA
V - vogal	289	85	204	71	.58
K - consoante	544	217	327	60	.47
P - pausa	232	94	138	59	.45
T O T A L	1.065	396	669	63	—

TABELA 6-16: A influência do ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância, nos verbos "regulares".

Nesses verbos, o único ambiente fonológico seguinte que contribui positivamente para que não ocorra a concordância é o codificado como V(vogal), que aparece nos exemplos de (37) a (45):

- (37) "As mãe não deixa as menina..."(I.3, F.56)
- (38) "Eles falava era que..."(I.13, F.32)
- (39) "(eles...) que não admite uma recuperação."(I.30, F.22)
- (40) "(eles...) aí começa a fazer palhaçada."(I.27, F. 4)
- (41) "...as minhas amigas era assim..."(I.30, F.99)
- (42) "Ele fazia as menina chorar e tal..."(I.25, F.33)
- (43) "(eles...) ensina as menina..."(I.27, F.13)
- (44) "(eles...) dava o convite..."(I.27, F.24)
- (45) "Os filhos se rebela e..."(I.32, F.41)

2.2.3. O ambiente fonológico que sucede ao verbo e a ausência de concordância nos verbos "não-regulares".

Na rodada em que os fatores G(dã/dão etc.), H(vai/vão), J(Comeu/comeram etc.), M(falou/falaram etc.), X(fez/fizeram etc.), Y(foi/foram), e Z(é/são) foram recodificados como N(verbos "não-regulares"), obteve-se um resultado diferente dos até então encontrados para a ausência de concordância, segundo o ambiente fonológico que sucede ao verbo. Isso pode ser visto através da TABELA 6-17 :

F A T O R E S	Nº TOTAL DE CASOS	Nº DE CA S O S C O M C O N C O R D Â N C I A	Nº DE CA S O S S E M C O N C O R D Â N C I A	% DE A U S Ê N C I A DE C O N C O R D Â N C I A	PROBABILIDADES DE A U S Ê N C I A DE C O N C O R D Â N C I A
V - vogal	236	190	46	19	.49
K - consoante	476	374	102	21	.54
P - Pausa	136	117	19	14	.47
T O T A L	848	681	167	20	—

TABELA 6-17: A influência do ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância, nos verbos "não-regulares".

Nesses verbos, a ausência de concordância é, portanto, favorecida somente nos casos em que a forma verbal é seguida de uma consoante, como nos exemplos de (46) a (52):

- (46) "Eles vai pro fundo porque..." (I. 27, F. 74)
- (47) "...eles dá pra ele..." (I. 23, F. 166)
- (48) "...todas elas é cumpridas ã risca." (I. 23, F. 88)
- (49) "Eles fez já uma estatística." (I. 23, F. 101)
- (50) "...eles foi pra Mariana." (I. 13, F. 2)
- (51) "...mas menina, com 10, 11 anos, já tã namorando" (I.32, F.34)
- (52) "(eles...) não vai ter folga." (I.23, F. 117)

2.2.3.1. A influência do ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância e sobre a realização da concordância não-padrão nas formas do pretérito perfeito

Nos verbos "não-regulares", a ausência de concordância é favorecida pela consoante enquanto, nos verbos "regulares", a falta de concordância é mais freqüente nos casos em que a forma verbal aparece seguida de uma vogal. Diante desse resultado, decidi isolar as formas de pretérito perfeito do indicativo e observar a influência do ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância e sobre a realização da concordância não-padrão, nessas formas. Os valores probabilísticos atribuídos aos fatores então considerados encontram-se na TABELA 6-18:

F A T O R E S	TOTAL DE CASOS	Nº DE CASOS SEM CONCORDÂNCIA	% DE CASOS SEM CONCORDÂNCIA	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA	% DE CASOS COM CONCORDÂNCIA	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA PADRÃO	% DE CASOS COM CONCORDÂNCIA PADRÃO	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA NÃO-PADRÃO	% DE CASOS COM CONCORDÂNCIA NÃO-PADRÃO	PROBABILIDADES DE CASOS COM CONCORDÂNCIA NÃO-PADRÃO
V - vogal	134	22	16	.47	112	13	12	99	88	.59	
K - consoante	188	41	22	.57	147	30	20	117	80	.42	
P - pausa	83	11	13	.47	72	12	17	60	83	.49	
T O T A L	405	74	18	—	331	55	17	276	83	—	

TABELA 6-18: A influência do ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância e sobre a realização da concordância não-padrão, nas formas de pretérito perfeito do indicativo.

De acordo com os resultados contidos na TABELA 6-18, entre as formas de pretérito perfeito do indicativo verifica-se o seguinte:

a) A ausência de concordância é favorecida pela consoante, como nos exemplos de (53) a (56)

(53) "(As Irmãs) teve morando lá." (I.16, F. 8)

(54) "...eles começo pedir carteirinha." (I.3, F. 66)

(55) "os problema (...) que influiu sobre nós.." (I.30, F. 42)

(56) "É, tem três que veio de lá." (I. 16, F. 13)

b) A realização da concordância não-padrão é altamente frequente, seja qual for o ambiente fonológico que sucede ao verbo, como nos exemplos de (57) a (62):

(57) "...seus pais te instruíru em casa." (I.32, F. 20)

(58) "...eles me ajudaru assim a..." (I. 25, F. 9)

(59) "Eles aprenderu lá no interior." (I.32, F. 39)

(60) "Os menino fizeru pra mim." (I.25, F. 17)

(61) "Eles cortaru." (I. 16, F. 6)

(62) "A mim, eles nunca ofenderu." (I. 3, F. 53)

c) A realização da concordância não-padrão é favorecida pela vogal, como nos exemplos de (63) a (66):

(63) "...duas mulheres entraru e..." (I. 32, F. 44)

(64) "...eles tiveru uma discussão. (I. 14, F. 24)

(65) "...eles ficaru agora. (I. 16, F. 5)

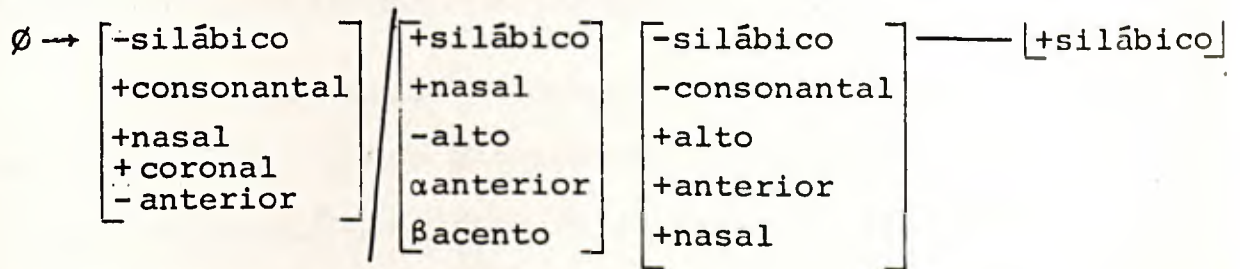
(66) Eles passaru a não levar... (I. 23, F. 22)

2.2.4 - Conclusão

Nos verbos "regulares" (fala/falam, come/comem, faz/fazem etc.), a ausência de concordância é favorecida pela vogal. Nos verbos "não-regulares" (dá/dão, vai/vão, falou/falaram, foi/foram, é/são etc.), a ausência de concordância é favorecida pela consoante. Entre os verbos "não-regulares" incluem-se as formas de pretérito perfeito do indicativo, e, nessas formas, a realização da concordância não-padrão, que é altamente freqüente, é favorecida pela vogal.

Através desse último resultado, é possível explicar o fato de a influência exercida pelo ambiente fonológico que sucede ao verbo sobre a ausência de concordância, nos verbos "regulares", diferir da influência que esse grupo de fatores exerce sobre a falta de concordância, nos verbos "não-regulares"; ou seja, esse resultado confirma a conclusão anterior de que, nos verbos "regulares", a ausência de concordância é mais freqüente que nos verbos "não-regulares" porque não resulta apenas da não-aplicação da regra morfo-sintática variável de concordância verbal (Regra 1). Assim, nos verbos "não-regulares", a falta de concordância deve-se exclusivamente à não-aplicação da Regra 1, condicionada pela consoante, enquanto, nos verbos "regulares", as formas sem concordância correspondem à soma dos casos em que se verifica a não-aplicação da Regra 1, favorecida pela consoante, e dos casos nos quais se realiza a concordância não-padrão, favorecida pela vogal. Nas formas do pretérito perfeito do indicativo, a vogal favorece a realização das terminações não-padrão, [-ũ ~ -u], e nos verbos "regulares", esse ambiente favorece também a realização das terminações não-padrão, [-e] e [-i], que coincidem com as terminações das formas de terceira pessoa do singular correspondentes. Resumindo, nos verbos "regulares", a ausência de concordância é mais freqüente se o ambiente fonológico seguinte é uma vogal porque esse ambiente favorece a realização das terminações não-padrão.

As terminações não-padrão realizam-se sob a forma de monotongos ao passo que as terminações padrão realizam-se sob a forma de ditongos. No português do Brasil, é bastante comum o processo fonológico que pode ser representado pela regra :



é que está presente nos exemplos de (a) a (q):

- (a) mãe amiga [mãỹñe'mige]  
 (b) mãe exemplar [mãỹñezẽplah]  
 (c) mãe infeliz [mãỹñifeliz]  
 (d) mãe orgulhosa [mãỹñohgu'loze]  
 (e) mãe única [mãỹñunike]  
 (f) homem alto [õmẽỹñewtu]  
 (g) homem egoísta [õmẽỹñegoíste]  
 (h) nuvem azul [nuvẽỹñe'zuv]  
 (i) nuvem enorme [nuvẽỹñen'ohmi]  
 (j) ninguém achou [nĩgẽỹñešow]  
 (l) ninguém ouviu [nĩgẽỹñow'viw]  
 (m) vem aqui [vẽỹñeki]  
 (n) tem amor [tẽỹñemoh]  
 (o) tem ódio [tẽỹñódšyu]  
 (p) põe a mesa [põỹñemeze]  
 (q) põe o dinheiro [põỹñudĩñeru]

Essas observações permitem que seja estabelecida, então, a seguinte hipótese: as terminações não-padrão são favorecidas pela vogal porque, no português coloquial do Brasil, os ditongos nasais átonos finais que aparecem seguidos de vogal tendem a ser evitados.

### 2.3 - A posição do SN sujeito em relação ao verbo

Depois de definida a categorização da variável fonológica, foi observada a relevância dos fatores incluídos no grupo posição do SN sujeito em relação ao verbo na ausência de concordância verbal. Os primeiros resultados obtidos podem ser vistos através da TABELA 6-19:

F A T O R E S	TOTAL DE CASOS	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA	Nº DE CASOS SEM CONCORDÂNCIA	% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
I - sujeito imediatamente anteposto ao verbo	1.012	625	387	38	.29
A - sujeito anteposto e distante do verbo	364	214	150	41	.26
E - sujeito expresso em oração anterior	484	225	259	54	.53
O - sujeito posposto ao verbo	53	13	40	75	.86
T O T A L	1.913	1.077	836	44	—

TABELA 6-19: A influência da posição do SN sujeito em relação ao verbo sobre a ausência de concordância.

Total de casos= 1.913

INPUT = .36

LOG-LKH = -852.847

Como as probabilidades atribuídas a I (sujeito imediatamente anterior ao verbo) e a A (sujeito anteposto e distante do verbo) mostraram-se muito próximas, foi realizada uma nova rodada, na qual esses dois fatores foram recodificados como A (sujeito anteposto ao verbo). A perda de Log-Lkh foi significativa (Log-Lkh da rodada anterior = -852.846, Log-Lkh da nova rodada = -854.882;  $\chi^2 = 4.072$ ;  $g1 = 1$ ; nível de significância = .05). Sendo assim, a categorização inicial dos fatores considerados foi mantida.

Considerando-se esses primeiros resultados, é possível afirmar, então, que:

19) A ausência de concordância é altamente favorecida pelo sujeito expresso na oração e posposto ao verbo, como em (67) e (68):

(67) "...e entra os jovens todos..." (I. 27, F. 37)

(68) "Reunia assim as pessoas nos chalés" (I. 28, F. 29)

29) A ausência de concordância é ligeiramente favorecida pelo sujeito expresso em oração anterior, como em (69) e (70):

(69) "(se eles...) não iria mudar, largar..." (I. 32, F. 29)

(70) "(uns freguês...) faz compra..." (I. 3, F. 33)

39) A ausência de concordância é altamente desfavorecida pelo sujeito expresso na oração e anteposto ao verbo, sendo pouco freqüentes os casos como (71) e (72):

(71) "os filhos se rebela e..." (I. 32, F. 41)

(72) "as menina começava a chorar..." (I. 25, F. 35)

Em seguida, foi observada a influência da posição do SN sujeito em relação ao verbo sobre a ausência de concordância nos verbos "regulares" e nos verbos "não-regulares", separadamente.

Nos verbos "regulares, as probabilidades atribuídas

aos fatores I(sujeito imediatamente anteposto ao verbo) e A(sujeito anteposto e distante do verbo) continuam bastante diferentes das atribuídas aos outros dois, E(sujeito expresso em oração anterior) e O(sujeito posposto ao verbo), que se mostram como condicionantes da ausência de concordância —  $I = .30$ ,  $A = .32$ ;  $E = .69$ ,  $O = .69$ .

Nos verbos "não-regulares", o único fator que contribui positivamente para a falta de concordância é O(sujeito posposto ao verbo), e as probabilidades de ausência de concordância atribuídas aos fatores considerados foram:  $I = .31$ ,  $A = .29$ ,  $E = .41$ ,  $O = .88$ .

Tendo em vista esses resultados, parece evidente apenas que, em português, a ausência de concordância é condicionada pela relação SN/SV. Nos casos em que essa relação é perfeitamente clara ou, pelo menos, percebida com facilidade (sujeito expresso na oração e anteposto ao verbo), a concordância é bastante freqüente. Nos casos em que dificilmente se percebe a relação SN/SV (sujeito posposto ao verbo), a ausência de concordância é favorecida.

### 2.3 - A constituição do SN sujeito

As probabilidades de ausência de concordância atribuídas aos fatores inicialmente considerados no grupo constituição do SN sujeito podem ser vistas através da TABELA 6-20 na página seguinte.

F A T O R E S	TOTAL DE CASOS	Nº DE CA- SOS <u>COM</u> CONCORDÂNCIA	Nº DE CA SOS <u>SEM</u> CONCORDÂNCIA	% DE AU SÊNCIA DE CON- CORDÂNCIA	PROBABILI- DADES DE AUSENCIA DE CON- CORDÂNCIA
S - sujeito constituído de substantivo(s) plural ou de substantivo no singular	535	284	251	47	.49
L - sujeito constituído de pronome pessoal	1.039	631	408	39	.36
N - sujeito constituído de pronome possessivo, ou de pronome indefinido, ou de numeral	145	75	70	48	.49
R - sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural	194	87	107	55	.65
T O T A L	1.913	1.077	836	44	—

**TABELA 6-20:** A influência da constituição do SN sujeito sobre ausência de concordância.

Nº de casos = 1.913

INPUT = .36

Log-Lkh = -852.846

A partir desses resultados, pode-se afirmar que:

1º - O sujeito constituído de substantivo(s) no plural ou de substantivos no singular e o sujeito constituído ou de pronome possessivo, ou de pronome indefinido, ou de numeral mostram-se neutros em relação à ausência de concordância.

2º - O sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural favorece a ausência de concordância, como nos exemplos de (73) a (76):

(73) "(eles...) que não admite uma recuperação.(I.30,F.22

(74) "Tem umas afirma que deixa, umas...(I. 3, F.14)

(75) "...os problemas(...)que influiu sobre..."(I.30,F.42

(76) "...com rapazes que as tirasse de lá..."(I.30,F.100)

3º - O sujeito constituído de pronome pessoal desfavorece a ausência de concordância; ou seja, contribui positivamente para que apareça a marca de pluralidade no verbo que se refere a SN de terceira pessoa do plural, como nos exemplos de (77) a (80):

(77) "...eles fizeram..."(I.28, F. 38)

(78) "(eles...) ajudam..."(I. 27, F. 12)

(79) "A mim eles nunca oferecem, mas..."(I. 3,F. 53)

(80) "...eles não dão uma mãozinha..."(I. 14,F. 8)

Nos verbos "regulares", é também esse o comportamento do grupo constituição do SN sujeito em relação à ausência de concordância, conforme mostra a TABELA 6-21, que se encontra na página seguinte.

F A T O R E S	TOTAL DE CASOS	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA	Nº DE CASOS SEM CONCORDÂNCIA	% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
S - sujeito constituído ou de substantivo (s) plural ou de substantivos no singular	279	86	193	69	.52
L - sujeito constituído de pronome pessoal	589	249	340	58	.38
N - sujeito constituído ou de pronome possessivo, ou de pronome indefinido, ou de numeral	79	25	54	68	.48
R - sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural	118	36	82	69	.62
T O T A L	1.065	396	669	63	—

**TABELA 6-21:** A influência da constituição do SN sujeito sobre ausência de concordância, nos verbos "regulares".

Entre os verbos "não-regulares", as probabilidades encontradas apenas deixam mais nítida a diferença já registrada entre o comportamento do fator R (sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural) e o comportamento dos outros fatores do mesmo grupo, em relação à ausência de concordância verbal em português. As referidas probabilidades encontram-se na TABELA 6-22:

F A T O R E S	TOTAL DE CASOS	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA	Nº DE CASOS SEM CONCORDÂNCIA	% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
S - sujeito constituído ou de substantivo(s) plural, ou de substantivos no singular	256	198	58	23	.47
L - sujeito constituído de pronome pessoal	450	382	68	15	.35
N - sujeito constituído ou de pronome possessivo, ou de pronome indefinido, ou de numeral	66	50	16	24	.46
R - sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural	76	51	25	33	.71
T O T A L	848	681	167	20	—

**TABELA 6-22:** A influência da constituição do SN sujeito sobre a ausência de concordância, nos verbos "não-regulares".

Na secção anterior, a ausência de concordância mostrou-se menos freqüente nos casos em que a relação SN/SV é nitidamente percebida. Decidi verificar, então, se a relação SN/SV condiciona a presença de flexão nos vários tipos de sujeito considerados. Para isso, combinei os fatores do grupo posição do SN sujeito em relação ao verbo com os fatores do grupo constituição do SN sujeito. As porcentagens de ausência de concordância atribuídas aos novos fatores podem ser vistas através da TABELA 6-23:

F A T O R E S		TOTAL	Nº DE CA	% DE AU
POSIÇÃO DO SN SUJEITO EM RELAÇÃO AO VERBO	CONSTITUIÇÃO DO SN SUJEITO	DE CASOS	SOS SEM CONCOR- DÂNCIA	SÊNCIA DE CON- CORDÂN- CIA
I - imediatamente an- posto	S - substantivo(s)	215	96	44
	L - pronome pessoal	588	191	32
	N - outros pronomes e numeral	66	25	37
	R - pronome relativo	143	75	52
Subtotal	—	1.012	387	38
A - anteposto e distante	S - substantivo(s)	103	35	33
	L - pronome pessoal	201	79	39
	N - outros pronomes e numeral	23	13	56
	R - pronome relativo	37	23	63
Subtotal	—	364	150	41
E - expresso em oração anterior	S - substantivo(s)	185	93	50
	L - pronome pessoal	250	138	55
	N - outros pronomes e numeral	35	19	54
	R - pronome relativo	14	9	64
Subtotal	—	484	259	54
O - posposto ao verbo na oração	S - substantivo(s)	32	27	84
	N - ou pronome possessivo, ou pronome definido, ou nume- ral	21	13	61
Subtotal	—	53	40	75
TOTAL GERAL	—	1.913	836	44

**TABELA 6-23:** Porcentagens de ausência de concordância, considerando-se, simultaneamente, a posição do SN sujeito em relação ao verbo e a constituição do SN sujeito.

O resultado contido na TABELA 6-23 mostra que:

a) Nos casos em que o sujeito aparece representado na oração por um pronome relativo (que pode aparecer ou imediatamente anteposto ao verbo na oração, ou anteposto e distante do verbo na oração, ou expresso em oração anterior), as mais altas porcentagens de ausência de concordância são atribuídas a esse tipo de sujeito.

b) Nos casos em que o sujeito aparece posposto ao verbo na oração, a ausência de concordância é bastante freqüente, não importando o tipo desse sujeito, que pode ser constituído ou de substantivo(s), ou de pronome possessivo, ou de pronome indefinido, ou de numeral.

Sendo assim, conta como condicionante da falta de concordância verbal em português a relação estabelecida entre o verbo e o SN plural ao qual ele se refere. Nesses termos, inclusive, é possível afirmar que há um princípio de saliência determinando a ausência de concordância em nossa língua; ou seja, em português, a ausência de concordância é favorecida nos casos em que a relação SN/SV é dificilmente percebida.

### 3 - A análise não-estrutural

As freqüências e as probabilidades de ausência de concordância verbal, em termos das variáveis não-estruturais, podem ser vistas através da TABELA 6-24, que se encontra na página seguinte.

VARIÁVEIS	F A T O R E S	Nº TOTAL DE CASOS	Nº DE CASOS COM CONCORDÂNCIA	Nº DE CASOS SEM CONCORDÂNCIA	% DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA	PROBABILIDADES DE AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
Estilo de fala	F - formal	456	247	209	46	.44
	I - informal	1.457	830	627	43	.56
Sexo	M - masculino	978	484	494	51	.61
	F - feminino	935	593	342	37	.39
Idade	J - jovens (entre 14 e 18 anos)	833	473	360	43	.45
	A - adultos (36 anos ou mais)	1.080	604	476	44	.55
Grupo social	B - baixo padrão de vida	410	132	278	68	.75
	O - operários	364	180	184	51	.58
	M - médio padrão de vida	581	350	231	40	.40
	A - alto padrão de vida	558	415	143	26	.26

**TABELA 6-24:** A influência dos fatores não-estruturais sobre a ausência de concordância verbal.

Total de casos: 1.913

Total de casos sem concordância: 836

% de ausência de concordância: 44

INPUT : .42

A interpretação desses resultados terá como objetivo caracterizar a variação lingüística analisada no presente trabalho e que consiste na presença e ausência de concordância entre o verbo e o SN sujeito, de terceira pessoa do plural, no português coloquial de Belo Horizonte.

Em primeiro lugar, os valores probabilísticos atribuídos aos fatores considerados na variável idade mostram que a ausência de concordância é favorecida pelos adultos (informantes com idade igual

ou superior a 36 anos) e desfavorecida pelos jovens (informantes com idade entre 14 e 18 anos). Isso significa que, embora na literatura consultada a ausência de concordância verbal apareça como um fenômeno antigo na língua portuguesa, com relação à idade, não se pode afirmar que a variação lingüística em questão representa uma mudança em progresso; ou seja, essa variação não se caracteriza pela evidência do tempo aparente.

Em segundo lugar, no que se refere à variável grupo social, as probabilidades mais altas de ausência de concordância verbal associam-se aos grupos sociais mais baixos, e as probabilidades mais baixas, aos grupos sociais mais altos. Dessa forma, o padrão curvilíneo, que tem sido considerado outra característica da mudança em progresso, também não foi encontrado. A referida variação apresenta, portanto, uma distribuição social usualmente associada a variáveis estáveis, conforme mostra a FIGURA 6-a:

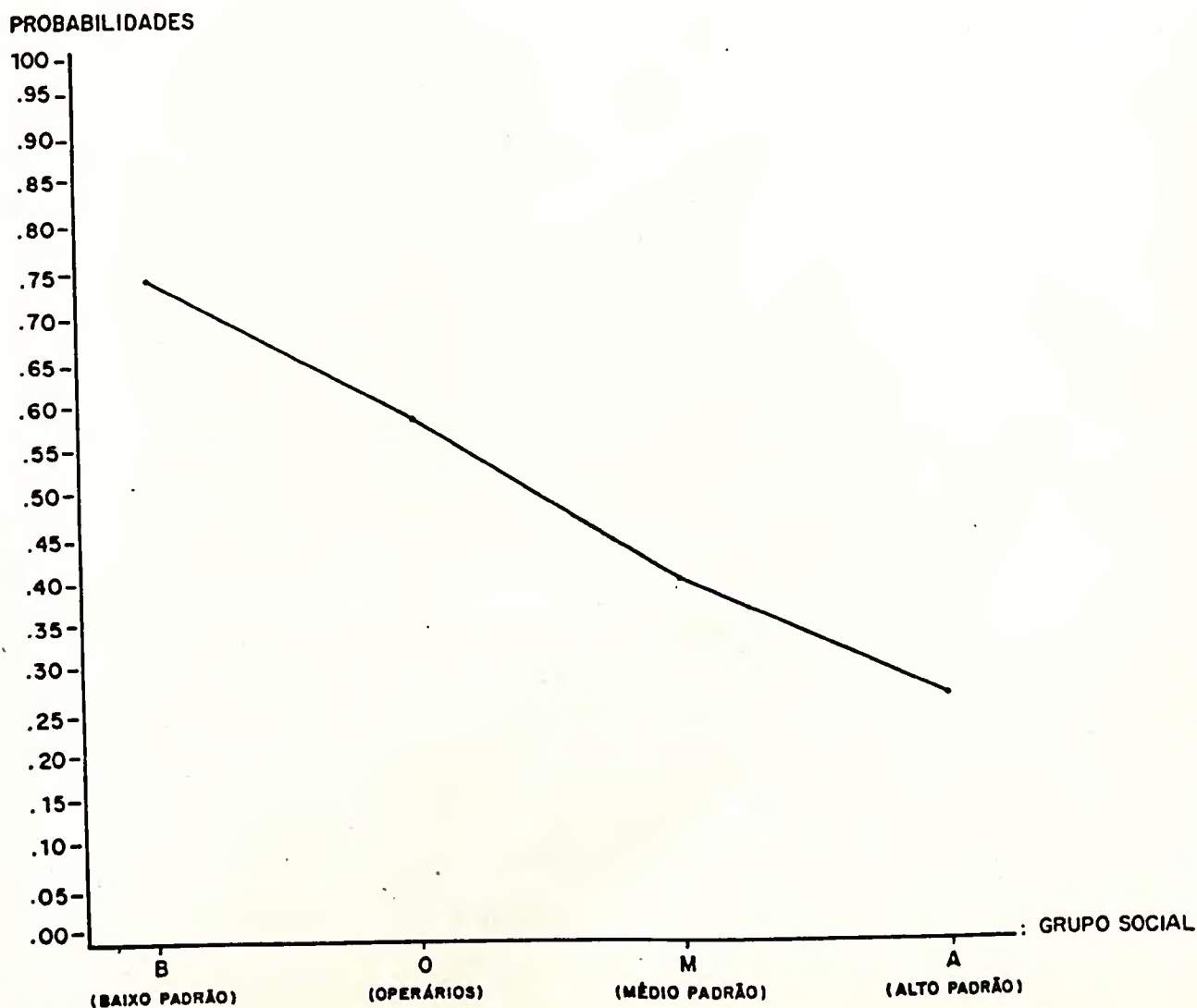


FIGURA 6-a: A DISTRIBUIÇÃO SOCIAL DA AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL.

Apesar desses resultados, tomando como suporte os estudos de LABOV(1972) sobre a realização fonética do (r) em Nova Iorque e o estudo de OLIVEIRA(1982) sobre o cancelamento do (r) em Belo Horizonte, decidi observar a relação entre a distribuição social da ausência de concordância verbal e a variável idade. De acordo com as probabilidades encontradas, em todos os grupos sociais considerados, os adultos favorecem mais a ausência de concordância verbal do que os jovens, o que pode ser visto através da FIGURA 6-b:

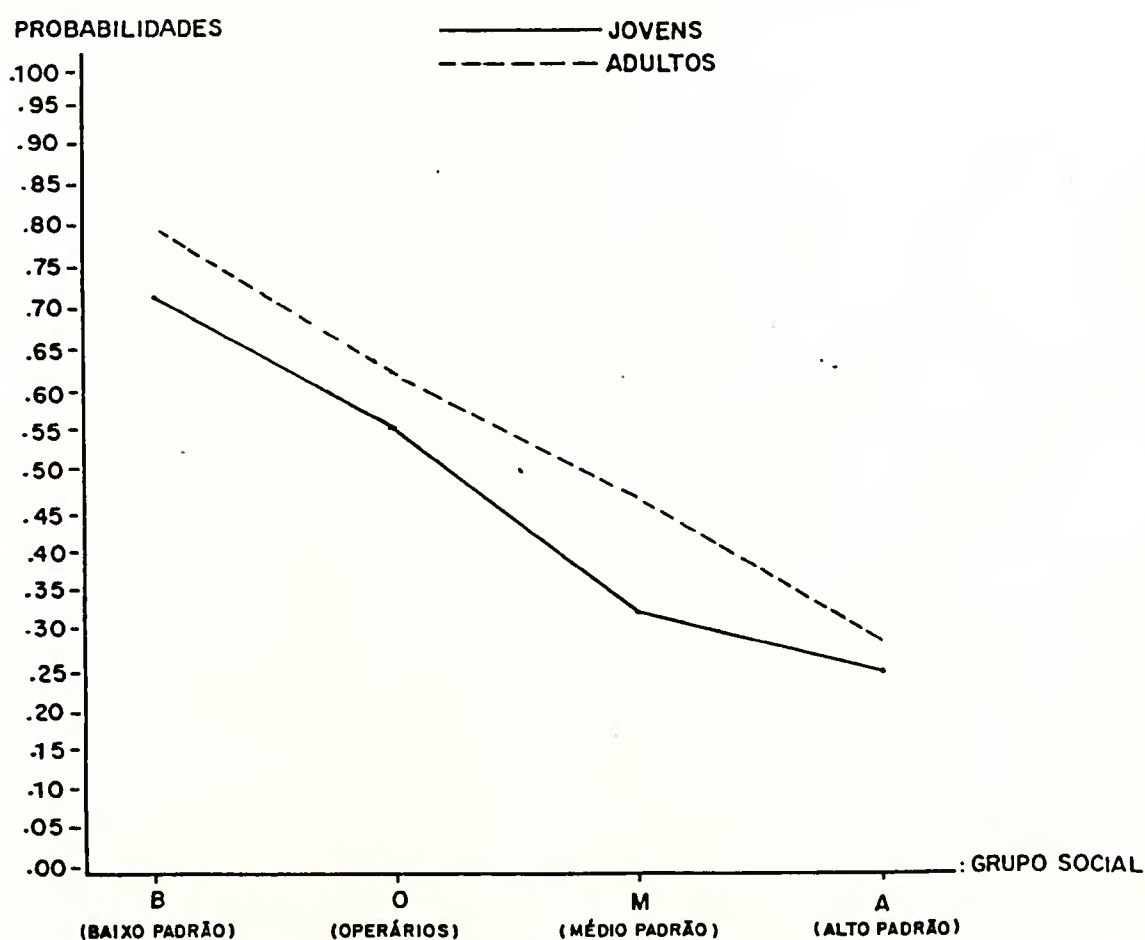


FIGURA 6-b: A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL SEGUNDO O GRUPO SOCIAL E A IDADE.

Conforme mostra a FIGURA 6-b, os dois grupos etários considerados apresentam estratificação social acentuada.

Para testar as diferenças entre jovens e adultos em cada grupo social, apliquei um teste Qui-Quadrado<sup>(3)</sup> em todos os pares. As diferenças mostraram-se significantes apenas nestes casos:

$$\text{GRUPO B : } \chi^2 = 4.167, \text{ gl} = 1, \text{ nível} = .05$$

$$\text{GRUPO M : } \chi^2 = 6.607, \text{ gl} = 1, \text{ nível} = .02$$

Em seguida, observei a relação entre a ausência de concordância verbal e o grupo social, em cada um dos dois estilos de fala considerados. Os resultados obtidos podem ser representados pela FIGURA 6-c:

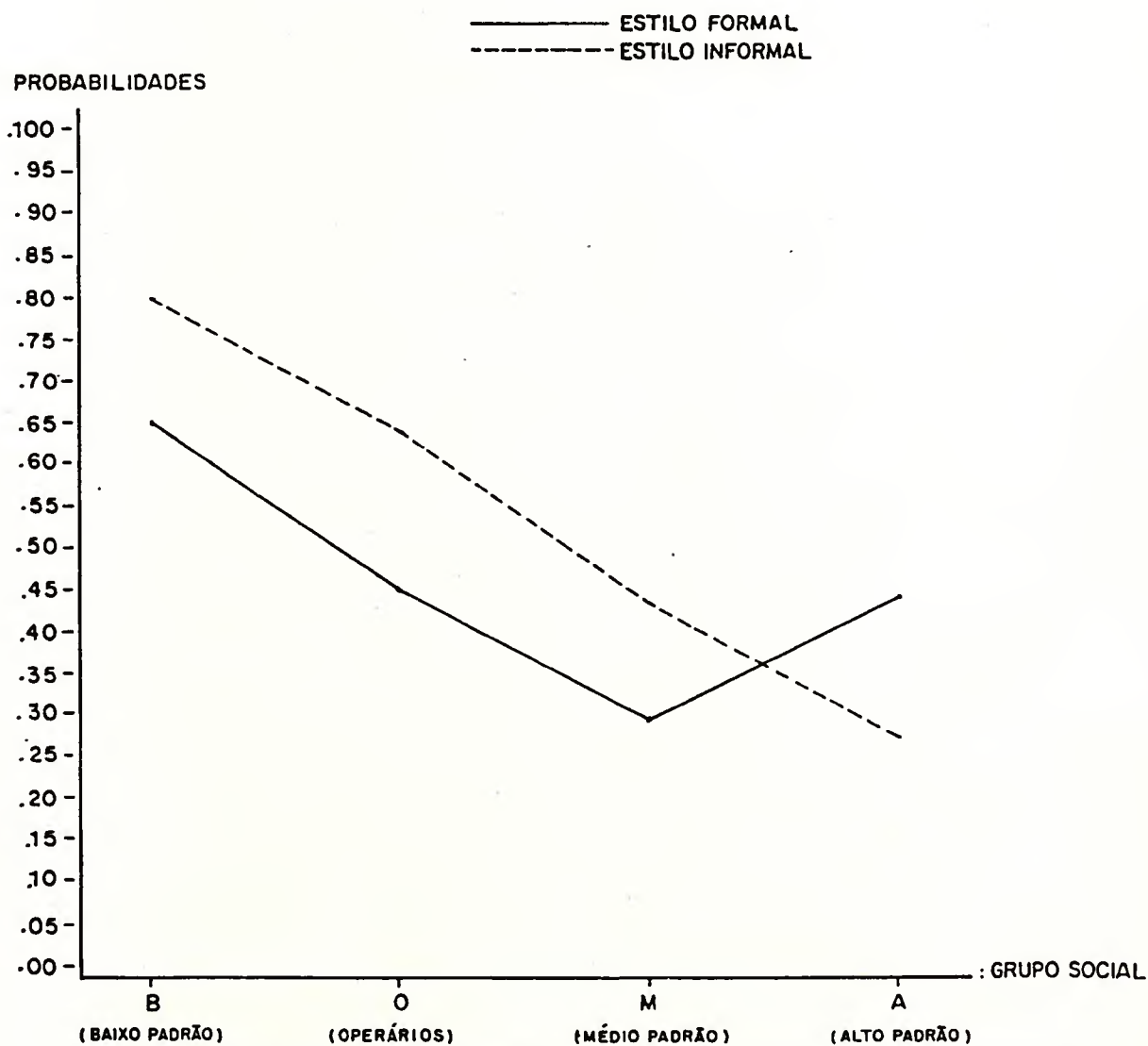


FIGURA 6-c: A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL, SEGUNDO O GRUPO SOCIAL E O ESTILO DA FALA.

19) apenas no grupo A as probabilidades de ausência de concordância verbal atribuídas ao estilo informal são menores do que as atribuídas ao estilo formal;

29) no estilo informal, as probabilidades mais altas de ausência de concordância verbal associam-se aos grupos sociais mais baixos, e as probabilidades mais baixas, aos grupos sociais mais altos;

39) no estilo formal, excetuando-se o grupo A (alto padrão de vida), as probabilidades mais altas de ausência de concordância verbal são também associadas aos grupos sociais mais baixos, e vice-versa.

Aplicando o teste Qui-Quadrado, verifiquei, então, que todas as diferenças entre formal e informal, nos quatro grupos sociais observados, mostram-se significantes:

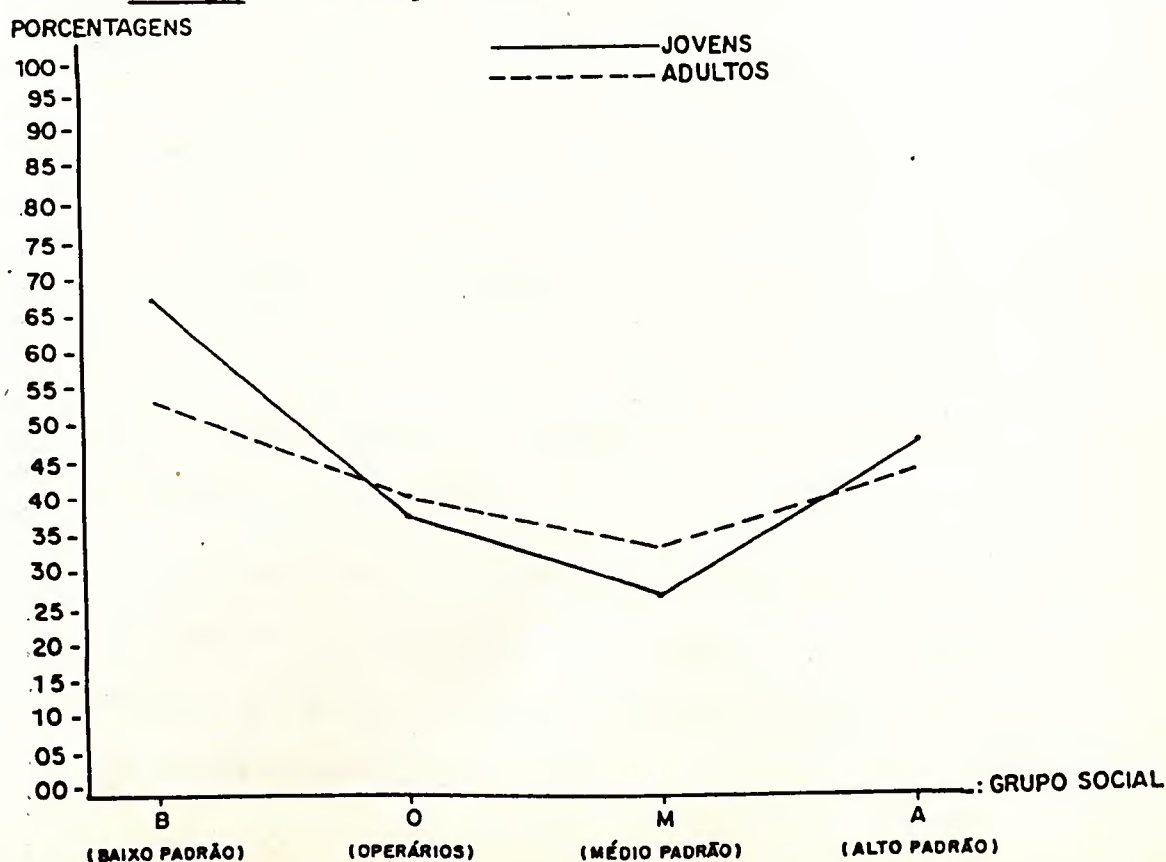
GRUPO B:  $\chi^2 = 4.862$ , gl = 1, nível = .05

GRUPO O:  $\chi^2 = 10.414$ , gl = 1, nível = .01

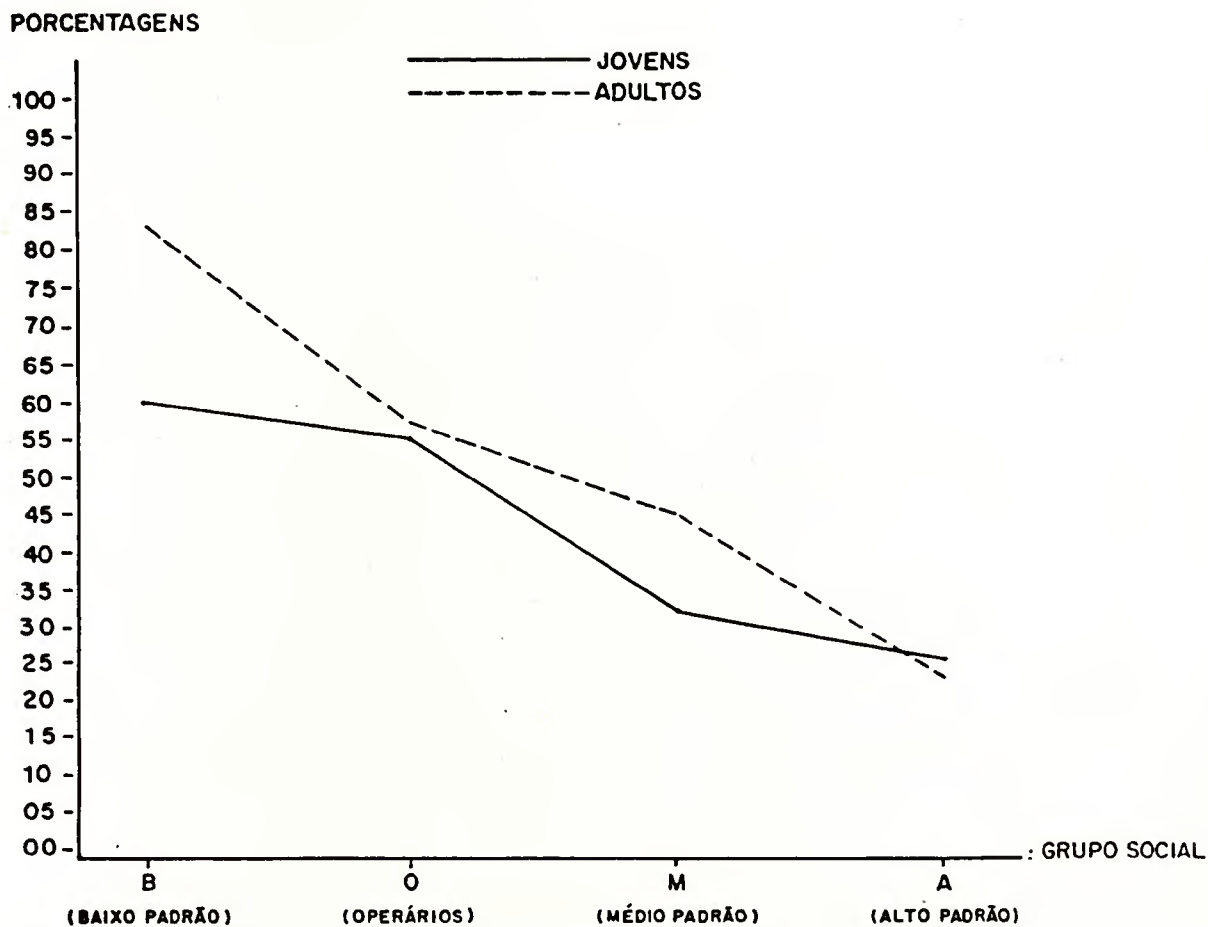
GRUPO M:  $\chi^2 = 5.030$ , gl = 1, nível = .05

GRUPO A:  $\chi^2 = 11.106$ , gl = 1, nível = .001

Considerando o diferente comportamento do grupo A em relação ao dos outros três grupos observados, segundo a variável estilo de fala, decidi, então, verificar se tal diferença resulta, ou não, da influência de outros condicionamentos. Num primeiro passo, combinei os fatores incluídos nas variáveis grupo social, estilo de fala e idade. Os resultados obtidos podem ser representados através da FIGURA 6-d e da FIGURA 6-e, seguintes:



**FIGURA 6-d:** A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO CONTEXTO FORMAL, SEGUNDO O GRUPO SOCIAL E A IDADE.



**FIGURA 6-e:** A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO CONTEXTO INFORMAL, SEGUNDO O GRUPO SOCIAL E A IDADE.

Essas figuras (FIGURA 6-d e FIGURA 6-e) mostram que:

1º) no grupo B (baixo padrão de vida), a ausência de concordância verbal é mais freqüente entre os jovens, no estilo formal, e entre os adultos, no estilo informal;

2º) nos grupos O (operários) e A (alto padrão de vida), as freqüências apresentadas pelos jovens, para a ausência de concordância verbal, em ambos os estilos de fala considerados, são bastante semelhantes às freqüências apresentadas pelos adultos;

3º) no grupo M (médio padrão de vida), a ausência de concordância verbal é mais freqüente entre os adultos, em ambos os estilos de fala - formal e informal.

A significância das diferenças entre jovens e adultos nos diversos grupos sociais, considerando também o estilo de fala, foi testada. Os resultados do teste Qui-Quadrado mostraram que apenas estas diferenças são significantes:

GRUPO B - ESTILO INFORMAL:  $\chi^2 = 15.125$ , gl = 1, nível = .001

GRUPO M - ESTILO INFORMAL:  $\chi^2 = 5.250$ , gl = 1, nível = .05

Partindo dos resultados obtidos através das combinações de grupos de fatores já então realizadas, podem ser feitas as seguintes afirmações:

a) quando não se considera o estilo de fala, as diferenças significantes em relação à idade refletem a ausência de concordância verbal mais freqüente entre os falantes mais velhos;

b) todos os grupos sociais apresentam diferenças significantes em relação aos dois estilos de fala observados - formal e informal;

c) no estilo informal, ocorrem diferenças significantes em relação à idade, mas apenas nos grupos sociais em que os adultos, nesse estilo de fala, apresentam mais ausência de concordância verbal do que os jovens (grupos B e M).

Sendo assim, não há qualquer evidência de que a idade interfira no diferente comportamento do grupo A, expresso através da FIGURA 6-c (p. 149).

Num segundo passo, combinei os fatores incluídos nas variáveis grupo social, estilo de fala e sexo. Os resultados encontrados podem ser representados através da FIGURA 6-f e da FIGURA 6-g:

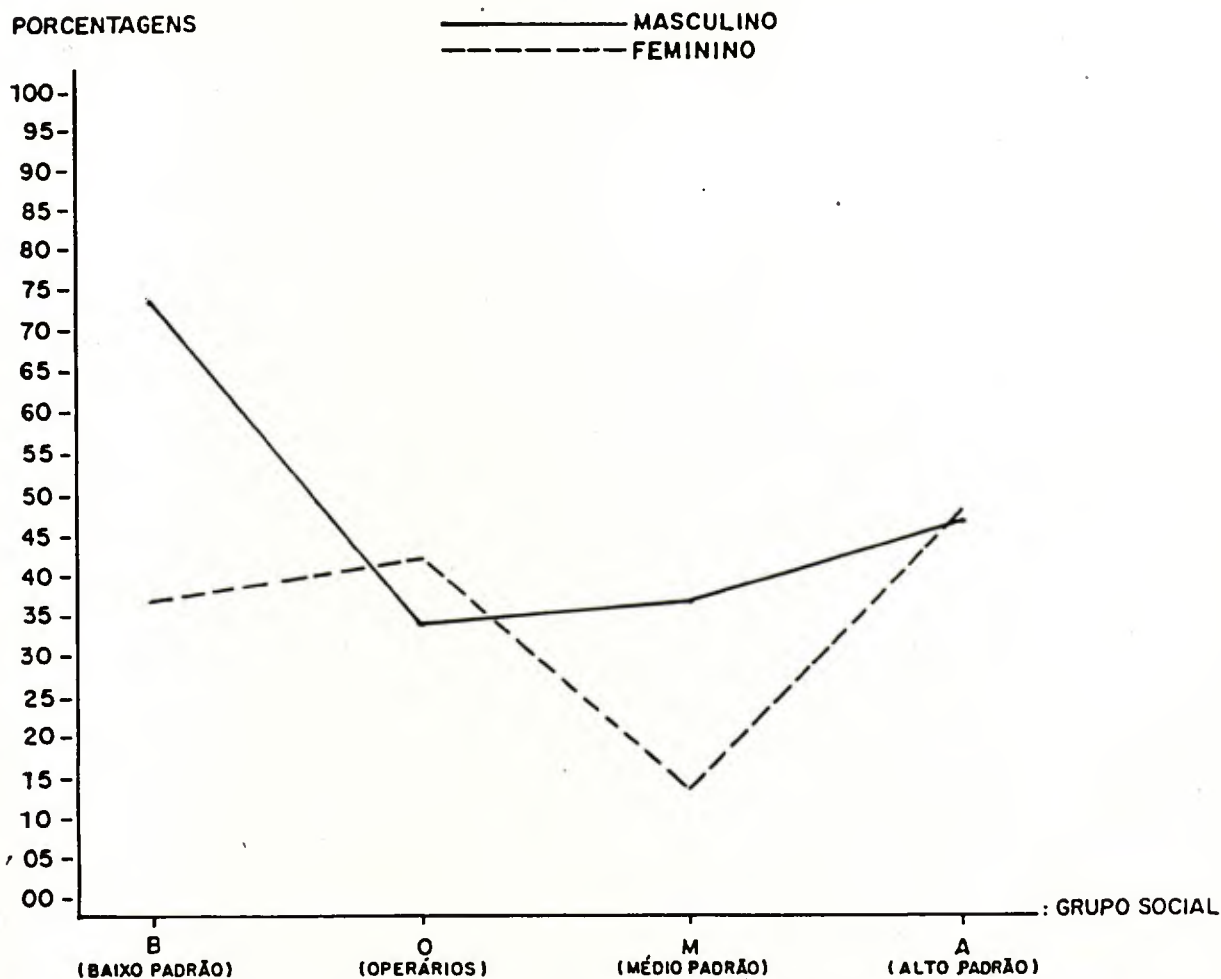


FIGURA 6-f: A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO CONTEXTO FORMAL, SEGUNDO O GRUPO SOCIAL E O SEXO.

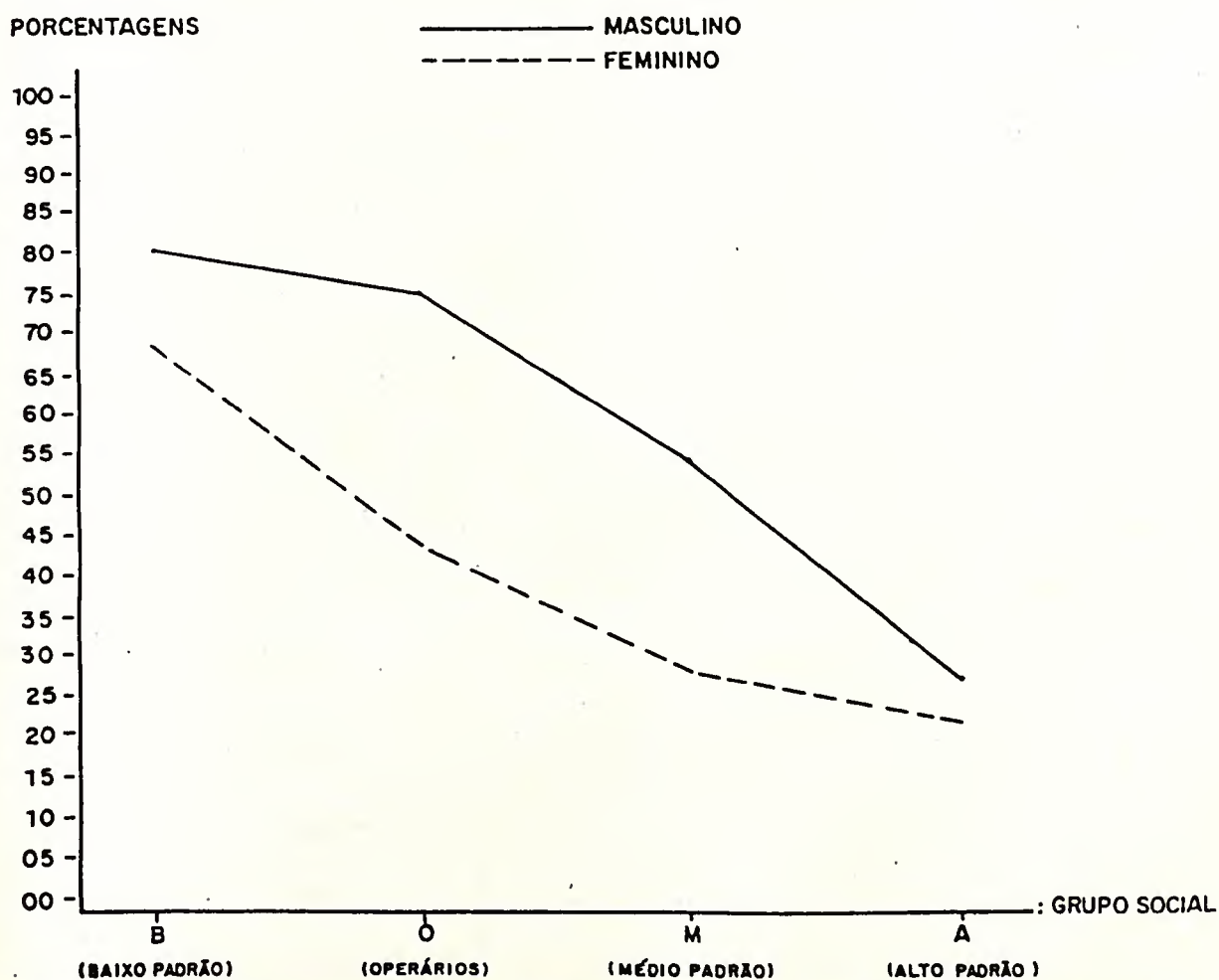


FIGURA 6-g: A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO CONTEXTO INFORMAL, SEGUNDO O GRUPO SOCIAL E O SEXO.

Essas figuras (FIGURA 6-f e FIGURA 6-g) mostram o seguinte:

1º) nos grupos B(baixo padrão de vida) e M(médio padrão de vida), os homens apresentam maiores frequências de ausência de concordância verbal, em ambos os estilos de fala;

2º) no grupo O(operários), a ausência de concordância verbal é mais freqüente entre os homens, no estilo informal, e, entre as mulheres, no estilo formal;

3º) no grupo A(alto padrão de vida), os homens apresentam mais ausência de concordância verbal do que as mulheres, no estilo informal, mas, no estilo formal, as frequências apresentadas pelos dois sexos são bastante semelhantes.

Decidi, então, testar a significância dessas diferenças encontradas. Os resultados obtidos através do teste Qui-Quadrado mostraram a ocorrência de diferenças significantes nos seguintes pares:

GRUPO B - ESTILO FORMAL:  $\chi^2 = 17.207$ , gl = 1, nível = .001

GRUPO M - ESTILO FORMAL:  $\chi^2 = 5.062$ , gl = 1, nível = .05

GRUPO O - ESTILO INFORMAL:  $\chi^2 = 23.447$ , gl = 1, nível = .001

GRUPO M - ESTILO INFORMAL:  $\chi^2 = 30.210$ , gl = 1, nível = .001

Em seguida, isolei a variável estilo de fala e testei as diferenças entre homens e mulheres, em cada um dos quatro grupos sociais. Os resultados mostraram que todas as diferenças encontradas são significantes:

GRUPO B:  $\chi^2 = 13.169$ , gl = 1, nível = .001

GRUPO O:  $\chi^2 = 9.517$ , gl = 1, nível = .01

GRUPO M:  $\chi^2 = 28.814$ , gl = 1, nível = .001

GRUPO A:  $\chi^2 = 4.521$ , gl = 1, nível = .05

Os resultados obtidos através dessas últimas combinações podem ser assim sumariados:

a) em todos os grupos sociais, a diferença em relação à variável sexo é significativa;

b) considerando a variável estilo de fala, as diferenças significantes em relação à variável sexo, nos diversos grupos sociais, ocorrem apenas em situações nas quais os homens apresentam mais ausência de concordância verbal do que as mulheres;

c) apenas no grupo A (alto padrão de vida) não se verifica diferença significativa em relação à variável sexo, ao se considerar cada estilo de fala isoladamente (ESTILO FORMAL: Masculino = 47%, Feminino = 46%;  $\chi^2 = 0.321$ , gl = 1 / ESTILO INFORMAL: Masculino = 27%, Feminino = 21%;  $\chi^2 = 2.836$ , gl = 1).

Sendo assim, parece perfeitamente claro que o diferente comportamento do grupo A, expresso através da FIGURA 6-c, não se deve também à influência da variável sexo.

A partir de todos esses resultados relativos à influência dos grupos de fatores não-estruturais (tomados isoladamente e/ou combinados) sobre a ausência de concordância verbal, é possível descartar definitivamente a hipótese de ser a variação analisada no presente trabalho um caso de mudança em progresso; o fato de algumas vezes ocorrer e, outras vezes, não ocorrer a concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito, de terceira pessoa do plural, no português coloquial de Belo Horizonte, caracteriza-se, portanto, como uma variável estável. Essa variação, além de apresentar estratificação social, é também influenciada pela idade, pelo sexo e pelo estilo de fala. A ausência de concordância verbal é favorecida nos grupos sociais mais baixos (B - baixo padrão de vida = .75; O - operários = .58) e desfavorecida nos dois grupos sociais mais altos (M - médio pa-

drão de vida = .40; A - alto padrão de vida = .26). Em todos os grupos sociais, os falantes mais velhos apresentam probabilidades de casos sem concordância superiores às apresentadas pelos jovens, embora a diferença em relação à idade seja significativa apenas no grupo B (baixo padrão de vida) e no grupo M (médio padrão de vida). As probabilidades de ausência de concordância associadas aos homens são superiores às que se associam às mulheres, nos quatro grupos sociais considerados, e, em todos esses grupos, a diferença em relação ao sexo é significativa. Nos grupos B (baixo padrão de vida), O (operários), e M (médio padrão de vida), o estilo informal associa-se a valores probabilísticos maiores do que os associados ao estilo formal. Os falantes do grupo A (alto padrão de vida), tanto os jovens quanto os adultos, tanto os homens quanto as mulheres, apresentam maior probabilidade de ausência de concordância verbal no estilo formal do que no estilo informal. Em todos os grupos sociais, as diferenças em relação ao estilo de fala são significantes. No estilo informal, as mais altas probabilidades de ausência de concordância verbal associam-se aos grupos sociais mais baixos, e vice-versa; no estilo formal, essa relação é também encontrada, contanto que se isole o grupo A (alto padrão de vida). Para explicar esse diferente comportamento do grupo A, no que se refere à variável estilo de fala, é possível, apenas, estabelecer a seguinte hipótese: a ausência de concordância verbal, em português, é estigmatizada socialmente; os falantes que, ou não desfrutam de prestígio, ou são pouco valorizados socialmente, conscientes dessa estigmatização, buscam, nas situações em que prestam maior atenção à fala, realizar, em proporções menores, estruturas com o verbo no singular e o sujeito no plural; fato esse que não ocorre entre os falantes do grupo A por não se verificar, entre eles, a preocupação em evitar a ausência de concordância verbal.

NOTA DO CAPÍTULO 6

- 1 Os resultados encontrados nos trabalhos anteriores e aqui mencionados refletem a influência da constituição morfológica da forma verbal sobre a presença de concordância, por isso, foram adaptados por mim.
- 2 O referido trabalho já foi mencionado nesta dissertação (ver: Capítulo 4, p. 57 e segs.; Capítulo 5, p. 86 e segs.).
- 3 O teste Qui-Quadrado foi calculado por um microcomputador CP-200, da PROLÓGICA. O programa utilizado foi elaborado por Geraldo Eustáquio Nicolau Reis e eu.

CAPITULO 7 : CONCLUSÃO

No português coloquial de Belo Horizonte, o verbo que se refere ao sintagma nominal sujeito de terceira pessoa do plural nem sempre aparece no plural, como pretendem as nossas gramáticas, e a ausência de concordância, que nesse caso é significativamente frequente, resulta dos seguintes condicionamentos: constituição morfológica da forma verbal, ambiente fonológico que sucede ao verbo, posição do SN sujeito em relação ao verbo, constituição do SN sujeito, estilo de fala, idade, sexo e grupo social a que pertence o falante. Enfim, a regra morfo-sintática de concordância verbal, em português, é uma regra variável, condicionada por fatores estruturais (ou internos) e não-estruturais (ou externos).

A constituição morfológica da forma verbal exerce influência sobre a ausência de concordância em português, mas o princípio de saliência fônica, proposto por LEMLE e NARO (1977:49), não foi confirmado; ou seja, não há qualquer evidência de relação entre a ausência de concordância verbal e o grau de saliência fônica que diferencia as formas verbais de singular e as de plural. O fato de, nos verbos "regulares" (fala/falam, come/comem, faz/fazem etc.), a ausência de concordância ser mais frequente pode ser explicado pela ocorrência de interação entre um processo morfo-sintático variável sincrônico e alguns processos fonológicos variáveis que atingiram esses verbos, ainda no português arcaico. Entre as formas de pretérito perfeito do indicativo, a concordância não-padrão apresenta frequências muito superiores às apresentadas pela concordância padrão.

A realização das terminações verbais átonas (dos verbos "regulares" e das formas de pretérito perfeito) sob a forma de monotongos é favorecida nos casos em que o verbo aparece seguido de vogal.

A ausência de concordância verbal é determinada muito mais pela posição do SN sujeito em relação ao verbo do que pela cons

tituição do SN sujeito; nos casos em que é dificilmente percebida a relação SN/SV (sujeito posposto ao verbo na oração e sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN plural), a ausência de concordância é bastante favorecida.

Os fatores incluídos nas variáveis não-estruturais apresentam um mesmo comportamento em relação à ausência de concordância nos verbos "regulares", à ausência de concordância nos verbos "não-regulares" e à realização da concordância não-padrão, nas formas de pretérito perfeito do indicativo. As probabilidades de ausência de concordância atribuídas ao estilo informal são significativamente superiores às que se associam ao estilo formal, em três dos quatro grupos sociais observados - B (baixo padrão de vida), O (operários), M (médio padrão de vida). Entre os falantes do grupo A (alto padrão de vida), a ausência de concordância é mais freqüente no estilo formal do que no estilo informal. Em todos os grupos sociais, os adultos realizam mais a ausência de concordância verbal do que os jovens, e os homens, mais do que as mulheres. Os grupos sociais mais altos desfavorecem a ausência de concordância, que é bastante favorecida pelos grupos sociais mais baixos.

Tendo em vista o comportamento dos fatores não-estruturais, a ausência de concordância verbal no português coloquial de Belo Horizonte caracteriza-se como uma variável estável que apresenta nítida estratificação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu:(1976), O Dialeto Caipira, HUCITEC-SCETCEC, São Paulo.
- ANDRÉ, Hildebrando A:(1978) Gramática Ilustrada, 2a. edição, Editora Moderna, São Paulo.
- ASSIS VEADO, Rosa Maria(1980), Comportamento Lingüístico do Dialeto Rural, Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte.
- BECHARA, Evanildo:(1982), Moderna Gramática Portuguesa, 27a. edição , CIA Editora Nacional, São Paulo.
- CÂMARA JR., J. Mattoso:(1972), Estrutura da Língua Portuguesa, Editora Vozes Ltda, Petrópolis.
- CEGALLA, Domingos Paschoal:(1978), Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, 19a. edição, CIA Editora Nacional, São Paulo.
- CUNHA, Celso:(1976), Língua Portuguesa e Realidade Brasileira, Edições Tempo Brasileiro Ltda, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_.(1976), Uma Política do Idioma, 4a. edição, Edições Tempo Brasileiro Ltda., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1978), Gramática do Português Contemporâneo, 7a.edição, Editora Bernardo Álvares S.A., Belo Horizonte.
- \_\_\_\_\_. (1981), Língua, Nação, Alienação, Nova Fronteira S.A., Rio de Janeiro.
- FERNANDES, Florestan:(1977), "Problemas de Conceituação das Classes Sociais na América Latina" IN: ZENTENO, Raúl Benítez(Coord.), As Classes Sociais na América Latina: Problemas de Conceituação, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda:(1975), Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 1a. edição, Editora Nova Fronteira S.A., Rio de Janeiro.
- GUY, Gregory:(1981), Sociolinguistic Variation in Rio Portuguese: sound change as cause of syntatic change. Dissertação de Doutorado,

University of Pennsylvania, Philadelphia.

LABOV, William: (1972), Sociolinguistic Patterns, Conduct and Communication nº 4, University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

\_\_\_\_\_ : (1974), "On the use of the present to explain the past" In: Proceedings of the Eleventh International Congress of Linguistics, Bologna.

\_\_\_\_\_ : (1979), "The social origin of sound change". University of Pennsylvania, unpublished paper.

\_\_\_\_\_ : (1964), "Estágios na aquisição do inglês standard" In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F (Orgs.) Sociolinguística, Coleção Enfoque, Volume 3, pp. 49-86, Editora Eldorado, Rio de Janeiro.

LEITE DE VASCONCELOS, José: (1901), Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, AILLAUD & CIE, Paris.

\_\_\_\_\_ : (1926), Lições de Filologia Portuguesa, 2a. edição, Biblioteca Nacional, Lisboa.

LEMLE, Miriam e NARO, Anthony J.: (1977), Competências básicas do Português, MOBREAL, Fundação FORD, Rio de Janeiro.

LIMA COUTINHO, Ismael: (1976), Gramática Histórica, 7a. edição, Ao Livro Técnico S.A., Rio de Janeiro.

MARROQUIM, Mário: (1935), A Língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco), 2a. edição, CIA Editora Nacional, São Paulo.

MARX, Karl: (1981), O Capital, Tradução de Reginaldo Sant'Anna, 3a. edição, Livro Terceiro, Volume VI, Cap. LII, p. 1012, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

MELO, Gladstone Chaves: (1981), A Língua do Brasil, Padrão-Livraria Editora Ltda., Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ : (1970), Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, 2a. edição, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.

- MELO, Gladstone Chaves:(1971), Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa, 4a. edição, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- MENDONÇA, Renato:(1973), A Influência Africana no Português do Brasil, 4a. edição, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- MOTTA, Erimita C.M.:(1979), Escolarização e Variação Lingüística, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas.
- NARO, Anthony J.:(1980), The social and structural dimensions of a syntatic change, PUC, Rio de Janeiro(mimeografado).
- \_\_\_\_\_ e LEMLE, Miriam:(1977), "Syntatic diffusion", IN: Ciência da Cultura, nº 29, pp. 259-68.
- NASCENTES, Antenor:(1953), O Linguajar Carioca em 1922, Edição da Organização Simões, Rio de Janeiro.
- NETO, Serafim da Silva:(1976), Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa, Presença Edições, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Marco A.:(1981), "Reanálise de um Problema de Variação" IN: Português: Estudos Lingüísticos, publicação do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos-7, Uberaba.
- \_\_\_\_\_:(1982), "Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso " IN: ASSIS VEADO, Rosa Maria e ALVARENGA, Daniel(Orgs.) Ensaios de Lingüística, Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura, Volume 7, FALE, UFMG, Belo Horizonte.
- \_\_\_\_\_:(1983), Resíduos históricos como um caso de variação sincrônica do português no Brasil, UFMG, Belo Horizonte (não publicado).
- PLAMBEL:(1977), Índice Geral das Tabulações da Pesquisa dos "Processos de Morar", Belo Horizonte.
- \_\_\_\_\_:(1977), Dados Coletados das Fabulações da "Pesquisa Processo de Morar" por setores, Belo Horizonte.

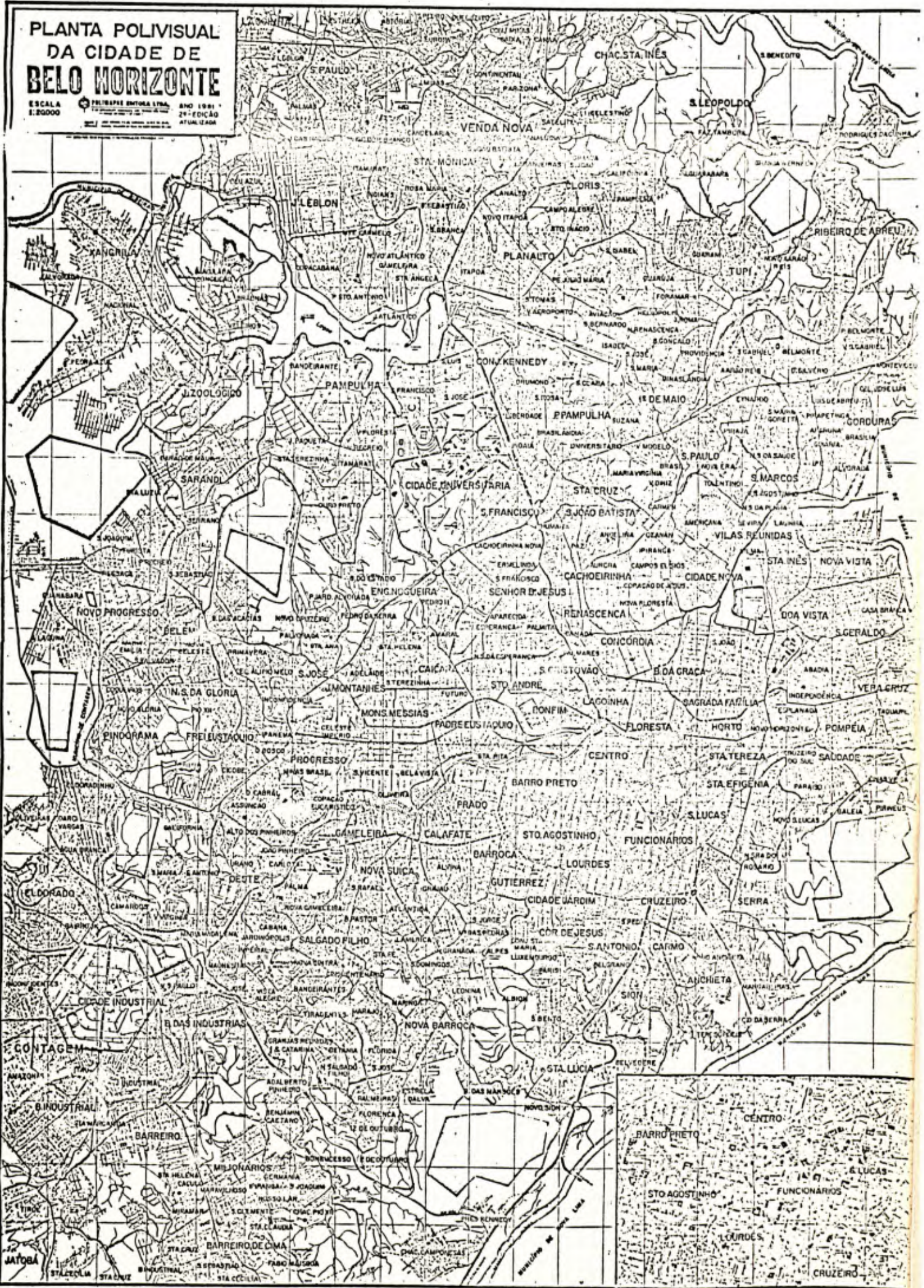
- PONTES, Eunice:(1972),Estrutura do Verbo no Português Coloquial, Editora Vozes, Petrópolis.
- POULANTZAS, Nicos:(1977), "As classes sociais" IN: ZENTENO, Raúl Benítez (Coord.),As Classes Sociais na América Latina: Problemas de Conceituação, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- ROCHA LIMA, Carlos H.:(1974),Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 17a. Edição, Editora José Olympio, Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, Ada Natal:(1974),O dialeto Caipira na Região de Piracicaba, Editora Ática, São Paulo.
- SAID ALI, M.:(1964),Gramática Secundária da Língua Portuguesa, Edições Melhoramentos, São Paulo.
- \_\_\_\_\_: (1971),Dificuldades da Língua Portuguesa, 6a. edição, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- SANTOS, Teotônio:(1983),Conceito de Classes Sociais, Editora Vozes, Petrópolis.
- SAUSSURE, Ferdinand:(1975),Cours de Linguistique Générale publié par Charles Bally et Albert Sechehaye, Payot, Paris.
- SCHANE, Sanford A.:(1973),Generative Phonology, Prentice-Hall Inc.
- SOUZA DA SILVEIRA:(1972), Lições de Português, Livraria de Portugal, Rio de Janeiro.
- TORRES, Artur de Almeida:(1966),Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa, 18a. edição, Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro.
- TUMIM, Melvim M.:(1970),Estratificação Social, Livraria Pioneira Editora, São Paulo.
- VILELA, Teotônio:(1983), Projeto Emergência, Editora CODECRI, Rio de Janeiro.

WEINREICH, U., LABOV, W. e HERZOG:(1968), "Empirical Foundations for a theory of language change", IN: LEHMANN e MALKIEL(eds.) Directions for Historical Linguistics. AUSTUI: University of Texas Press.

ANEXOS

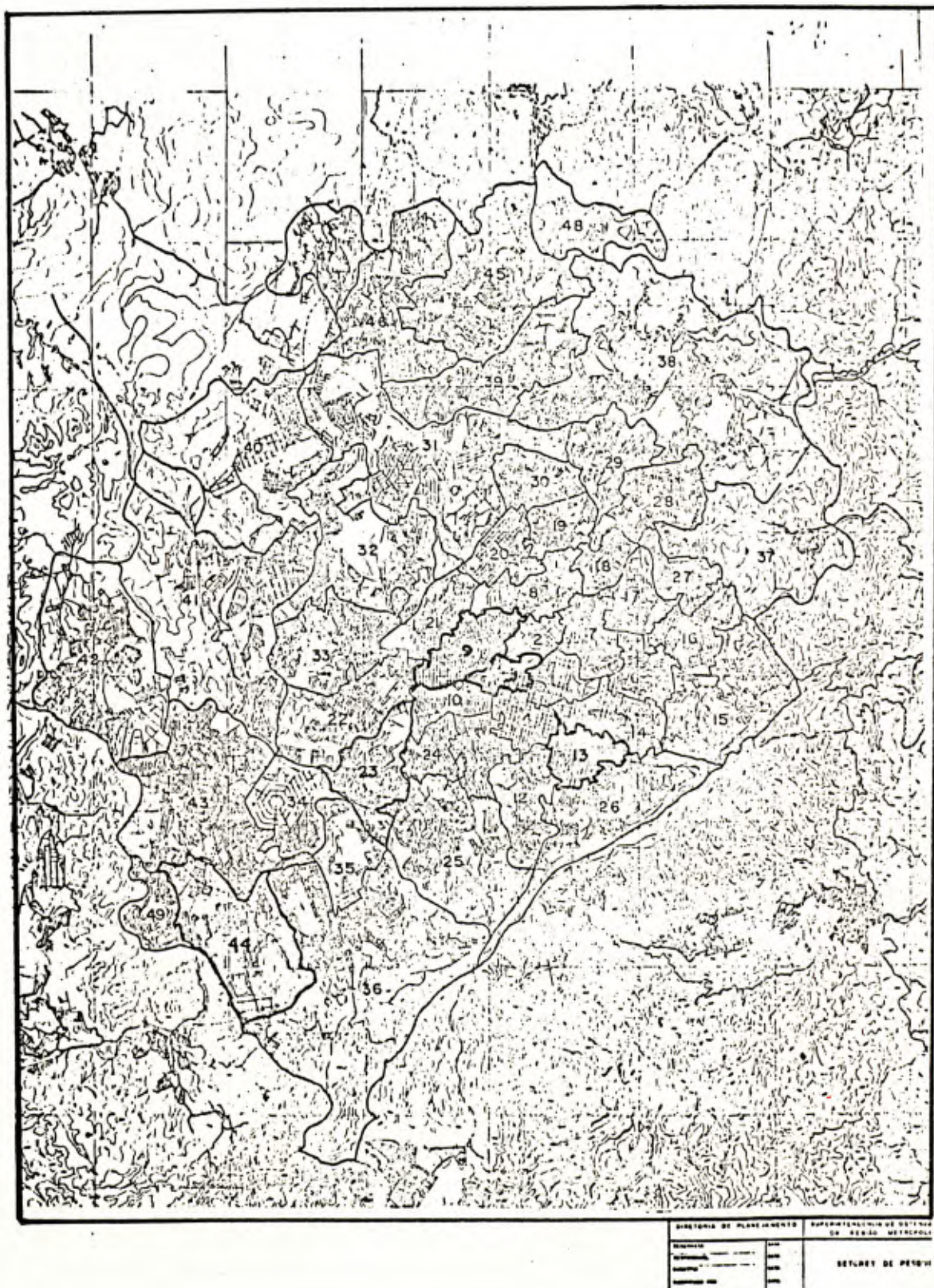
# PLANTA POLIVISUAL DA CIDADE DE BELO HORIZONTE

ESCALA 1:20000  
FOTOGRAFIA AEREA 1961  
2ª EDIÇÃO  
ATUALIZADA



ANEXO II

PLANTA DA CIDADE DE BELO HORIZONTE DIVIDIDA EM SETORES PPM.

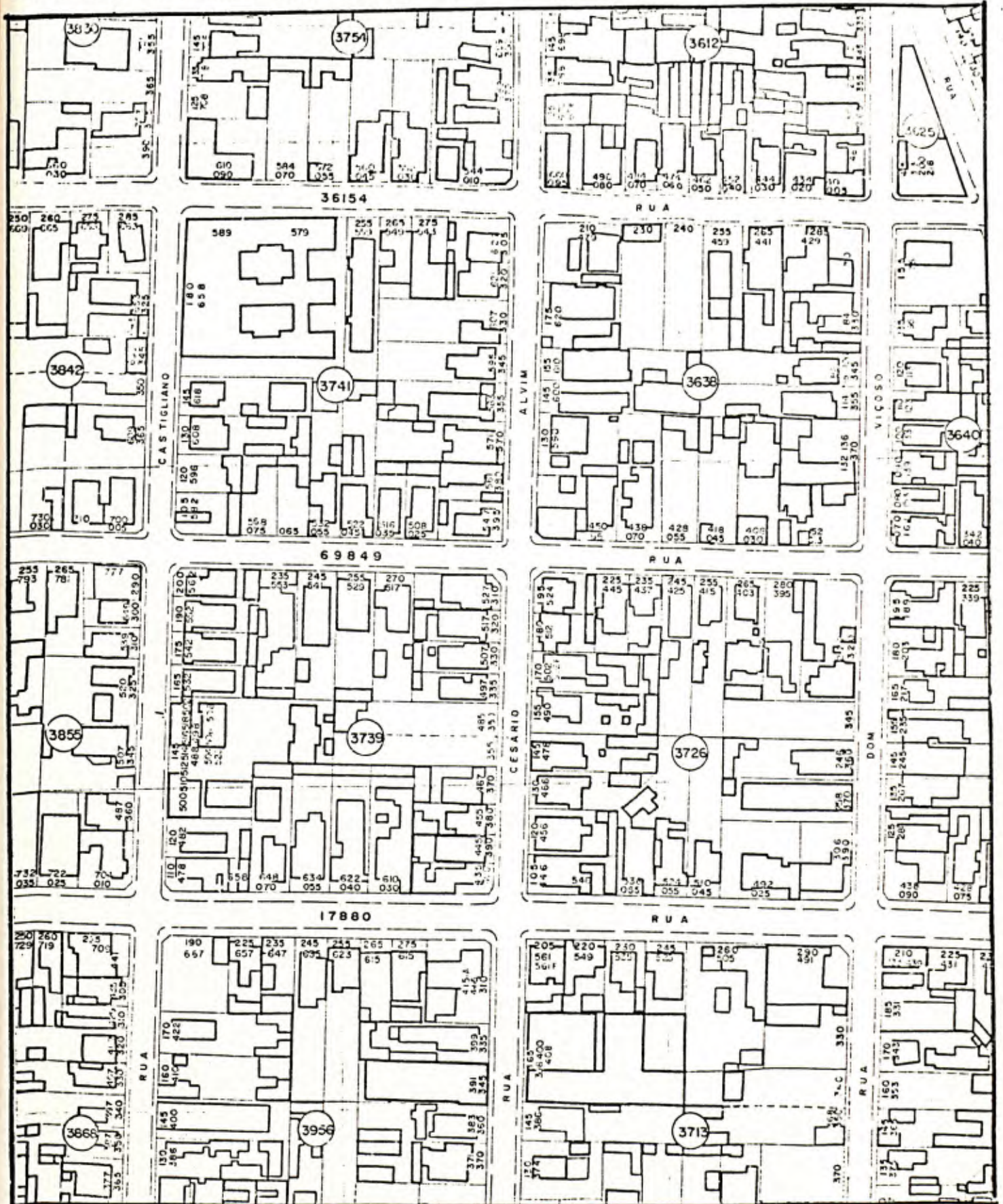






ANEXO V

FRAGMENTO DA PLANTA DOS SETORES 3N e 9N (Área 3).



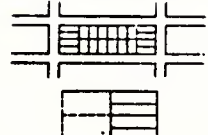
LIMITE DE SETOR

LIMITE DE LOTES F QUARTEIRÕES

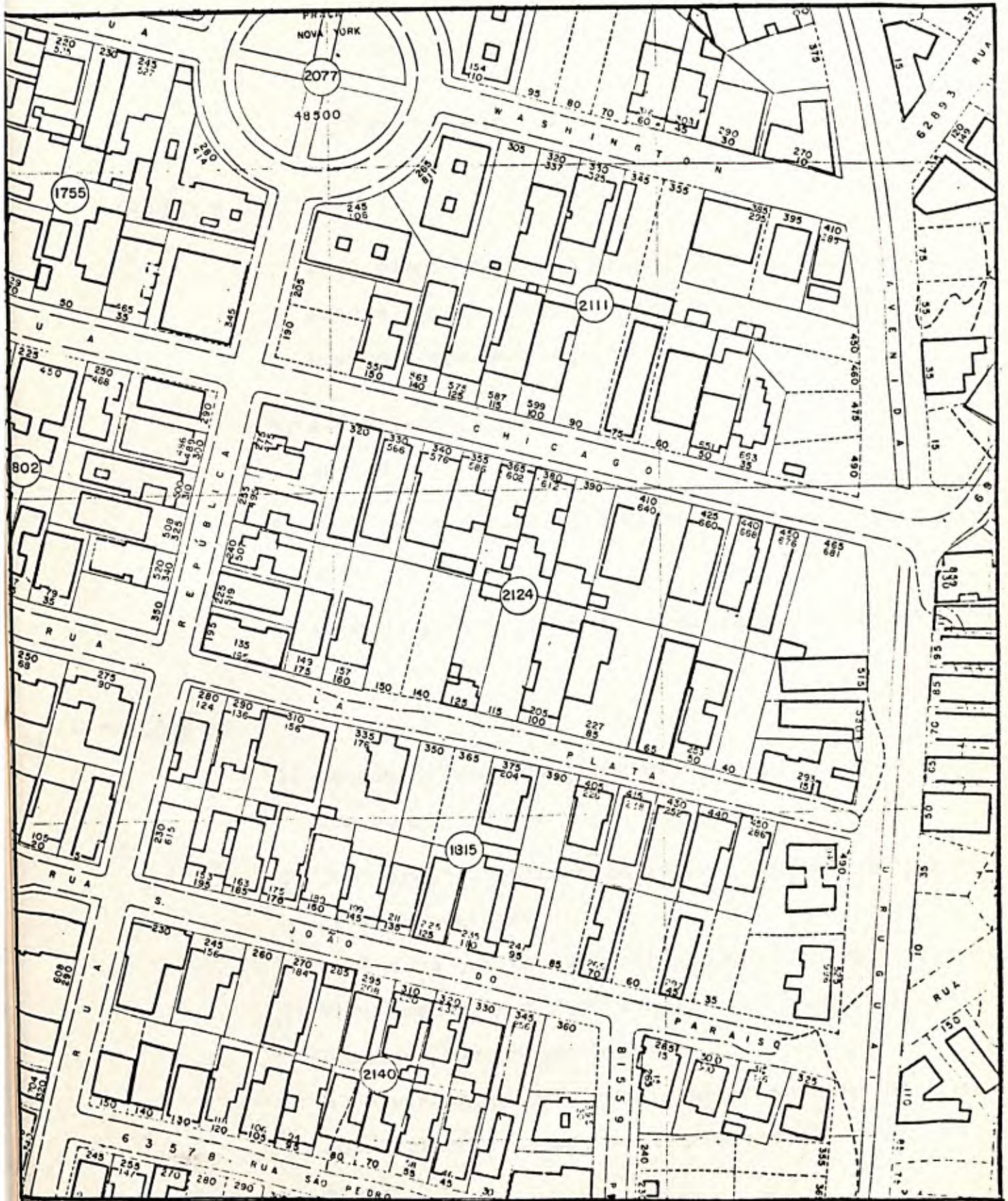
LIMITE INDEFINIDO DE LOTE E QUARTEIRÃO

LIMITE DE LOTEAMENTO

LIMITE DE FAVELA



ANEXO VI  
FRAGMENTO DA PLANTA DO SETOR 13N (Área 4).



## ANEXO VII

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### A - Origem e habitação

- 1) Você sempre morou no bairro "X"? (Se não, em que outros lugares morou antes? Por que se mudou? Há quanto tempo mora aqui?)
- 2) A sua família reside, toda ela, aqui em Belo Horizonte?
- 3) Você gosta do bairro onde mora? (Se não gosta, por quê?)
- 4) Você já pensou em morar em outro lugar? Onde?

#### B - Infância

- 1) Quando criança você costumava brincar muito? Onde? Com quem?
- 2) Como eram ou quais eram as brincadeiras de que você mais gostava?
- 3) Você acha que foi uma criança muito levada? Por quê?
- 4) Você costumava brigar sempre? Com quem? Por quê?  
(Descreva uma dessas brigas)
- 5) E seus amigos, como eram eles? Lembra-se de algum acontecimento interessante (engraçado) ocorrido com eles?
- 6) Na escola, que matéria mais lhe agradava (ou agrada)? Por quê?
- 7) Algum de seus professores daquela época marcou profundamente a sua vida? Como?

- 8) Como eram tratados os considerados "maus-alunos"?
- 9) Você é a favor de castigos? Por quê?
- 10) Quais eram as ocasiões de festa de que você e seus colegas mais gostavam?
- 11) Como eram essas festas?
- 12) Você seria capaz de lembrar o dia mais feliz de sua infância?
- 13) Como era(ou é) o seu relacionamento com seu pai? E com sua mãe?
- 14) O que você sente ao falar daqueles tempos? Gostaria que eles voltassem? Acha que eram melhores que hoje? Por quê?

#### C - Atividades profissionais

- 1) Você estuda? (Onde? Que curso está fazendo? Gosta? Por que estuda nessa escola? Qual é o professor mais legal que você tem? Por que ele é o mais legal?)
- 2) Você trabalha? (Onde? Com quê? Gosta do que faz? Já trabalhou em profissão diferente? Quando? Por que mudou? Com quantos anos você começou a trabalhar? Por quê? Acha que todo mundo deve trabalhar desde cedo? Já esteve desempregado em alguma época de sua vida? Por quê? Trocaria seu emprego por outro?)
- 3) Você acha fácil ter um emprego atualmente?
- 4) Na sua opinião, o sucesso profissional está ligado ou depende do número de diplomas que a pessoa tem?
- 5) O que você (sabe) ou pensa da crise de desemprego no Brasil atualmente?

D - Lazer e concepções de vida

- 1) Além de trabalhar e/ou estudar, o que você costuma fazer?
- 2) Você gosta de teatro, cinema, música, dança, viagens? (Costuma viajar sempre? Pra onde?)
- 3) Costuma ver televisão? (Que programas prefere?)
- 4) Torce pra algum time? Qual? (Costuma assistir todos os seus jogos?)
- 5) Pratica algum esporte? Qual? Desde quando?
- 6) Frequenta algum clube? Qual?
- 7) Você tem namorado(a)? (Por quê?) Desde quando vocês namoram? Já teve outros(as)? Gostou ou gosta de alguém?
- 8) Você está casado(a) há quanto tempo? Teve muitos(as) namorados(as)? Onde e como conheceu seu(a) esposo(a)?
- 9) Na sua opinião, o casamento é indispensável? Por quê?
- 10) O que você acha da posição da mulher na sociedade moderna?
- 11) Você é a favor do divórcio? Por quê?
- 12) Você se considera preconceituoso? Acha que existe muito preconceito entre as pessoas? Quais?
- 13) Você tem muitos amigos? Como são eles? Quem é o seu melhor amigo? Onde, quando e como vocês se conheceram?

E - Perigo de vida

- 1) Você já teve alguma doença grave? Qual? (Já esteve num hospital? Quando? Por quê?)
- 2) Você já esteve em alguma situação em que pensou que ia morrer? Como foi?

- 3) Você já presenciou algum acidente sério? Como foi?
- 4) O que você mais teme? Por quê?
- 5) Acha possível que certas pessoas nunca sintam medo?  
Por quê?

#### F - Religião

- 1) Você frequenta alguma igreja? Qual? Desde quando?
- 2) Todos os membros da sua família pertencem a essa religião?
- 3) Quais são as principais comemorações realizadas na sua igreja? Você participa delas com frequência?
- 4) Você acredita em milagres? Conhece caso de algum?
- 5) Você acredita numa outra vida depois da morte? Por quê? Acredita na reencarnação?

#### G - Sonhos

- 1) Você se lembra com frequência dos sonhos que tem?
- 2) De que tipo de sonho você mais gosta? Por quê?
- 3) Você já teve algum pesadelo? Pode contá-lo?
- 4) Você costuma falar ou andar enquanto dorme? Conhece alguém que costuma fazer isso?

#### H - Sobrenatural

- 1) Em alguma ocasião você já sentiu a presença do sobrenatural? (Esta situação depois teve uma explicação natural?)
- 2) Havia algum lugar onde você não ia (não tinha coragem de ir) quando criança? Por quê? E hoje?

- 3) Você já sentiu a sensação de estar fazendo algo que já foi feito antes, exatamente da mesma maneira? Como você explica isso?
- 4) Já aconteceu alguma vez você( ou pessoa que você conhece) dizer ou sonhar com algo e depois isso vir a acontecer realmente? Como foi?
- 5) Você acha possível alguém prever o futuro lendo cartas? Através da bola de cristal? Lendo as linhas da mão?
- 6) Pra você, o que é anjo-da-guarda? (Você acha que alguém pode estar acompanhado de um espírito mau?)
- 7) Você já testemunhou, ou ouviu falar, de alguma casa que precisou ser benzida porque nela aconteciam fatos estranhos? Como foi?
- 8) Você acredita em discos-voadores? Conhece alguém que tenha visto algum?

#### I - Festas e ocasiões especiais

- 1) Como você passou o seu último aniversário?
- 2) O que você costuma fazer no Natal? Acreditou em Papai-Noel por muito tempo?
- 3) Você gosta de carnaval?
- 4) Que outras datas você e sua família costumam comemorar?

#### J - Aspirações

- 1) Você pretende estudar mais? Que profissão você pretende exercer? Por quê?
- 2) Se você ganhasse sozinho o prêmio da Loto ou da Esportiva, o que você faria?
- 3) Você acha que o dinheiro traz a felicidade?
- 4) Qual é o maior sonho de sua vida?

A N E X O VIII

CODIFICAÇÃO USADA PARA IDENTIFICAÇÃO DOS DADOS

Número de Informante	Sigla do Informante	Sexo do Informante	Idade do Informante	Grupo Social do Informante	Numeração dos dados encontrados
1	MAP	F	J	B	1 - 46
2	SAN	F	J	B	1 - 63
3	RJC	M	J	B	1 - 82
4	JCF	M	J	B	1 - 36
5	MLS	F	A	B	1 - 36
6	IRE	F	A	B	1 - 72
7	OCI	M	A	B	1 - 47
8	JOA	M	A	B	1 - 27
9	ACG	F	J	O	1 - 64
10	AAS	F	J	O	1 - 54
11	LCS	M	J	O	1 - 41
12	REF	M	J	O	1 - 67
13	EAR	F	A	O	1 - 52
14	FPF	F	A	O	1 - 33
15	VFM	M	A	O	1 - 39
16	FNE	M	A	O	1 - 14
17	NVA	F	J	M	1 - 23
18	CMR	F	J	M	1 - 20
19	WGG	M	J	M	1 - 71
20	JCP	M	J	M	1 - 36
21	ESC	F	A	M	1 - 47
22	NNR	F	A	M	1 - 152
23	JCB	M	A	M	1 - 164
24	RBC	M	A	M	1 - 69
25	MPF	F	J	A	1 - 42
26	FRF	F	J	A	1 - 24
27	RGP	M	J	A	1 - 90
28	RRF	M	J	A	1 - 74
29	LAA	F	A	A	1 - 84
30	MAR	F	A	A	1 - 123
31	LRS	M	A	A	1 - 70
32	HJL	M	A	A	1 - 51

TOTAL DE DADOS = 1.913